



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**ADELIANA ALVES BARROS**

***“O CEMITÉRIO DOS VIVOS”*: A EXPERIÊNCIA MANICOMIAL DE LIMA  
BARRETO.**

**FORTALEZA – CE**

**2016**

ADELIANA ALVES BARROS

“*O CEMITÉRIO DOS VIVOS*”: A EXPERIÊNCIA MANICOMIAL DE LIMA BARRETO.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Frederico de Castro Neves.

FORTALEZA - CE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

B1" BARROS, ADELIANA ALVES.  
"O CEMITÉRIO DOS VIVOS"; A EXPERIÊNCIA MANICOMIAL DE LIMA BARRETO /  
ADELIANA ALVES BARROS. – 2016.  
170 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2016.  
Orientação: Prof. Dr. FREDERICO DE CASTRO NEVES.

1. LIMA BARRETO. 2. LOUCURA. 3. EXPERIÊNCIA MANICOMIAL. 4. ESCRITA DE SI. I. Título.  
CDD 900

ADELIANA ALVES BARROS

“O CEMITÉRIO DOS VIVOS”: A EXPERIÊNCIA MANICOMIAL DE LIMA BARRETO.

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Frederico de Castro Neves (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira  
Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Prof. Dr. Francisco Carlos Jacinto Barbosa  
Universidade Estadual do Ceará- UECE

A Tonny Ítalo, eterna saudade e lembrança.

No entanto nos rebelamos contra o direito concedido a homens - limitados ou não - de sacramentar com o encarceramento perpétuo suas investigações no domínio do espírito. E que encarceramento! Sabe-se - não se sabe o suficiente - que os hospícios, longe de serem asilos, são pavorosos cárceres onde os detentos fornecem uma mão-de-obra gratuita e cômoda, onde os suplícios são a regra, e isso é tolerado pelos senhores. O hospício de alienados, sob o manto da ciência e da justiça, é comparável à caserna, à prisão, à masmorra.

Antonin Artaud. Carta aos Médicos-chefes dos Manicômios. (1925)

## AGRADECIMENTOS

Apesar da solidão que atravessa o exercício da escrita e as pessoas dessas capitais, da alucinação que é suportar o dia a dia e do delírio que é a experiência com as coisas reais, cumpri com meu duro dever, contando com os meus corações fora do peito, que alcançaram e compreenderam o meu sonho, por saberem que “amar e mudar as coisas me interessa mais”.

O ACREDITAR se fez necessário para que eu conseguisse realizar a pesquisa, a escrita, as leituras e os questionamentos e foi essencial para que eu conseguisse montar o quebra-cabeça de uma parte da trajetória de Lima, constituída por dores, lutas, medos, injustiças, exclusão, questionamentos, descrenças e loucura. Questões peculiares à vida!

E, diante de sorrisos e lágrimas, sonhos e frustrações, medo e coragem, alegrias e tristezas, perdas e conquistas, força e apatia, sintonias e divergências, semelhanças e disparidades, recusas e amor, a Rita sempre esteve e sempre estará comigo. Veio dela o desejo de estudar. Obrigada MÃE!

A doçura e a força que carrego são heranças da mulher que mais admiro na vida, minha mãe com açúcar, minha “vó” Maria Socorro. Ela que me deu morada e colo ao assumir a neta e as dificuldades iniciais de uma filha, que teve que ser mãe e pai.

Às tias Edivanda, Lândia e Vanda, pelo acolhimento e por demonstrarem que laços sanguíneos podem ser constituídos por afeto.

Àquele que de maneira torta e ausente foi meu pai. Todavia, com tempo e jeito se fez presente no seguir da vida. Obrigada pela admiração e incentivo, Chico.

À Renata, à Marina e à Juliana, amigas de tantos anos, irmãs que a vida me deu. Amo vocês!

Renata, obrigada pela admiração que me faz acreditar que sou capaz! Entre dessemelhanças e equidades, o amor é a base do nosso caminhar. Grude, que daqui a cem anos você esteja ao meu lado.

Marina, obrigada por compartilhar a vida comigo e pela incessante presença, ainda que morando no Recife. Nina, te agradeço por todo apoio afetivo, psicológico e material nessa reta final tão difícil. Você me ajudou a conseguir!

Juliana, tantos anos de amizade, uma tréguia, um recomeço... e o partilhar de uma vida. Obrigada por estar ao meu lado nos sonhos, nas lutas cotidianas, nas aventuras das madrugadas, nos papos descompromissados das sextas à noite, nas metas e projeções da vida

adulta, na embriaguês dos sonos matinais, nos projetos de mudar o mundo, nas cervejinhas que nos ajudam a encarar a batalha, nas confidências, nas lágrimas, nos risos, nos carnavais, no desejo de se jogar nesse mundão, no abraço que espanta o medo da morte, no amanhã. Jubiscleuda, te agradeço imensamente pelas leituras do trabalho, pelos diálogos tão necessários à pesquisa, por acreditar e incentivar todo o processo do mestrado, pelos elogios impulsionadores e pelo o amor à loucura.

Leo, obrigada pela amizade incondicional e por me fazer ter certeza de que nunca estarei sozinha. Te amo! “Não quero o que a cabeça pensa eu quero o que a alma deseja”.

Às minhas amigas de infância Laura, Marcela, Najla e Adriana... Vocês me viram crescer, traçar sonhos, me tornar historiadora e agora mestre. Obrigada por todo amor e paciência que uma amizade de tantos anos requer.

Ao Lucas por caminhar lado a lado e por me seguir tão de perto. “Quero uma balada nova, falando de brotos, de coisas assim, de money, de banho de lua, de ti e de mim. Um cara tão sentimental.”

Juliana Basílio, obrigada por tudo! A grande parceira da história que estive comigo desde o começo da graduação, no PET e que ao meu lado permanece. Tua transformação me inspirou! Desculpa pelas vezes que me calei, mesmo sabendo que em ti encontraria acolhimento. Era coisa de um coração que “só entende o que é cruel, o que é paixão”.

À Clarissa, por toda sensibilidade, pelas conversas infundas, pelos desabafos e pelas utopias que instigam a alma. “E pela minha lei, a gente era obrigada a ser feliz”.

À Gabi e Ao André, verdadeiros presentes nesse meio de vaidades e competições. Por vocês, o mestrado já valeu a pena.

À Tia Gorete, que com seu tom maternal e acolhedor me faz sentir que pertencço à sua casa e à sua família, demonstrando que carinho transcende aos laços sanguíneos.

Ao Hugo, amigo valioso, que de saudades quase me mata, mas que se faz presente em lembranças doces e imensuráveis. Obrigada por insistentemente dizer que eu sou capaz e por sempre desligar o telefone dizendo: “eu te amo”!

Ao Gui, que tanto quero bem. Te agradeço por todos esses anos de parceria em horas felizes e tristes.

À Yanna, ao Dudu e à Dani, que viram o começo do sonho de fazer história e que torcem por todos outros. Sinto falta de quando compartilhávamos o cotidiano, no entanto, a certeza da força dessa amizade é sentida todos os dias.

Ao Javan, por toda afinidade, por “comprar minha briga”, por ouvir atentamente essa tagarela, pelas leituras do trabalho seguidas de elogios e de apontamentos precisos, pelo incentivo e pelo afeto.

Ao Marley e ao Zé Lucas, amigos desde os primeiros momentos de graduação e que permanecem ao meu lado pelo encanto da amizade.

Ao Pedro, que com sua serenidade e doçura me deu colo, carinho e tranquilidade em meio ao caos.

À Jormana, que me deu de presente sua amizade e seu respeito. Obrigada pelas leituras atentas e incentivadoras, pelas confidências amorosas, pelas trocas historiográficas, pelos cafés nos intervalos dos estudos e pelas cervejinhas libertadoras.

À Rayanne, ao Fábio, ao Zé Maria, ao Helton e ao Renan pelas risadas, cafés, noitadas e afeto.

Ao PET (Programa de Educação Tutorial), aos amigos e aos tutores que fizeram parte da minha formação. Obrigada por estimular minha vida acadêmica, por me mostrar o quão essencial é a relação universidade e sociedade através do trabalho realizado na Comunidade de Ponta Grossa. Obrigada pelas leituras enriquecedoras, pelos debates formadores, pelos enfrentamentos necessários, resultantes da convivência num espaço de pessoas tão díspares e pelas experiências diversas nos três anos que fiz parte do grupo.

Ao professor João Ernani Furtado Filho, que numa conversa na disciplina de Teoria I, me trouxe o Lima Barreto como possibilidade de estudo para pensar a relação intelectual/loucura e, que gentilmente me indicou uma extensa bibliografia que perpassou todo o trabalho, além de me dar o meu primeiro *Cemitério dos Vivos*, livro fundamental à pesquisa.

À professora e amiga Adelaide Gonçalves, por toda generosidade, confiança, estímulo e afeto. Obrigada pelas indicações de leituras, pelos livros emprestados, por abrir o Plebeu às nossas pesquisas, lugar de pesquisa, conversas e militância. Obrigada por nos chamar à luta, pela Jornada Universitária Pela Reforma Agrária, pela rebeldia, força, criatividade, cores, inteligência e transgressão. Obrigada por compor a banca de qualificação e de defesa, trazendo questões urgentes à pesquisa e à minha formação como historiadora.

À professora Irenísia Torres Oliveira, por todas as sugestões, indicações de leituras e por gentilmente compor a banca de qualificação, apontando grandes melhorias ao trabalho.

Ao professor Francisco Carlos Jacinto Barbosa, pela gentileza em aceitar o convite para integrar a banca de defesa e pelos apontamentos, sensíveis, acurados e imprescindíveis ao aprimoramento do trabalho.

À querida Luciana, que tanto me ajudou nesses mais de dois anos de mestrado. Obrigada por todas as informações, dicas, favores e principalmente pela amizade nascida num meio burocrático e trivial.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo fomento à pesquisa.

Ao professor Fred, peça essencial dessa engrenagem! Obrigada por acolher minha ideia quando ela era apenas um rascunho, por me ajudar a escolher os rumos a serem seguidos durante a caminhada, por se deixar envolver com a experiência do “louco” Lima Barreto, por me fazer ver que a vida acadêmica não é só produtividade e títulos, demonstrando que há companheirismo, generosidade e amizade. Obrigada por ter esperado o tempo necessário para que eu recuperasse as forças diante de uma perda, por me dar autonomia e por me mostrar o quão é valiosa. Te agradeço por todas as indicações de leituras, pelas correções, pelas sugestões enriquecedoras, por me fazer entender um pouco mais dessas coisas de História, pelas conversas fluidas, serenas, leves e formadoras. Eu não teria conseguido se não contasse com a tua parceria.

Ao Lima Barreto, fonte de inspiração, de inquietações, de angústias, de admiração e de cansaço.

## RESUMO

O ponto de partida desta investigação é a experiência manicomial do escritor Lima Barreto, internado como paciente psiquiátrico, em 1914 e 1919, no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro. A partir da análise do escritor acerca do “espetáculo do hospício”, descrito como “lugar que condena os sujeitos à morte em vida”, presente nas obras *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos Vivos*, dedicamo-nos à observância e à análise do surgimento da ciência psiquiátrica e de seus pressupostos, advindos, sobretudo, da Europa, e executados no Brasil, pensando a loucura como uma problemática indissociavelmente médica e social. Analisaremos, portanto, a partir da “escrita de si” de Lima Barreto, dos documentos produzidos pela instituição responsável pela sua internação (prontuários médicos) e dos trabalhos voltados a pensar a psiquiatria e a loucura como doença mental, a experiência manicomial a partir do próprio louco, a história das teorias psiquiátricas definidoras e legitimadoras daquilo que era normal e patológico, a classificação e a criação do espaço institucional medicalizado, o cotidiano no espaço asilar e a especialização médica voltada a curar a loucura. A partir desses materiais, pensamos sobre a imposição de uma relação de poder entre o médico e o doente, as práticas em torno dos “insanos”, o confisco da “loucura” pelo olhar especialista do médico e os sujeitos que compunham o arsenal teórico da psiquiatria, expostos às suas terapias e práticas, que, na maioria das vezes, eram pobres, negros e trabalhadores braçais, perspectiva que compreende uma questão iminente social, muito embora elaborada como doença.

**Palavras-chave:** Lima Barreto; Loucura; Experiência manicomial; Escrita de si.

## ABSTRACT

The starting point of this investigation is the asylum experience of writer Lima Barreto, admitted as a psychiatric patient in 1914 and 1919, to the Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro. From the writer's analysis of the "asylum spectacle", described as "a place that sentences to social death", that appears on *Diário do Hospício* and *O Cemitério dos Vivos*, this paper reviews the beginning of psychic science and its assumptions originated mostly from Europe and performed in Brazil, presuming madness as an inseparable medical and social problematic. An analysis will be made based on the "self-writing" of Lima Barreto, from the documents produced by the institution responsible for this admission (medical charts) and the works toward thinking psychiatry and madness as a mental disease. The asylum experience from the insane himself, the history of psychiatry theories that defined and legitimated what were normal and pathological, the classification and creation of the medical institutional space, the routine of the asylum and the medical specialization towards healing insanity. From those resources, was considered the imposition of a power relation between the doctor and the sick individual, the practices around the "insane", the confiscation of "madness" through the physician's specialist point of view, and the subjects that were part of the psychiatry theory research, exposed to their therapy and practices, that, in most part, were poor, black and handymen, from a perspective that comprehends an eminently social topic, although elaborated as a disease.

**Keywords:** Lima Barreto; Insanity; Asylum experience; Self-writing.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 – LIMA BARRETO E A LOUCURA.....	24
1-1 A vida entre a loucura.....	24
1-2 O “escritor maldito” e a República das letras: militância, lucidez e devaneios .....	39
1-3 Os Escritos Barretianos sobre a Loucura.....	54
2 – “AS PROSÁPIAS SABICHONAS” DA CIÊNCIA: CRÍTICA E IRONIA DE LIMA BARRETO .....	72
2-1 A Ciência e os seus pressupostos: normas e dissonâncias .....	72
2-2 O veneno social: alcoolismo, loucura e pobreza .....	90
2-3 “Em vez de tomar chá com torrada ele bebeu parati” .....	103
3 – O CEMITÉRIO DOS VIVOS .....	119
3-1 A casa dos loucos: a experiência manicomial de Lima Barreto .....	119
3-2 A <i>escrita de si</i> de Lima Barreto .....	140
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	156
5 – REFERÊNCIAS .....	161
6 – BIBLIOGRAFIA .....	164

## INTRODUÇÃO

Eu ali, naquele hospício, no meio da vida, com tantas dores na vida, as que me vieram sem culpa minha, inclusive a minha organização, as que eu mesmo engendrei, cheio de vida e bondade, não bem a morte que eu queria, não era o aniquilamento da minha pessoa, a sua fragmentação até o infinito, nas coisas e nos seres, era outra vida, mais cheia de amor, de crença, de ilusão, sem nenhum poder de análise e isenta de toda e qualquer capacidade de exame sobre mim mesmo.<sup>1</sup>

A loucura, com suas nuances de genialidade e seus sujeitos muitas vezes silenciados, transformados em delírios e diagnósticos, privados de liberdade e de razão, gerou inquietações que, respaldadas pela história social, nos levaram à investigação do universo da loucura com seus sujeitos excluídos e estigmatizados.

A ciência psiquiátrica – campo de saber especializado, disseminador de preconceitos, de pressupostos e de terapias inconteste, legitimado pelo Estado e pela sociedade que apoiavam as internações forçadas – e o hospício – instituição medicalizada, palco de experimentos e morada dos indesejáveis – carregam dimensões essenciais à nossa pesquisa, que tem como objetivo primeiro investigar a experiência manicomial do escritor carioca Lima Barreto, paciente psiquiátrico do Hospício Nacional de Alienados, no começo do século XX, alcançando a experiência da reclusão a partir do excluído.

O desejo em adentrar o universo da loucura, sob a perspectiva de um intelectual, surgiu antes da graduação em história, quando, em uma conversa com minha avó, ela afirmou que aqueles que muito estudam acabam por enlouquecer e citou alguns exemplos que conheceu em sua trajetória. Ali, percebi que a linha tênue entre loucura e genialidade perpassa não só o campo da experiência, mas também o do simbólico, em que sujeitos com gostos atípicos, reclusos, introspectivos, estudiosos e que não cumprem com os padrões determinados socialmente são apreendidos pelo imaginário social como diferentes, anormais e loucos.

Tomando como ponto de partida a loucura em sua dimensão social e a partir de sua simetria com a genialidade, nos dedicaremos a pensar a experiência manicomial do escritor Lima Barreto, partindo de suas duas internações no Hospício Nacional de Alienados do Rio

---

<sup>1</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 240.

de Janeiro, a primeira de 18 de agosto a 13 de outubro de 1914 e a segunda de 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920. Buscando compreender a vivência em um hospício, vislumbrando alcançar as dimensões individuais e coletivas do escritor, nos centrando nas especificidades do seu olhar, narrado em sua “escrita de si”. Assim, os seus testemunhos sobre a loucura,<sup>2</sup>, também são relevantes para a nossa investigação por demonstrarem o quão significativo é o tema da loucura no conjunto de sua obra.

Os prontuários e livros de registros produzidos pela instituição psiquiátrica acerca de sua internação, arquivados na Biblioteca Pública de Psiquiatria da UFRJ (IPUB), referenciaram a pesquisa, tendo em vista que, através deles, podemos acessar o olhar e o saber do especialista e, a partir do cruzamento dessa documentação com os escritos de Lima, pensaremos a vivência no “cemitério dos vivos”.

Olhar a loucura enquanto processo encadeado no tempo, complexificando e ampliando as possibilidades de análise dos sujeitos estigmatizados como loucos, refletindo acerca das ações e comportamentos de indivíduos capazes de nos fazer indagar a lógica da sociedade “sã”, problematizando a negação feita à inteligibilidade dos mesmos que, numa linguagem distorcida e não convencional, apresentaram ideias, valores e desejos de seus contemporâneos, se fizeram urgentes na pesquisa.

O interesse em estudar o tema justifica-se por percebermos a experiência social da loucura vivenciada por Lima Barreto como de grande relevância para se alcançar o sujeito estigmatizado como louco e para a compreensão da vida em um hospício. Partiremos da experiência da exclusão narrada nos escritos autobiográficos do escritor – raro documento para a história da loucura e da psiquiatria no Brasil – atentando para as angústias, os medos, as resistências, os silêncios e para a relação estabelecida pelo escritor com os demais pacientes, com os médicos, com os funcionários do hospício e com a própria sociedade. Com isso, buscamos alcançar a problemática em torno da loucura e de como era ser louco no Brasil da Primeira República, uma vez que pensamentos, sentimentos, denúncias e desabaços foram expressos de dentro do hospício, elucidando questões que tangenciavam a vida daqueles perpassados pela doença mental e que muitas vezes foram silenciados.

---

<sup>2</sup> Principalmente *Diário do hospício* (Autobiográfico/1920), *O cemitério dos vivos* (Romance autobiográfico/1921) e *Diário Íntimo*. Além dessas obras, outros escritos tangenciam a questão da loucura, como: *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1907), *Os Bruzundangas* (1922, ano de sua morte), *Clara dos Anjos* (concluído em 1922, publicado em 1948), *Marginália* (1956/ póstumo), *Coisas do Reino do Jambon* (1956/ póstumo), os contos *Como o Homem Chegou* (1914), *Dentes Negros, Cabelos Azuis*, do livro de contos *Histórias e Sonhos* (1920) e *O único assassinato de Cazuza*, e os textos publicados em periódicos que Lima Barreto contribuiu, como *A. B. C* e a **Revista Floreal**; e a entrevista concedida por ele de dentro do hospício ao *Jornal A Folha*, em 31 de janeiro de 1920.

Levaremos em conta aspectos relacionais, como a dimensão social da loucura e as internações a partir do sequestro, método utilizado na Idade Média, segundo nos aponta Michel Foucault, em *História da Loucura*. Problematizaremos a lógica social discriminatória que colocava os pobres como o alvo principal das teorias da medicina social, o alargamento do campo de atuação da psiquiatria, as teorias e terapias executadas, a aderência por parte da sociedade, a instituição manicomial e a literatura engajada, de resistência e dedicada à transformação social realizada pelo escritor.

Entendemos, pois, a experiência da exclusão como um elemento capaz de elucidar discursos e práticas exercidas em torno do louco pela sociedade da Primeira República, além de revelar aspectos de resistências de indivíduos tornados invisíveis, elucidando vestígios das múltiplas vozes e posturas que coexistiam no espaço asilar. Nos atentaremos, sobretudo, às vozes suprimidas pela fala dos especialistas.

A partir do conceito de “experiência”, de Edward P. Thompson, exposto em “Miséria da Teoria”,<sup>3</sup> compreendemos que, ao teorizarmos a história real da vida de sujeitos concretos, encontramos o fundamento para nossa análise. Além disso, não devemos engessar a experiência desses mesmos sujeitos por meio de modelos estruturantes que anulam as suas ações de transformação social e histórica. Logo, ao pensarmos sobre as experiências do “louco” Lima Barreto, evitaremos generalizações e psicologismos que o tornariam vítima ou herói do processo analisado, buscando apreender como o escritor afetou e foi afetado pelo processo vivenciado no hospício e pela sua relação com a loucura, desde a infância.

Para isso, investigaremos o cotidiano da “instituição total”<sup>4</sup> de maneira sensível e ampla, sem deixar de olhar para a sociedade extra-muros, pensando acerca dos sujeitos vistos como pacientes em potencial pela psiquiatria, alcançando as práticas de resistências empreendidas pelos “loucos”, a exemplo da “escrita de si” de Lima Barreto. Talvez na tentativa de suportar e resistir à internação no “cemitério dos vivos”, o escritor expôs suas memórias dos tempos passados na “casa dos loucos” através de um diário.

O estigma e a exclusão ocasionados pelo diagnóstico da loucura são elementos que elucidam as práticas de dominação e os discursos exercidos sobre os pacientes psiquiátricos, vistos como “anormais”. Ao analisarmos o “louco” e o espaço asilar, nos deparamos com o outro lado, como o sujeito e o lugar do contrário, da assimetria, que confirma e subverte o modelo instituído pelo seu tempo. Ao partirmos deste referencial metodológico, será

<sup>3</sup> THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>4</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

necessário um olhar atento e reflexivo às ações humanas através das vivências cotidianas, investigando as ações concretas de nosso objeto, tentando perceber as minúcias, as contradições, as recusas e as anuências de Lima Barreto com o seu tempo. Nesse movimento, acreditamos ser possível nos deparar e discutir as concepções acerca da loucura, do hospício e da psiquiatria com suas verdades construídas e disseminadas.

Examinando não o inconsciente, mas a sua consciência, nos atentaremos àquilo que Lima Barreto disse acerca da sua experiência com a loucura e com o mundo que o cercava, no intuito de compreendermos os seus testemunhos de temores, angústias, injustiças, esperanças, resistências e, sobretudo, do que era ser louco ou considerado louco no Brasil da Primeira República.

A loucura aparece em suas narrativas não só como uma dimensão importante da sua vida privada, mas como um aspecto social relevante para se pensar o Rio de Janeiro do começo do século XX, visto que, através dessa temática, o literato examinou e problematizou valores aceitos como verdades e costumes firmados como corretos, questionando instituições do período, como a Ciência, a Política e a Polícia. As suas vivências forneciam elementos fundamentais para suas reflexões sobre a loucura, que voltavam-se para o questionamento das certezas científicas.

Com suas obras, o escritor elucida sua visão de mundo, analisando sob vários prismas a sociedade à qual pertencia, dando ênfase ao atípico, aos fora de lugar e aos marginalizados, trazendo os sujeitos e suas experiências para o primeiro plano da narrativa, negligenciados muitas vezes pela literatura oficial da época.

Nada mais fora do lugar do que o próprio Lima Barreto. Mestiço, nascido no subúrbio, mas que transitou no mundo das letras e da ciência. Filho de um antigo tipógrafo que passou a administrar a Colônia de Alienados da Ilha do Governador e, assim, desde muito pequeno teve contato com indivíduos diagnosticados como loucos. Buscou o anel de doutor para realizar o desejo do pai, foi funcionário do Ministério da Guerra, algo que não o satisfazia, e dividiu-se entre o subúrbio – sua geografia simbólica – e os cafés – redutos da boêmia e da intelectualidade carioca. A literatura era o fundamento da sua vida!

Apesar do social costurar toda a sua obra, Lima Barreto não se ajustava. Buscava a elevação do espírito e o alcance da humanidade plena, não se adaptava à correria e ao arrivismo da sociedade voltada ao progresso e à acumulação de riqueza. Os sonhos foram perdidos em detrimento da rejeição e da marginalização e o desajuste foi exposto no corpo e na escrita, como um grito que a sociedade se negou a ouvir ao tentar silenciá-lo através da recusa ao literato e do enclausuramento do “louco”.

Exímio observador de seu tempo, recuperou através de seus personagens a humanidade esquecida pela fluidez da notícia e da literatura comercial. Empenhou-se na literatura militante, responsável, sincera e engajada socialmente. Falou dos sujeitos comuns e do seu cotidiano, negando o emblema: “literatura sorriso da sociedade”. Utilizou o particular para alcançar o social e fez da realidade o fundamento de sua literatura.

Seus personagens, execrados socialmente por conta da raça, dos costumes, da posição social e da loucura, como Policarpo Quaresma, Ismênia, Leonardo Flores, Vicente Mascarenhas, o Feiticeiro, o gramático Lobo, Fernando, Gabriel e Hildegrado, foram incumbidos de revelar os valores necessários para o melhoramento do caráter humano e da organização social. Desvelaram, a partir da bizarrice, da excentricidade, da esquisitice e da loucura, a justiça, a bondade, a inteireza de caráter e a solidariedade humana tão almejadas pelo escritor.

Analisaremos o contexto em que foram produzidas essas obras, interrogando as (pre) tensões de Lima ao produzi-las, pensando-o como sujeito histórico. Com isso, os personagens que carregam a marca da loucura em sua obra serão analisados a partir da percepção de que, através deles, Lima Barreto questionou os valores da sociedade que condenava os diferentes e os desviantes à loucura.

Para pensarmos o perfil psicológico e comportamental dos personagens de Lima Barreto, utilizaremos a ideia do fenômeno da bizarrice pensado por Lukács, trazido a nós por Carlos Nelson Coutinho, em *Cultura e sociedade no Brasil*. O fenômeno sugere que a partir da deformação, da anormalidade e da excentricidade, os valores distorcidos de uma época podem ser expostos e questionados.<sup>5</sup>

O valor documental de seus escritos para se pensar a sociedade e a cultura brasileira é indiscutível. Voltado às questões humanas e à vida social, Lima dedicou-se à autonomia de seus leitores num período em que a literatura se via como a única capaz de pensar e avaliar as questões do país. De literatura panfletária e militante, o escritor não se curvou às leis estéticas da “grande” literatura.

Herdeiro da “geração boêmia” que buscava o reconhecimento da literatura, inclusive como atividade profissional, preocupou-se em compor o processo de criação com ideologias e elementos do cotidiano, mostrando-nos que as “belas letras”<sup>6</sup>, assim como outras esferas da sociedade, eram constituídas por contrassensos, incoerências e contrastes que negavam ou

<sup>5</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. 4.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

<sup>6</sup> FOOT HARDMAN, Francisco. Palavra de ouro, cidade de palha. Literatura anarquista. In: n: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

enfrentavam a conformidade dos discursos dominantes. Havia a fala dos dissidentes, havia a fala de Lima Barreto.

Diante da preocupação do escritor em utilizar a literatura não só como um meio de informar, mas também como meio de formar seu leitor, cumprindo assim com sua missão de despertar a humanidade nos mesmos, compreendemos que aqui ele se aproxima daquilo que Walter Benjamin, em *Magia e Técnica, Arte e Política*, chamou de “autêntico narrador”, para quem a literatura, vista como um elemento unificador, deveria instruir os homens a partir das trocas de suas experiências, além de transmitir ensinamentos.<sup>7</sup>

Ao refletir acerca da concepção da literatura de Lima Barreto, como sua missão, percebemos aquilo que Antônio Cândido afirmou, em *A educação pela noite e outros ensaios*: o escritor de forte engajamento social retira da sua dimensão pessoal os elementos que tornam a sua literatura militante.<sup>8</sup> Partindo de suas experiências muitas vezes para pensar a realidade, Lima Barreto tinha como finalidade alcançar o coletivo, uma vez que o social compunha sua consciência artística. Preocupava-se em falar sobre as coisas simples que constituíam o dia a dia dos sujeitos comuns e, através disso, empreendia uma forte crítica ao meio que os negava.

Percebemos, em *Literatura como missão*, de Nicolau Sevcenko, que, utilizando Lima como testemunho para pensar o Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XX, afirmou que o escritor avaliava a ciência como um berço de preconceitos e superstições, a exemplo da questão racial que era legitimada por boa parte dos discursos científicos.<sup>9</sup>

Dentro da lógica de “classes pobres, classes perigosas”, destinadas exclusivamente aos pobres, pensaremos acerca da doença mental e de seus desdobramentos a partir da psiquiatria, que nos centros urbanos desenvolveu políticas de controle social que buscavam moralizar, interditar e internar mulheres e homens vistos como desviantes e patológicos.

Afora os problemas para a organização do trabalho e para a ordem pública, os pobres, para as elites, ofereciam perigo de contágio, o chamado perigo social, e os “loucos”, advindos na maioria das vezes das classes populares, foram perseguidos por uma sociedade que buscava administrar as “multidões” e ter o controle do tempo e do cotidiano, algo fundamental para a disciplinarização das cidades.

Vivendo no “mundo dos loucos” desde criança, quando morou na Colônia de Alienados da Ilha do Governador por conta do trabalho do pai e, mais tarde, aos 21 anos de

<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>8</sup> CANDIDO, Antonio. **A Educação Pela Noite e Outros Ensaios**. Os olhos, a barca e o espelho. São Paulo: Editora Ática, 1989.

<sup>9</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. Nicolau Sevcenko.- São Paulo: Brasiliense, 1999.

idade, convivendo com a loucura do pai, Lima Barreto pensou e escreveu sobre a loucura em várias de suas obras, antes mesmo de tornar-se paciente do Hospício Nacional de Alienados.

A partir da relação com indivíduos internados, com os médicos da Colônia de Alienados, onde viveu com a família, além dos delírios do pai e de seus próprios, do conhecimento adquirido a partir da leitura de obras sobre a psiquiatria e, por fim, da sua própria experiência como paciente psiquiátrico, Lima formulou interpretações acerca da loucura que colocavam em xeque a exclusividade reivindicada pelos médicos.

A relação entre o literato Lima Barreto e a ciência psiquiátrica da Primeira República se deu por meio de críticas muitas vezes disfarçadas pela ironia, marca forte de sua escrita. Questionou os pressupostos científicos e seu poder de definir aquilo que era normal e patológico, que excluiu e estigmatizou os sujeitos vistos como incorretos. Através do conhecimento acerca das teorias que subsidiavam a psiquiatria, o escritor questionou a ideia de que os vícios fossem transmitidos pela via orgânica a partir da herança genética, algo disseminado pelo imaginário social burguês e pela racionalidade científica e médica do período.

Interpelou as teorias racistas e classistas e, ainda que não as tenha refutado, defendeu o caráter indecifrável da loucura, suscitando a dúvida e a não incorporação cabal das certezas psiquiátricas.

A psiquiatria, como um conjunto de saberes e de práticas engendradas pela burguesia, perpassará nossa análise, por ser um núcleo político fundamental na difusão de disciplinas, condutas e moralidades no Brasil do início do século XX. Constituída por teorias racistas e organicistas, que circulavam por todo o mundo de influência europeia, empreendeu, a partir de seu ecletismo teórico e prático, novas dimensões à vida dos sujeitos sob o signo da salvação, da cura e das assistências aos pobres e doentes e, através do hospício, aparato institucional gerido pelo Estado e espaço médico destinado aos indivíduos que não eram mais abarcados pela ordem social, medicalizou as práticas de internamento, ampliou o conceito de loucura, sendo vista pela sociedade como um dispositivo eficaz à organização social e ao progresso da nação.

Lima Barreto, através de sua escrita lúcida e anti-institucional produzida na instituição, denunciou as arbitrariedades da psiquiatria e refletiu sobre a loucura e seu mistério interpenetrável. As terapias chamadas de tratamento moral e a loucura transferida para o campo na moralidade, propiciaram o alargamento da atuação da medicina psiquiátrica, transformando o vício ou hábito de beber – alcoolismo – em traço de doença mental.

Aqui, buscaremos compreender a apreensão do período sobre o alcoolismo, posto em consonância com a loucura, sendo ele uma das maiores causas de internação em instituições psiquiátricas no período. O álcool, visto como o “veneno social”, apropriado pela psiquiatria como sintoma da loucura e como resultado de uma tendência hereditária, estigmatizava os indivíduos sob o tema da degenerescência, uma vez que era consenso na medicina que o álcool fazia emergir as falhas genéticas, atingindo substancialmente a constituição do bom cidadão, entendido aqui como o bom trabalhador.

Desta forma, o alcoolismo era visto como nefasto por prejudicar os indivíduos no desenvolvimento de suas funções sociais, transformando-os em não produtivos, destruindo seus corpos e mentes e interferindo na constituição genética das futuras gerações. Assim, alcoólatras gerariam futuros viciados.

A partir de Lima Barreto, vislumbramos problematizar a convicção da psiquiátrica quanto ao imperativo da hereditariedade acerca do alcoolismo, por ser algo questionado inúmeras vezes pelo escritor, que não aceitava a associação de seu “vício” à doença do pai. Afirmava que a justificativa da loucura pela hereditariedade era cômoda, porém pouco lógica e sustentada por compreensões rasas e pueris.

Problematizaremos a noção da não produtividade associada ao uso do álcool, no que tange à experiência literária do escritor, para quem o uso imoderado do álcool não implicou necessariamente numa queda qualitativa e quantitativa de sua produção. Para isso, utilizaremos alguns trabalhos voltados ao questionamento da lógica de que a valorização do trabalho é inversamente proporcional ao lazer. Os hábitos condenados pela medicina social, coincidência ou não, estavam atrelados aos costumes das classes populares.

Em *Diário do hospício*, Lima Barreto fala acerca das infinitas formas de manifestação da loucura percebidas dentro do “cemitério dos vivos”. Tal testemunho nos faz pensar na multiplicidade de tipos de sujeitos estigmatizados como doentes, chamados de “loucos”, reduzidos às generalizações e transformados em estatística.

Por meio da fala do escritor, a dinâmica do espaço asilar emerge em sua complexidade, permitindo-nos perceber o rompimento com as subjetividades dos indivíduos e a transformação de homens e mulheres em sujeitos sem diferenças, sendo-lhes atribuídos identidades normativas. As trajetórias dos loucos – diversas, pessoais e intransponíveis – foram homogeneizadas pela ciência.

Condenando as formas de tratamento aplicadas a ele e aos seus “companheiros de desgraça”, Lima nos falou, às vezes de maneira irônica, sobre situações que foi submetido no hospício, relatando as difíceis lembranças que guardava daquele lugar onde foi obrigado a

permanecer e a conviver com diversos tipos de doentes. Queixou-se das humilhações sofridas, falou da exposição pública ao ser levado num carro-forte ao hospício, das cenas de nudez, das duchas coletivas, dos quartos superlotados e fétidos, além de escrever sobre os companheiros de internamento.

Assim, as impressões de Lima Barreto acerca daquilo que ele chamou de “cemitério dos vivos” serão por nós investigadas, tomando como referência o seu olhar lúcido, suas observações minuciosas que apontam para a composição daquele espaço, relatando desde os sujeitos ali inseridos até os cômodos do lugar. A inapropriação do espaço manicomial, a sua superlotação, as alas sujas, os maus tratos, os delírios, a alimentação e a falta de privacidade e de individualidade, não passaram despercebidas ao olhar do escritor que, para nós, rompeu com o olho que tudo vê (médico, estrutura do lugar e funcionamento administrativo), através de seu diário.

Nas dependências do espaço asilar, a “escrita de si” se desenvolveu, rompendo com a nudez imposta à loucura. Enquanto a ciência se esforçava para entender questões biológicas, Lima voltava-se aos seus dramas pessoais, ressaltando seus ideais em meio a denúncias sobre as arbitrariedades do saber psiquiátrico, questionando a hierarquização social imposta entre pacientes pobres e ricos. Indagou, nesse processo, o papel da sociedade que legitimou discursos de exclusão em torno da loucura e de seus sujeitos.

O livro de memórias, carregado de subjetividades, produzido na instituição, nos ajudará a pensar as práticas de exclusão social experimentadas no Brasil da Primeira República, além de elucidar a sensibilidade e a capacidade crítica do escritor, por potencializar desabafos, angústias, confidências e lutas de um sujeito impedido de viver socialmente, proporcionando à história um relevante testemunho deste processo.

Crítico social, de consciência e lucidez afiadas, denunciou a soberba burguesa trajada sob o discurso político e científico, o poder e os saberes arbitrários da medicina, a autoridade irrestrita dos políticos, a truculência da polícia, o parasitismo do funcionalismo público e a subserviência apática daqueles que logravam de ganhos escusos. Expôs a desesperança dos simples e a miséria moral que assolava homens e mulheres de seu tempo.

Em suma, o presente trabalho foi pensado e estruturado a partir de três capítulos.

O primeiro, *A vida em meio à loucura*, buscou pensar a relação do escritor Lima Barreto com a loucura antes de suas internações, voltando-se à sua infância em meio à Colônia de Alienados da Ilha do Governador, à relação com a doença do pai, à dedicação à literatura engajada e inclinada ao social, ao seu contexto, aos dramas íntimos, além de pensar

a loucura como temática marcante de sua obra, trazendo à tona seus personagens que colocaram o social sob juízo.

O segundo capítulo, *As prosápias sabichonas da ciência sob a crítica e ironia de Lima Barreto*, pensaremos a relação do intelectual com a Ciência do período, especificamente a psiquiátrica, buscando alcançar suas críticas aos pressupostos científicos e à sociedade, atentando-nos aos discursos empreendidos pelo saber médico, compreendendo-os como uma demanda da sociedade, identificando críticas e cumplicidades, rupturas e anuências entre o escritor e a psiquiatria. Afora isso, pensamos as práticas definidoras daquilo que era normal e patológico e os sujeitos alvos de tais práticas.

No terceiro capítulo, *O cemitério dos vivos*, investigaremos a experiência manicomial do escritor a partir de sua “escrita de si” produzida durante as internações no Hospício Nacional de Alienados, pensando o sujeito estigmatizado como louco, tentando compreender como o mesmo se relacionou e reagiu ao ambiente do hospício por meio de uma compreensão sensível à experiência individual, transformando-a em problemática histórica, agregando à nossa análise outras falas: a do próprio louco.

## 1 – LIMA BARRETO E A LOUCURA

### 1-1 A vida entre a loucura

Menina, quando tu fores  
 Escreve-me pelo caminho.  
 Se não tiveres papel,  
 Nas asas de um passarinho.  
 Da boca, fazei tinteiro,  
 Da língua, pena aparada;  
 Dos dentes, letras miúdas  
 Dos olhos, carta fechada.<sup>10</sup>

O verso presente no livro de sátira *Coisas do Reino do Jambon*, publicado postumamente em 1956, refere-se a uma quadrinha que Lima Barreto ouviu e recitou nos seus tempos de meninice, em que ia à Rua Nova do Ouvidor acompanhando o seu pai, João Henriques de Lima Barreto, ao trabalho no jornal *Tribuna Liberal*.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, então capital do país, aos 13 de maio de 1881, sete anos antes da abolição da escravatura. Mestiço, suburbano, filho de tipógrafo da Imprensa Nacional durante a Monarquia e, posteriormente, na República, almoxarife da Colônia de Alienados da Ilha do Governador, e de Amália Augusta Pereiras de Carvalho, professora primária que morreu de tuberculose ainda na infância do filho Afonso.

A dor causada pela morte da amada mãe o acompanhou por toda a vida e, em desabafo, confessou no diário íntimo que a perda o fez perceber e sentir sua inadequação à vida, por essa ser composta de dores, de injustiças e de crimes, aspectos que repeliram sua delicadeza e ternura, algo que o transformou num menino taciturno, reservado e tímido. Sentindo a injustiça da vida ainda tão moço e experimentando grandes dificuldades no âmbito particular e social, o menino Afonso passou a olhar a vida de maneira seca e pessimista.

Em seu *Diário Íntimo*, em 16 de julho de 1908, fala acerca de sua descrença em relação à vida:

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas coisas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante. Deu-me esse acontecimento, conjuntamente

<sup>10</sup> Trecho do livro *As coisas do Reino de Jambon* publicado postumamente em 1956, retirado de BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p 34.

com a vida naturalmente seca e árida dos colégios, uma tristeza sem motivo, que é fundo de quadro, mas pelo qual passam bacantes em estertores de grande festa.<sup>11</sup>

Diante dos sofrimentos e das adversidades, João Henriques seguiu com a criação dos filhos, enfrentando privações materiais e tristezas, buscou garantir o sustento da família, trabalhando dia e noite na Imprensa Nacional como tipografo e depois como almoxarife da Colônia de Alienados da Ilha do Governador. O homem que antes sonhara ser médico, viu-se diante de uma vida árdua, onde os mais pobres não possuíam os mesmos direitos dos afortunados.

O tempo e o lugar de Lima Barreto são os da chamada *Belle Époque* carioca, reconhecida e almejada desta maneira pelas elites, período em que a busca pela modernidade perpassava a vida dos sujeitos e discutia-se fortemente uma pretensa cultura eminentemente nacional. O peso do passado colonial incomodava as classes dominantes que voltavam-se para a exaltação do progresso e do cientificismo, porém, de perto, realizavam a manutenção de práticas coloniais, consolidavam privilégios e expulsavam progressivamente aos subúrbios, as camadas populares cada vez mais indesejadas com seus costumes e aparências que degradavam a imagem civilizada do país. O “escritor maldito”<sup>12</sup>, todavia, apresentou e analisou de maneira lúcida e por meio da ironia o cenário de sua contemporaneidade.

O contexto vivenciado por Lima Barreto era de mudanças, dentre elas a iminência de um novo regime político e a tão esperada libertação dos escravos. No seu aniversário de 1888, o menino Afonso assistiu com o pai aos festejos da Abolição, quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea que estabelecia o fim da escravidão. Em seu artigo *Maio*, publicado na *Gazeta da Tarde* em 04 de maio de 1911, Lima Barreto relembra o acontecimento:

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço. Na minha lembrança desses acontecimentos, o edifício do antigo paço, hoje repartição dos Telégrafos, fica muito alto, um sky-scaper; e lá de uma das janelas eu vejo um homem que acena para o povo. Não me recordo bem se ele falou e não sou capaz de afirmar se era mesmo o grande Patrocínio. Havia uma imensa multidão ansiosa, com o olhar preso às janelas do velho casarão. Afinal a lei foi assinada e, num segundo, todos aqueles milhares de

<sup>11</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p. 59.

<sup>12</sup> Termo utilizado para fazer referência a Lima Barreto por seus contemporâneos.

pessoas o souberam. A princesa veio à janela. Foi uma ovação: palmas, acenos com lenço, vivas... Fazia sol e o dia estava claro.<sup>13</sup>

No relato de Lima Barreto, entendido aqui como coerente por descrever um acontecimento da história do Brasil com significado e carregado de memórias, percebemos a apropriação e a significação dada por ele à Abolição da escravatura, além do entusiasmo, da esperança e de nos apontar para questões que abarcavam o imaginário do período sobre o fato.

Jamais, na minha vida, vi tanta alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia. Houve missa campal no Campo de São Cristóvão. Eu fui também com meu pai; mas pouco me recordo dela, a não ser lembrar-me que, ao assisti-la, me vinha aos olhos a “Primeira Missa”, de Vítor Meireles. Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... Houve o barulho de bandas de música, de bombas e girândolas, indispensável aos nossos regozijos; e houve também préstitos cívicos. Anjos despedaçando grilhões, alegorias toscas passaram lentamente pelas ruas. Construíram-se estrados para bailes populares; (...).<sup>14</sup>

É perceptível uma forte relação entre passado, presente e futuro em seu relato autobiográfico. Lima rememora e escreve acerca de um grande acontecimento da história do Brasil, onde o escritor ainda menino, vivenciou a expectativa nutrida por seu tempo de que com a abolição dos escravos o país resurgiria sob o emblema da liberdade. Era chegado o novo tempo – o tempo do progresso, em dissonância com o tempo da escravidão.

O Rio de Janeiro agora com seus arranha céus que representavam a modernidade, agarrava-se à promessa de dias melhores anunciados pela Princesa de “tom maternal e de olhar doce e apiedado”, segundo a descrição de Lima Barreto. O relato do escritor nos leva a perceber que, de fato, muitos de seus contemporâneos entenderam a Abolição como uma ação advinda do “bom” coração da Princesa Isabel.

(...) e eu me lembro que vi a princesa imperial, na porta da atual Prefeitura, cercada de filhos, assistindo àquela fie ira de numerosos soldados desfiar devagar. Devia ser de tarde, ao anoitecer. Ela me parecia loura, muito loura, maternal, com um olhar doce e apiedado. Nunca mais a vi e o imperador nunca vi, mas me lembro dos seus carros, aqueles enormes carros dourados, puxados por quatro cavalos, com cocheiros montados e um criado à traseira. Eu tinha então sete anos e o cativo não me impressionava. Não lhe

<sup>13</sup> *Id.*, Maio. In: FARIA, Antonio Augusto Moreira de e PINTO, Rosalvo Gonçalves, organizadores. **Lima Barreto Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012. p. 9.

<sup>14</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 9.

imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.<sup>15</sup>

Temporalmente afastado da experiência relatada, em 1911, quando escreve o artigo *Maio*, Lima Barreto acentua que o diagnóstico da Abolição que garantiria a liberdade aos negros não ocorreu efetivamente e afirma, em 1903, em seu *Diário Íntimo*, que “no futuro, escreverei a História da Escravidão Negra do Brasil e sua influência em nossa nacionalidade”.<sup>16</sup> O texto descreve um momento histórico inflamado configurado pelo fim da “vexatória instituição”, que apontava para a expectativa de igualdade entre os indivíduos brasileiros e para o distanciamento do trabalho compulsório. Na prática, propiciou a extinção dos cativeiros, mas não cessou as injustiças cometidas com mulheres e homens negros.

O novo regime político apontava para um processo de reajustamento social e experimentava sucessivas crises políticas que atingiram em primeira escala as elites tradicionais do Império, além de voltar-se à supressão dos grupos voltados às questões populares da cena política.

Nicolau Sevckenko nos fala, em *Literatura como missão*, que o estabelecimento da nova ordem permutou amplamente os grupos políticos e realizou a queima de fortunas seculares com a política do Encilhamento, voltada à “democratização” do crédito, transferindo-as às mãos dos novos ricos.<sup>17</sup> A intenção era conter os elementos nocivos ao novo regime por meio de deposições, exílios, degolas e deportações.

A República trajava o rompante da democracia. A busca pela estabilidade social pressagiava a cisão completa das ações antidemocráticas e o Estado, com seu aparelho burocrático, deveria substituir as relações paternalistas próprias do Império por relações pautadas na democracia e na liberdade. Lima Barreto expressa em *Coisas do Reino do Jambon* a essência burguesa do novo regime tão peculiar ao antigo:

Sem ser monarquista, não amo a república (...). O nosso régimen atual é da mais brutal plutocracia, é da mais intensa adulação aos elementos estranhos, aos capitalistas internacionais, aos agentes de negócios, aos charlatães tintos com uma sabedoria de pacotilha.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> *Id., Ibid.*, p. 9.

<sup>16</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p. 34.

<sup>17</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 25.

<sup>18</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Coisas do Reino de Jambon**. São Paulo, Brasiliense, 1956, p. 80.

A promessa era de inclusão social e o cenário político republicano agarrava-se ao discurso de política liberal e do livre-arbítrio. Na prática, segundo nos aponta Lima Barreto, a República em nada alterou os vícios fundamentais, uma vez que não fomentou um processo democrático, mas uma sucessão de estados de sítio e de medidas autoritárias, além do reagrupamento de forças das oligarquias dominantes e não a sua superação.

As contradições compunham o cotidiano da então capital federal e a problemática escravidão não havia sido sanada na prática. Mulheres e homens de cor não eram assistidos pelos direitos previstos e no dia-a-dia continuavam a vivenciar a exclusão social, cultural, política e moral. A população negra e escrava, voltada ao trabalho manual, entendido como inferior pela sociedade do período, não foi incorporada às melhores condições de trabalho. As contratações, que agora deveriam ser assalariadas, se davam muitas vezes a partir de manejos escusos e o trabalhador negro via-se diante de negociatas e de relações clientelísticas.

A preocupação em organizar o mundo do trabalho a partir da perspectiva da Abolição, que rompeu com os recursos das políticas de domínio executadas nos cativeiros, fez com que os proprietários se preocupassem em manter o produtor atrelado à produção. Os trabalhadores negros eram vigiados e mantidos sob controle a partir da coerção explícita e de recompensas paternalistas. Ademais, tornaram-se uma questão de ordem pública devido à necessidade de se manter estratégias de repressão que fossem além dos locais de produção. Para isso, o Estado utilizou não só a polícia, que partia do pressuposto da suspeição generalizada, mas também agarrou-se à medicina com suas famigeradas teorias racistas.<sup>19</sup>

Em sintonia com a realidade do período, a medicina mental atuava em busca de conter as epidemias psíquicas, que generalizadas e incontroláveis, atingiriam o corpo social e o mundo do trabalho, inviabilizando a ordem e o progresso. Assim, pesados investimentos estatais voltaram-se às campanhas de higienização e de salubridade do meio urbano, buscando conter o perigo imediato representado pela presença dos indivíduos viciados, pobres, sujos e improdutivos. À psiquiatria cabia, a partir de instrumentos eficazes de disciplinamento, estabelecer seus pressupostos e verdades na rotina dos indivíduos, tornando-os aptos ao trabalho e à vida em sociedade pautando-se nos moldes burgueses.

Diante desse quadro perverso, o alienismo previa para si e propunha para o Estado duas estratégias. De um lado, esquadrihar o tecido social para localizar e sequestrar os degenerados, ampliando quantitativamente e qualitativamente a internação, criando “Casas Verdes” para todas as Itaguaís deste Brasil. De outro lado, tratava-se de defender a sociedade, reforçando as

---

<sup>19</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 24-25.

formas de controle sobre os sãos, introjetando nestes a ideia de sua própria defesa contra os degenerados e a degeneração, inculcar-lhe princípios de moral e de higiene capazes de torná-los permanentemente aptos à disciplina das grandes cidades.<sup>20</sup>

O desejo de alcançar os modos do mundo civilizado e a obsessão pelo progresso diretamente associado à ideia de civilização era a pauta principal do novo cenário, que não era tão novo assim, uma vez que carregava a velha estrutura urbana e cultural do Rio de Janeiro imperial. Porém, a capital federal assumia um papel privilegiado nas questões econômicas voltadas à produção do café, além de ser o centro político, de possuir a maior população e de concentrar grande atividade portuária nos primeiros anos da República, fator esse que propiciou forte contato com os grandes mercados mundiais.

Além da velha estrutura, o medo das doenças, o grande número de mestiços, as crises políticas e a obsessão coletiva da nova burguesia em alcançar o progresso europeu, impulsionaram ações por parte do Estado e da burguesia que buscavam remodelar a cidade transformando o espaço público, o modo de vida privado e a mentalidade dos sujeitos. Segundo Nicolau Sevcenko, é neste momento que se registra na consciência intelectual a ideia do desmembramento da comunidade brasileira em duas sociedades antagônicas e não sintonizadas, gerando a oposição: cidade industriosa e campo indolente.<sup>21</sup>

No processo de reajuste social, hábitos tradicionais, vistos como hábitos coloniais, passaram a sofrer repulsa por parte das classes abastadas e letradas, e a população humilde, com seus costumes taxados de atrasados e populares, foi expulsa da área central da cidade devido ao processo intensificado de aburguesamento da região. Lima Barreto nos fala um pouco sobre o cenário do Largo do São Francisco, região central do Rio de Janeiro, descrevendo seus transeuntes e costumes:

A antipatia do Largo de São Francisco fica mais acentuada nas primeiras horas da manhã, dos dias de verão. O Sol o cobre inteiramente e se espadana por ele todo com a violência de um flagelo. Pelo ar, a poeira forma uma película vítrea que fulgura ao olhar, e do solo, com o revérbero, sobe um bafio de forja que oprime os transeuntes. Não há por toda a praça uma nesga de sombra, e as pessoas que saltam dos bondes, caminham apressadamente para a doçura amiga da Rua do Ouvidor. Vão angustiadas, e oprimidas, parecendo tangidas por ocultos carrascos impiedosos. Os negros chapéus-de-sol dos homens e as pintalgadas sombrinhas das senhoras, ao balanço da marcha, sobem e descem como se flutuassem ao sabor das ondulações de um

<sup>20</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da ordem**. A doença mental na República. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 31.

<sup>21</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 32.

curso d'água. São como flores, grandes flores, nenúfares e ninfeias, estranhas e caprichosas, que recurvassem as imensas pétalas ao Sol causticante das nove horas da manhã.<sup>22</sup>

O progresso tornou-se o objetivo fundamental da sociedade e a elite social ganhou novos componentes que constituíam a chamada burguesia. A ideia de higiene, de saúde, de beleza, de refinamento, de moderno e de arte eram fundamentadas pelos cânones europeus, sendo geridas e absorvidas pelas camadas aburguesadas. Os novos moldes culturais e sociais passaram a subsidiar a exclusão dos sujeitos vistos como desviantes do processo de modernização, devido aos seus “velhos” hábitos.

As manifestações culturais, as religiosidades populares, a medicina praticada pelas curandeiras, entre outros elementos, experimentaram a perseguição da polícia e da medicina sob a ordem do Estado. Tentou-se extirpar as manifestações populares. A ordem era ser *chic*, e, para isso, empreendeu-se uma cisão na sociedade brasileira, separando a burguesia cidadina das práticas tradicionais, gerando assim uma inflamada intolerância social.

A intenção era separar os sujeitos a partir de uma velada concepção de classe social. Neste processo, a burguesia, com sua ambição de nobreza, definia os elementos que fundamentariam o seu perfil. Lima Barreto escreveu, em seu livro de sátiras *Os Bruzundangas*, em tom de crítica, os fundamentos que compunham a nobreza da Primeira República:

A nobreza da Bruzundanga se divide em dois grandes ramos. Talqualmente como na França de outros tempos, em que havia a nobreza de Torga e a de Espada, na Bruzundanga existe a nobreza doutoral e uma outra que, por falta de nome mais adequado, eu chamarei de palpíte. A aristocracia doutoral é constituída pelos cidadãos formados nas escolas, chamadas superiores, que são as de medicina, as de direito e as de engenharia. Há de parecer que não existe aí nenhuma nobreza; que os cidadãos que obtém títulos em tais escolas vão exercer uma profissão como outra qualquer. É um engano. Em outro qualquer país, isto pode se dar; na Bruzundanga, não. Lá, o cidadão obtém privilégios especiais, alguns constantes das leis e outros consignados nos costumes. O povo mesmo aceita este estado de coisas e tem um respeito religioso pela sua nobreza de doutores.<sup>23</sup>

A cultura bacharelesca e burguesa, que via o título de doutor como um título nobiliárquico, segundo Lima Barreto, contava com bajulações e privilégios que advinham não só de seu grupo social, chegando ao imaginário coletivo como um fator que os transformam nos detentores da razão.

<sup>22</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário Íntimo*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p. 1.

<sup>23</sup> *Id.*, A Nobreza da Bruzundanga. In: *Os Bruzundangas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004. p. 32.

Os escravos recém libertos, as elites agrárias que mantinham um sistema oligárquico que monopolizava as atividades mais rendosas, tanto na cidade quanto no campo, o Estado voltado ao clientelismo, ao nepotismo e ao controle da vida dos sujeitos, os estrangeiros e as dificuldades que enfrentavam para serem incorporados às políticas estatais, o voto de cabresto, a insalubridade, as endemias (varíola, malária, tuberculose), a ausência de condições sanitárias, a grande oferta de mão de obra submetida a salários baixos e negociatas, o desemprego e a fome compunham o cenário da então capital federal.

Sidney Chalhoub, em *Cidade Febril*, fala sobre as “classes perigosas” da população nas grandes cidades— expressão utilizada pela escritora inglesa Mary Carpenter, em um estudo da década de 1840 sobre criminalidade. A expressão faz referencia a um grupo social formado à margem da sociedade civil. Chalhoub, a partir de sua investigação centrada na Corte brasileira depara-se com o termo “classes perigosas” utilizado pelos constituintes, fazendo referencia aos pobres, compreendidos pelas elites políticas como aqueles que carregam vícios que produzem malfeitores tão perigosos à sociedade. Logo, os pobres são, por definição, perigosos.<sup>24</sup>

O gosto pelo trabalho era a principal virtude do bom cidadão, uma vez que levaria os sujeitos ao hábito de poupar, propiciando a possibilidade de ascensão social. Desta forma, o indivíduo que não conseguia acumular, permanecendo pobre, não seria um bom trabalhador nem tão pouco um bom cidadão. As classes pobres passaram a ser vistas como classes perigosas não apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e para a manutenção da ordem pública, mas também porque ofereciam perigo de contágio de doenças.

O perigo social trazido pelas classes pobres aparecia no imaginário político brasileiro como sinônimo de doença contagiosa e a estratégia de combate ao problema se dava pelo combate à ociosidade, reprimindo os hábitos de irregularidade dos adultos e controlando a educação das crianças.<sup>25</sup>

Lima Barreto, no texto *A sociedade*, também presente no livro *Os Bruzundangas*, nos fala sobre o perfil dos sujeitos da sociedade do período voltados ao arrivismo sôfrego:

É deveras difícil dizer qualquer coisa sobre a sociedade da Bruzundanga. É difícil porque lá não há verdadeiramente sociedade estável (...). São todos arrivistas e viveram a melhor parte da vida tiranizados pela paixão de ganhar dinheiro, seja como for. Os melhores e os mais respeitáveis são aqueles que

<sup>24</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 20.

<sup>25</sup> *Id.,.Ibid.*, p. 29.

enriqueceram pelo comércio ou pela indústria, honestamente, se é possível admitir que se enriqueça honestamente (...). Pode ser definida a feição geral da sociedade da Bruzundanga com a palavra- medíocre.<sup>26</sup>

Denunciando os meios de enriquecimentos fomentados pela cultura econômica do país, o escritor aponta para as desigualdades impostas aos pobres que foram expulsos para longe das regiões centrais, vivendo em cima dos morros, em casebres insalubres e em cortiços superpovoados.

A multidão fora enxotada às margens da cidade, constituindo uma nova configuração espacial e de convívio. Segundo Chalhoub, as habitações populares, chamadas de cortiços, proliferaram no Rio de Janeiro a partir das décadas de 1850 e 1860, serviam de esconderijo para escravos fugidos e aumentaram quantitativamente devido ao fluxo de imigrantes e da alforria de escravos.<sup>27</sup>

As moradias populares, os cortiços nas regiões centrais e os casebres dos subúrbios eram vistos pelo Estado, por meio dos médicos-intelectuais, como nocivos à sociedade, isto porque seus moradores pobres eram o foco de irradiação de doenças, além de serem propensos à propagação de vícios de todos os tipos. Classes pobres, sujas e perigosas.

Lima Barreto, exímio observador de seu tempo e da geografia urbana a qual pertencia, descreveu, em *Clara do Anjos*, a arquitetura pouco elaborada das casas do subúrbio no qual viveu por toda a vida:

Agora, porém, e mesmo há vários anos, estava em plena posse do seu “buraco”, como ele chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dois quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar, aquele ficava à direita e este à esquerda de quem entrava nela. À de visitas, seguia-se imediatamente a sala de jantar. Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma despensa minúscula. Comunicava-se esse puxadito com a sala de jantar por uma porta; e a despensa, à esquerda, apertava o puxado, a jeito de um curto corredor, até à cozinha, que se alargava em toda a largura dele. A porta que o ligava à sala de jantar ficava bem junto daquela, por onde se ia dessa sala para o quintal.<sup>28</sup>

Afora as penosas condições de vida enfrentadas cotidianamente por homens e mulheres, havia a perseguição da polícia, que enxergava o desemprego estrutural e permanente não como um problema social não solucionado pelo Estado, mas como um traço

<sup>26</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. A Sociedade. In: **Os Bruzundangas**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004. p. 85.

<sup>27</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 29.

<sup>28</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 33.

de vagabundagem e de vadiagem. A polícia agia a partir do pressuposto da suspeição generalizada partindo da premissa de que todos eram culpados até que se provasse o contrário. Porém, a suspeita recaía fortemente sobre os cidadãos de cor, segundo nos aponta Sidney Chalhoub. Os negros eram os suspeitos preferenciais.<sup>29</sup>

A noção de que a pobreza de um indivíduo era fator suficiente para torná-lo um malfeitor em potencial era generalizada, gerando enormes consequências para a nossa história. Os sujeitos eram expostos à mendicância, à miséria e ao subemprego, porém a diretriz era trabalhar e servir à ordem.

Em seu artigo *O Caso do Mendigo* publicado na *Gazeta do Norte*, em 26 de maio de 1911, Lima Barreto se posiciona acerca da questão da mendicância e a percebe como uma consequência da nossa defeituosa organização social e política em que o Estado negligenciava a assistência aos pobres:

O mendigo não merece censuras, não deve ser perseguido, porque tem todas as justificativas a seu favor. Não há razão para indignação, nem tampouco para perseguição legal ao pobre homem. Tem ele, em face dos costumes, direito ou não a esmolar? Vejam bem que eu não falo de lei; falo dos costumes. Não há quem não diga: sim. Embora a esmola tenha inimigos, e dos mais conspícuos, entre os quais, creio, está M. Bergeret, ela ainda continua sendo o único meio de manifestação da nossa bondade em face da miséria dos outros. Os séculos a consagram; e, penso, dada a nossa defeituosa organização social, ela tem grandes justificativas.<sup>30</sup>

Ao analisar a situação de um indivíduo, que, por ficar cego perdeu sua autonomia e capacidade de trabalho, passou a necessitar do sustento do Estado, que não o assistiu e, com isso, finalmente, acabou recorrendo à mendicância. Ressalta que não faz apologia a tal recurso, mas demonstra compreensão à iniciativa do indivíduo que buscava sua sobrevivência e que, por não ter o amparo do Estado, buscou os recursos privados, apelando para a caridade da população civil.

Não julguem que faço apologia da mendicidade. Não só não faço como não a detrato. Há ocasiões na vida que a gente pouco tem a escolher; às vezes mesmo nada tem a escolher, pois há um único caminho. É o caso do cego. Que é que ele havia de fazer? Guardar. Mendigar.<sup>31</sup>

Sobre a caridade no começo do século XX no Brasil, Frederico de Castro Neves, em *Caridade e controle social na Primeira República (Fortaleza, 1915)* nos diz:

<sup>29</sup> CHALHOUB, Sidney. *Op. cit.*, p. 23.

<sup>30</sup> BARRETO, Lima. O Caso do Mendigo. In: FARIA, Antonio Augusto Moreira de e PINTO, Rosalvo Gonçalves, organizadores. **Lima Barreto Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012. p. 12.

<sup>31</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 14.

Vista de cima para baixo, a caridade se mostra como exercício da solidariedade cristã, indício de uma sensibilidade nacional com relação à pobreza e à seca do “Norte”. De baixo para cima, contudo, aparece conectada às políticas de controle social, em respostas às iniciativas, movimentações e ações dos pobres em suas lutas cotidianas pelo direito a condições básicas de sobrevivência, no contexto da subalternidade estrutural em que viviam na Primeira República e continuam a viver hoje.<sup>32</sup>

A pobreza e seus “frutos” saíam da tutela absoluta do Estado e alcançavam o âmbito privado, em que mulheres e homens abastados prestavam assistência social por acreditarem que, somente através da caridade, seria possível reconstruir o tecido social e realizar o controle social.

As elites e o Estado estabeleceram uma relação de cima para baixo com os pobres sob a lógica da caridade, seguindo uma tendência de regimes liberais, fomentando redes de dependência, políticas de controle e relações de subserviência com os menos favorecidos, segundo nos aponta o historiador Frederico de Castro Neves.

O Estado, por seu turno, desobrigava-se de muitos de seus deveres constitucionais de assistência à população atingida por calamidades, reafirmados na Constituição republicana de 1891. Os políticos, as mulheres abastadas e os religiosos procuravam novas posições para agir socialmente, estabelecendo rearranjos e alianças no tocante ao relacionamento com a pobreza e ao controle dos mecanismos de assistência social, mobilizando para isso recursos variados, tanto materiais quanto simbólicos.<sup>33</sup>

Não só a mendicância era um problema a ser combatido, mas o alcoolismo, o desemprego e a prostituição eram vistos como fatores de insegurança social. Uma das grandes preocupações do poder institucional da Primeira República era o controle dos elementos indesejados e a reconstrução do perfil social, cultural e racial da população. Com isso, não faltaram esforços por parte das autoridades e das classes abastadas para controlar e também reprimir a população humilde e de cor.

Neste momento, o crescimento urbano apresentava-se ao regime republicano como um elemento capaz de ampliar vertiginosamente o número de indesejados, como: loucos, vagabundos, prostitutas, alcoólatras e degenerados. Em busca da ordem e do progresso, o Estado estabeleceu uma aliança com o alienismo<sup>34</sup> que, por sua vez, combateu os

<sup>32</sup> NEVES, Frederico de Castro. Caridade e controle social na Primeira República (Fortaleza, 1915). **Revista Estudos históricos**. (Rio J.) vol.27 no.53 Rio de Janeiro Jan./June 2014. p. 120.

<sup>33</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 129.

<sup>34</sup> O Alienismo corresponde a uma especialidade da medicina voltada à “cura” dos sujeitos que apresentavam sinais considerados como distúrbios mentais, comportamentais e morais. Essa especialidade, já atuante no Brasil

comportamentos condenados pela moral das elites, as ações vistas como antissociais, as loucuras identificadas como elemento de improdutividade de seu portador e todo tipo de conduta que fugisse aos padrões e às normas que seguiam os mecanismos de cientificidade. Esses sujeitos eram encaminhados às colônias de alienados e aos hospícios, voltados à regeneração dos sujeitos através do aprisionamento e de terapias à base de medicação e de intervenções físicas e morais. Acerca do alienismo Maria Clementina nos diz:

Especialidade da medicina mental voltada à razão e à moral responsável pela cura dos degenerados. Discurso sobre uma doença, que é, em grande medida, social e histórica – e que tentava se apoderar medicamente dessas dimensões, definindo-lhes outra natureza. Utilizando-se da exclusão social, medicaliza-se as práticas de internamento, colocando-as sob a ótica das medidas de assistência em favor dos pobres e dos doentes.<sup>35</sup>

Maria Clementina Pereira da Cunha, em *O espelho do mundo*, aponta os métodos utilizados pela psiquiatria, que praticava internações involuntárias a partir do sequestro dos sujeitos considerados desviantes, condicionando-os ao isolamento, às ações medicamentosas e terapêuticas destinadas à cura e às atividades forçadas, por exemplo, a laborterapia.

A loucura, que tornou-se um marca de dor na vida de Lima Barreto internado por duas vezes no Hospício Nacional de Alienados em, 1914 e 1919, perpassou sua vida desde a infância. Aos nove anos de idade, se mudou com a família para a Colônia de Alienados da Ilha do Governador, por conta do trabalho do pai. O menino Afonso Henriques de Lima Barreto, aluno interno do Liceu de Niterói, dividia-se entre a escola durante a semana e a colônia de alienados aos sábados, onde ia visitar a família. Segundo Francisco de Assis, o menino sofria com a vida no internato e desde cedo experimentou o mundo dos “loucos” por conta do pai que se tornara “enfermeiro de doidos”<sup>36</sup>.

Na colônia de alienados, a companhia de Afonso era o pai, os irmãos e o preto Manuel de Oliveira, que havia sido recolhido ao asilo como paciente e ajudava João Henriques com os afazeres do lugar. Lá, vivia em meio à natureza e às brincadeiras de criança, entretanto, ainda menino, o espetáculo da loucura tornou-se familiar. Habitou-se a esse tipo de “doente”, sentindo de perto a vida em um hospício.

---

imperial, foi incorporada às ações de intervenção social articuladas pelo governo da Primeira República em combate aos sujeitos indesejados e inadaptados aos valores da ordem instaurada.

<sup>35</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. 2.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1986, p. 21.

<sup>36</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 51.

O jovem Lima Barreto, tímido e orgulhoso, não se habituava ao ar da Escola Politécnica com seus alunos, filhos de gente importante que o olhavam com desdém. O ambiente da Escola não o agradava e lá enfrentou preconceitos por conta de sua cor, por ser pobre e, inclusive, por ter o nome de gente importante, o nome do rei de Portugal. Reprovado consecutivas vezes, algo que desapontava seu querido pai, sentia-se mal e chegou a afirmar que “se não me formei, honestamente ou desonestamente foi porque não quis.”<sup>37</sup> Sentia-se injustiçado e perseguido por ser mulato, fato que o afastava de muitas brincadeiras e “estudantadas” que seus colegas participavam e chegou a afirmar em seu *Diário Íntimo*, em 12 de junho de 1903, que não deveria “ser mais aluno da Escola Politécnica”.<sup>38</sup>

–Por que você não veio?

–Para não ser preso como ladrão de galinhas!

–?!

–Sim, preto que salta muros de noite só pode ser ladrão de galinhas!

–E nós, não saltamos?

–Ah! Vocês brancos, eram “rapazes da Politécnica”. Eram “acadêmicos”. Fizeram uma “estudantada”... Mas eu? Pobre de mim. Um pretinho. Era seguro pela polícia. Seria o único a ser preso.<sup>39</sup>

A escola de Engenharia era o sonho de seu pai, que desejava vê-lo doutor. Ingressou na Politécnica em 1897, contudo, sua trajetória como estudante não foi de sucesso. Talvez, por aquele ser o sonho de seu pai que o queria com pergaminho na mão e anel de doutor. No entanto, suas inclinações e aspirações pareciam ser outras e Lima dedicava-se às leituras de Kant, Comte, Spencer em vez das lições de engenharia.

Os primeiros anos da vida foram descritos em seu *Diário Íntimo* por meio de lembranças difíceis e de memórias traumáticas, relatando problemas de ordem financeira, familiar e existencial. A morte da mãe, que levou o menino Afonso a pensar em suicídio, a relação com o grande e infeliz pai enlouquecido que o desejava doutor e o sofrimento que carregava por ser mulato e pobre num país preconceituoso e excludente, foram elementos marcantes em sua trajetória. Entretanto, tais aspectos não devem ser vistos como os únicos responsáveis por aquilo que o escritor pensou, defendeu e escreveu, e o caráter profundamente crítico de suas obras não pode ser reduzido às suas experiências pessoais.

Em 1902, seu pai adoece, passando a ter crises de delírios relacionadas a problemas no trabalho. O almoxarife, ao fazer a prestação de contas da Colônia de Alienados da Ilha do Governador, notou uma pequena diferença no livro de caixa e temia ser acusado por roubo e

<sup>37</sup> *Id., Ibid.*, p. 71.

<sup>38</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p. 4.

<sup>39</sup> *Id., Ibid.*, p. 86.

acabar preso. Essa diferença, contudo, não passava de alucinação, fazia parte de seus delírios. Com o passar dos dias, a apatia se agravava e os delírios se intensificavam, sendo afastado do trabalho por recomendações médicas sob o diagnóstico de neurastenia.

Filho mais velho, Lima Barreto tornou-se arrimo de família. Neste momento, enfrentando dificuldades financeiras, agravadas pela demora da liberação da aposentadoria do pai e pela instabilidade de sua carreira como literato, vivia com o baixo ordenado do serviço público no Ministério da Guerra onde exercia o cargo de amanuense, algo que não o agradava. Lidando com a doença do pai, com os tormentos e dramas íntimos, arcando sozinho com o peso da responsabilidade de sustentar a família numerosa mesmo com a escassez de dinheiro, passou também a enfrentar problemas com a bebida.

Desgraçado nascimento eu tive! Cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos, vou morrer sem nada ter feito. Seria uma grande vida, se tivesse feito grandes obras; mas nem isso fiz.[...] Noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?<sup>40</sup>

A sua personalidade taciturna, as convenções sociais que o aborreciam, a mediocridade de seu trabalho como amanuense, os olhares vexatórios que enfrentava cotidianamente por conta de sua cor e condição social e as dificuldades domésticas o entristeciam, causando-lhe complexos e isolamentos.

Queria dedicar-se à literatura! Ao seu grande amor. Desejava empenhar-se naquilo que se sentia capaz, naquilo que dava sentido à vida amargurada. Naquilo que julgava como a sua missão. A vida mostrava-se cruel e medíocre. O retorno ao final do dia à sua casa desajustada era sempre o sentir de uma triste realidade e o subúrbio era visto por ele como o refúgio dos infelizes. Sentia-se melancólico, não condizente com aquele lugar. Respeitava aquela gente de cor e pobre, mas via-se superior, achava que era merecedor de uma realidade menos amarga. “A minha vida de família tem sido uma atroz desgraça. Entre eu e ela há tanta dessemelhança, tanta cisão, que eu não sei como adaptar-me. Será meu Bovarismo?”<sup>41</sup>

A loucura, antes atmosfera do lugar onde vivia, agora assolava sua família e sua vida. “A casa do louco”, assim gritavam os vizinhos ao fazer referência à doença de seu pai e da casa no subúrbio que não era mais na Colônia de Alienados. O espetáculo da loucura tornava-se a marca dos Lima Barretos.

A minha casa me aborrece. O meu pai delira constantemente e o seu delírio tem a ironia dos loucos de Shakespeare. Meus irmãos, egoístas como eles,

---

<sup>40</sup> *Id., Ibid.*, p. 81.

<sup>41</sup> *Id., Ibid.*, p. 36.

queriam que eu lhes desse tudo o que ganho e me curvasse à Secretaria da Guerra. O que me aborrece mais na vida é esta secretaria. Não pelos companheiros, não é pelos diretores. É pela ambiência militar, onde me sinto deslocado e em contradição com a minha consciência. Não posso suportá-la. É o meu pesadelo, é a minha angústia.<sup>42</sup>

A vida lhe parecia um grande desafio, composta por amarguras, incertezas, desencantos e revestida por valores abomináveis. Porém, era um homem de sonhos, de engajamento social e de anseios universais. Um contador das coisas recônditas nos porões da sociedade, que falava da gente tratada aos pontapés e que tinha suas histórias solapadas pela literatura oficial. Buscou romper com o lugar dos esquecidos, utilizou sua voz como meio de não ser passivo, interrogando a sociedade a qual pertencia, indagando o sentido que lhe era imposto, buscando a autonomia do pensar. Não aceitou a insanidade e a não razão como sua marca, apesar de carregar a presença da loucura desde os primeiros anos, transformando tal questão em importante temática de sua obra, apontando-a como aspecto significativo do meio social e de seu tempo.

---

<sup>42</sup> *Id., Ibid.*, p. 80.

## 1-2 O “escritor maldito” e a República das letras: militância, lucidez e devaneios

(...) A obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. É este o meu escopo. Vim para a literatura com todo o desinteresse e com toda a coragem. As letras são o fim da minha vida. Eu não peço delas senão aquilo que me podem dar: glória! (...) Não quero ser deputado, não quero ser senador, não quero ser mais nada, senão literato.<sup>43</sup>

O escritor Lima Barreto fez da literatura sua missão<sup>44</sup>. Transformou sua escrita em um meio de apresentar, denunciar e problematizar os diversos aspectos da vida dos sujeitos comuns. Não priorizou em sua escrita os “heróis” de nossa pátria, que, em suas obras, ganharam papel secundário e foram apresentados sob forte crítica social, associados à ganância, à soberba e ao vazio intelectual. Debruçou-se sobre fatos e realidades que conhecia profundamente, apresentando caráter confessional e militância intelectual por toda sua obra, nos possibilitando alcançar aspectos do Brasil muitas vezes negligenciados em nossa literatura.

Pensador social da Primeira República, apontou o cotidiano da então capital do Brasil (Rio de Janeiro) e suas várias nuances. Suas avenidas e subúrbios, seus homens poderosos e anônimos, e refletiu acerca da metrópole que experimentava um acelerado processo de transformação urbanística e cultural, que afetou diretamente a vida dos sujeitos.

Viveu dividido entre a busca pelo reconhecimento de sua literatura e as amarguras de uma vida que não o satisfazia. Homem do subúrbio, mas que frequentava o mundo das letras, (des) equilibrava-se entre esses dois mundos tão distintos. Consciente da dinâmica social e cultural do país, além de possuir uma visão política arrojada e lúcida, o escritor denunciou em sua obra os problemas sociais, políticos e culturais do país e incluiu os marginalizados em sua narrativa.

Exímio cronista de sua época e do mundo urbano, voltado à literatura popular e realista, diretamente ligada à crítica social, foi acusado de cometer debilidades formais no plano da escrita, aspecto este que em nada afetou o brilhantismo de suas narrativas e de suas temáticas voltadas aos sujeitos comuns.

<sup>43</sup> Entrevista cedida por Lima Barreto ao Jornal A Época do Rio de Janeiro em 18 de fevereiro de 1916. BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 194.

<sup>44</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. Nicolau Svecenko.- São Paulo: Brasiliense, 1999.

De grande valor documental, os escritos de Lima Barreto carregam uma aguda função crítico-social, demonstram o interesse do literato pelas questões humanas, dedicam-se à formação da autoconsciência dos sujeitos, para além das questões meramente estéticas. É uma literatura engajada e preocupada com o cenário histórico-social em que o escritor posiciona-se contrário à percepção da literatura como o “sorriso da sociedade”. Oposição esta, percebida a partir da forte inclinação panfletária, de sua vigorosa lucidez crítica e dos temas que compõem suas narrativas.

Dissertar sobre uma literatura estrangeira supõe, entre muitas, o conhecimento de duas coisas primordiais: ideias gerais sobre a literatura e compreensão fácil do idioma desse povo estrangeiro. Eu cheguei a entender perfeitamente a língua da Buzundanga, isto é, a língua falada pela gente instruída e a escrita por muitos escritores que julguei excelentes; mas aquela em escreviam os literatos importantes, solenes, respeitados, nunca consegui entender, porque redigem eles as suas obras, ou antes, os seus livros, em outra muito diferente da usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira, a lídima, justificando isso por ter feição antiga de dois séculos ou três. Quanto mais incompreensível é ela, mais admirado é o escritor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito.<sup>45</sup>

Lima Barreto criticou a ausência de significados que ligassem a literatura e o literato às questões do seu povo, uma vez que o intelectual, na visão do escritor, não deveria se afastar dos acontecimentos que o cercavam e nem deixar de se posicionar diante dos fatos sociais.

A formação do intelectual Lima Barreto constituiu-se num período que predominava uma radical cisão entre as classes sociais e, mesmo com a abolição da escravatura, o trabalho ainda permanecia sob o estigma da condição servil. Muitos intelectuais (pertencentes à classe média na maioria das vezes) utilizavam a arte como elemento de poder, de diferenciação, de prestígio e de elevação social. Viam-se e eram vistos pela sociedade como sujeitos excepcionais que possuíam o saber capaz de transformar a história, empreendendo assim preconceitos em relação à participação e à capacidade de intervenção popular no processo de constituição da sociedade. Sobre os intelectuais e doutores, Lima Barreto nos fala:

Quando (em geral) vão estudar medicina, não é a medicina que eles pretendem exercer, não é curar, não é ser um grande médico, é ser doutor; quando se fazem oficiais do exército ou da marinha, não é exercer as obrigações atinentes a tais profissões, tanto que fogem de executar o que é próprio a elas. Vão ser uma ou outra coisa, pelo brilho do uniforme. Assim também são os literatos que simulam sê-lo para ter a glória que as letras dão,

---

<sup>45</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Capítulo especial– Os Samoiedas. In: **Os Bruzundangas**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004. p. 7.

sem querer arcar com as dores, com o esforço excepcional, que elas exigem em troca.<sup>46</sup>

As dores e os esforços que Lima Barreto nos fala condizem com sua visão e com sua postura de escritor engajado, dedicado às questões nacionais e que não se prendia às leis formais da “grande arte”. Suas inquietações estavam para além dos assuntos correntes que teciam a literatura tradicional. Ligava-se às letras por fortes sentimentos, por essas coisas do coração e condenava aqueles que ligavam-se a elas de maneira superficial.

Não que todo o escritor bruzundanguense pertença a semelhante rito literário; os mais pretensiosos, porém, e os que se tem na conta de sacerdotes da Arte, se dizem graduados, diplomados nela. Digo “carateriza”, porque, como os senhores verão no correr destas notas, não há na maioria daquela gente uma profundidade de sentimento que impila a ir ao âmago das coisas que fingem amar, de decifrá-las pelo amor sincero em que as têm, de querê-las totalmente, de absorvê-las. Só querem a aparência das coisas.<sup>47</sup>

Segundo Mário Higa, em *Lima Barreto: Antologia de crônicas*, o escritor ficcionista, crítico interprete e pensador possuía um modo de representação do espaço social que combinava análise, ceticismo e sátira, transformado-se em discurso crítico-irônico.<sup>48</sup> Com isso, o Brasil é apresentado em suas obras a partir de seu caráter complexo e contraditório. Expressava em palavras a sua geografia simbólica— o subúrbio carioca. Contava sobre suas querelas, angústias, desejos, ambiguidades, descontentamentos e ideologias. Era visto como um literato na contramão dos cânones oficiais orientados pela Academia Brasileira de Letras, por ser autônomo em sua escrita, por não ser cumpridor dos formalismos e por pautar sua escrita no dia a dia.

Sobre os olhares direcionados à sua aparência, Lima nos diz: “A presunção, o pedantismo, a arrogância e o desdém em que olhavam as minhas roupas desfiadas e verdoengas, sacudiam-me os nervos e davam-me ânimos de revolta”.<sup>49</sup>

A ojeriza, expressa na citação de Lima Barreto, refere-se ao arquétipo burguês estabelecido no período vivido pelo escritor no Rio de Janeiro, em que sua imagem não condizia com os sujeitos que frequentavam os redutos intelectuais dos cafés cariocas. Todavia, não era no Rio de Janeiro da primeira classe que Lima retirava os aspectos que

<sup>46</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 12.

<sup>47</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 12.

<sup>48</sup> HIGA, Mário. Lima Barreto: militância e memorialismo. In: **Lima Barreto. Antologia de Crônicas**. São Paulo, Lazuli Editora, 2010. p. 7.

<sup>49</sup> “O Lima Barreto que eu conheci”. Artigo de José Vieira. Revista do Brasil. Ano VI, 3º fase, n. 56, Rio de Janeiro, dezembro de 1943, pp. 43-47. *apud* BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 117.

compunham suas narrativas, mas na gente dos subúrbios e nos elementos cotidianos, indo além dos cânones da literatura oficial. As barreiras temáticas e estilísticas seriam superadas pelo novo escritor mulato vindo do subúrbio carioca. O pensador social não ortodoxo.

Na passagem retirada do livro *Os Bruzundangas*, Lima utiliza o termo “samoiedas”<sup>50</sup> para fazer referência aos escritores que se coadunavam aos interesses e às normas da Academia de Letras.

Como todos nós sabemos, a raça samoieda é de estatura baixa, pouco menos que a dos lapões, cabelos longos, duros e negros de jade, vivendo da carne de renas, de urso branco, quando a felicidade lhe oferece um. Tais homens andam em trenós e fazem *kayaks* de peles de renas ou focas que eles empregam para capturar estas últimas.<sup>51</sup>

Critica a devoção que o mundo das letras exigia, sinaliza a inversão de valores e o mundo de aparência a qual boa parte dos literatos brasileiros faziam parte.

A glória das letras só a tem quem a elas se dá inteiramente; nelas, como no amor, só é amado quem se esquece de si inteiramente e se entrega com fé cega. Os samoiedas, como vamos ver, contentam-se com as aparências literárias e a banal simulação de notoriedade, umas vezes por incapacidade de inteligência, em outras por instrução insuficiente ou viciada, quase sempre, porém, por falta de verdadeiro talento poético, de sinceridade e necessidade, portanto, de disfarçar os defeitos com pelotiquices e passes de mágica intelectuais.<sup>52</sup>

O intelectual, na visão de Lima, não deveria se afastar dos acontecimentos que o cercavam e nem deixar de se posicionar diante dos fatos sociais. A sinceridade dos homens de letras deveria ser arma de combate no processo de organização de uma sociedade justa e o escritor tinha que ser fiel às suas próprias convicções de justiça e ter consciência livre. Suas certezas precisavam ser maduras, os assuntos expostos com coragem e independência, os temas pensados com naturalidade, sem artificialismos, clichês e exibicionismos. Deveriam utilizar a sinceridade e a naturalidade como meios de combater a alienação e o artificialismo.

Acusado de biografismo, devido ao caráter memorialista de sua escrita, não compreendemos esse elemento como uma transposição cabal de sua experiência pessoal para o interior de suas narrativas. Ao fazermos isso, incidiríamos no erro de resumir suas obras ao

---

<sup>50</sup> Termo utilizado por Lima Barreto no livro *Os Bruzundangas*, para fazer referência à Escola literária bruzundanguense. O nome Samoieda, segundo o escritor, nasceu do poema de um príncipe samoieda, que viveu nas margens do Ártico, nas proximidades do Óbi ou do Lena, na Sibéria, um original que se alimentava da carne de mamutes conservados há centenas de séculos nas geleiras daquelas regiões.

<sup>51</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Capítulo especial– Os Samoiedas. In: **Os Bruzundangas**: sátira. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004. p. 13.

<sup>52</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 12.

ressentimento de um derrotado, às amarguras de um homem de cor e aos devaneios de um alcoólatra, ignorando o seu caráter combativo e de denúncia.

Lima Barreto dedicou-se a uma produção de cunho realista que conservava um intenso diálogo entre suas questões subjetivas e a objetividade imposta pelos elementos externos. A literatura tanto o inseria na sociedade como o fazia constatar sua impotência social diante das injustiças do seu tempo e sua inadequação social. O escritor mantinha forte vínculo com o contexto político e social expresso a partir de uma visão ácida e crítica acerca da sociedade e sua literatura configurava-se a partir do inconformismo, apontando para questões como: exclusão, discriminação racial, hierarquias sociais e arrogâncias científicas. Apresentava constantes paralelos com o momento em que vivia, trazendo as marcas de suas experiências para compor a sua arte – a sua missão.

De sensibilidade aguçada, realista e humanista, era contrário à separação intelectual/povo e empenhava-se numa literatura cujo projeto dedicava-se às questões de caráter nacional-popular. Condenava o uso das letras para galgar favoritismos e empregos públicos e denunciou as trocas de favores e adulações de jornalistas que buscavam cargos no aparelho estatal ou mesmo financiamento para publicação de suas obras, omitindo trapagens e corrupções de governantes e de homens poderosos.

Carlos Nelson Coutinho destaca a expressão “intimismo à sombra do poder”, que indica uma adesão ideológica ao poder estabelecido por parte dos intelectuais que se integravam ao aparelho burocrático estatal, ocupando cargos públicos. A partir disso, percebemos um conformismo declarado por parte dos intelectuais em relação às posturas de rompimento com as velhas e permanentes forças que continuavam a empreender as reformas “pelo alto”<sup>53</sup> e que cerceavam a participação ampla dos movimentos populares, prática inerente aos regimes democráticos, além do forte empenho desses homens em estabelecer a literatura como meio de publicização das “benfeitorias” do sistema, apartando-a das funções sociais e humanistas que lhe cabiam, algo que Lima Barreto discordava veementemente.

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade

---

<sup>53</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. 4.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 126.

maior em que caibam todas pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si.<sup>54</sup>

O Brasil grafado em suas obras desponta a partir da relação país/escritor. O literato escreveu em suas narrativas as experiências sociais por acreditar que as vivências do indivíduo e as suas relações pessoais e interpessoais são fontes de criação literária, tanto quanto a sua “cultura livresca”.<sup>55</sup>

Ao apontar questões que perpassam suas vivências e defender que a literatura deve ser composta pelos dilemas do dia-a-dia, suas obras carregam, para alguns estudiosos, a perspectiva da sinceridade, elemento que recai sobre o signo da verdade. Essa verdade, vista como sinceridade, vai ao encontro da subjetividade do autor, sendo parte de sua linguagem e de sua verdade exposta na narrativa.

Ao utilizarmos a verdade expressa na literatura como elemento de análise, devemos atentar para o fato de que não é unitária, factual e objetiva. Ela deve ser pensada no sentido plural, assim como é a vida e a própria memória de quem narra um fato. Com isso, alcançar o que realmente houve não é o nosso objeto de investigação, senão o que o escritor disse que viu, sentiu e experimentou em relação aos acontecimentos narrados em suas obras.

A Bruzundanga não podia deixar de tê-las, pois o povo, tribo, clã, todo o agregado humano, enfim, tem a sua literatura e o estudo dessas literaturas muito tem contribuído para nós nos conhecermos a nós mesmos, melhor nos compreendermos e mais perfeitamente nos ligarmos em sociedade, em humanidade, afinal.<sup>56</sup>

Lima Barreto utilizou sua atividade literária e jornalística na imprensa carioca para apresentar os seus anseios em relação à vida, aos sujeitos, às questões sociais e às dificuldades cotidianas. Trouxe à tona preconceitos e injustiças enfrentados pelos negros, as desigualdades vivenciadas nos subúrbios, as perseguições experimentadas pelos sujeitos que não atendiam às demandas da ordem e expressou em palavras seu desejo de realizar uma literatura universalista e militante. Narrou a vida das camadas invisíveis, problematizou a política denunciando suas falhas e seus mecanismos de manipulação.

<sup>54</sup> BARRETO, Lima. *apud* BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 198.

<sup>55</sup> HIGA, Mário. Lima Barreto: militância e memorialismo. In: **Lima Barreto. Antologia de Crônicas**. São Paulo, Lazuli Editora, 2010. p. 11.

<sup>56</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Capítulo especial– Os Samoiedas. In: **Os Bruzundangas: sátira**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004. p. 8.

De forte engajamento com as questões políticas, expressou sua opinião e colocou o consenso sob suspeita. Questionou ferrenhamente a distância entre o discurso literário e a realidade a qual pertencia.

Seria uma falha minha nada dizer eu sobre as belas-letras da Bruzundanga que as tem como todos os países, a não ser o nosso que, conforme sentenciou a *Gazeta de Notícias*, não merece tê-las, pois o literato não tem função social na nossa sociedade, provocando tal opinião o protesto de um sociólogo inesperado. Devem estar lembrados deste episódio – creio eu. Continuemos, porém, na Bruzundanga.<sup>57</sup>

A consciência de sua função social enquanto literato e jornalista foi algo bastante elucidado em seus escritos, concomitantemente com sua insatisfação e descrença em relação ao projeto republicano, que carregava consigo o discurso do progresso e da modernização, mas na prática alimentava uma sociedade injusta, desigual, pautada em privilégios e que segregava os sujeitos indesejados.

A sociedade da Primeira República vivenciou mudanças sociais e culturais, especialmente no espaço urbano, o que exigiu radicais transformações nos costumes e comportamentos, tanto na esfera privada quanto na pública. Diversas foram as intenções falhadas e os desejos não realizados, provocando na elite letrada do país uma frustração ideológica diante do cenário em que se negava o passado colonial e suas reminiscências avistadas no presente.

Francisco Foot Hardman, em seu artigo *Palavra de ouro, cidade de palha*, nos fala da vontade de vencer da “República das letras”, chamada assim pelos “homens de bem”. O autor nos chama atenção para o cenário social da República dos homens letrados, os adornos que expressavam as contradições daquela “bela época”. Lutas sociais, verdades incontestes do discurso dominante, controle, vigilância, imposição de preceitos morais, raciais e culturais, complexidades e tensões que cercavam a vida dos sujeitos e que eram muitas vezes reconstruídos pelas “belas letras” a partir de um discurso unificado que buscava estabelecer uma única verdade sobre aquele cenário, escamoteando os sentidos da diferença que perpassavam a vida dos sujeitos. Conclui que a literatura do período, um dos principais veículos da ideologia dominante, dirigiu-se à retórica do poder político, da educação cívica, da hierarquia militar e religiosa, da sagrada família, do direito elitista e do jornalismo oficial.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> *Id., Ibid.*, p. 8

<sup>58</sup> FOOT HARDMAN, Francisco. *Palavra de ouro, cidade de palha. Literatura anarquista*. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 81.

Porém, não podemos perder de vista as contradições que invadiam todos os espaços, inclusive o mundo das letras. As dissidências do universo literário da Primeira República são significativas, e não devemos refrear nossas observações ao primeiro plano de visão dos projetos políticos-culturais que buscavam legitimar seus valores. Foot Hardaman ressalta a busca por recuperar as “raízes populares” pelos aparelhos do Estado que não traziam a presença dos oprimidos na chamada literatura social, mas que sustentavam uma veneração pequena burguesa do “popular” pelo projeto nacionalista que realizava a institucionalização caricata e a sacralização de resquícios folclóricos. Afirmou que “nossa emotividade literária só se interessava pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações”.<sup>59</sup>

Neste sentido, Lima nos ajuda a pensar a postura adotada por vários de seus colegas de profissão, que apresentavam muitas vezes um conhecimento frívolo e preconceituoso acerca dos temas narrados, vendo os costumes ditos populares como excêntricos, algo que resultava de suas apatias ideológicas, falta de dedicação aos indivíduos comuns e de visões engessadas e de superioridade.

Além da educação de todos eles, além do misonéismo fatal e necessário aos jornalistas dos grandes jornais, há, para determinar esse uniforme julgamento deles sobre a agitação dos operários e as teorias que os animaram, o que se pode chamar a ambiência mental da imprensa periódica. Ela é feita com o desconhecimento total do que se passa fora da sua roda, um pouco da política e da dos literatos, determinando esse desconhecimento um desprezo mal disfarçado pelas outras profissões, sobretudo as manuais, e pelo que pode haver de inteligência naqueles que as exercem.<sup>60</sup>

Lima Barreto discordava de maneira incisiva da falta de autenticidade na produção empreendida por muitos dos homens que compunham a “República das letras”, esses que muitas vezes de maneira descuidada exerciam análises generalizantes. Essa postura não lhes permitia ampliar o campo de percepção dos diversos elementos que poderiam ser retirados do real e expressos em forma de arte; além disso, ficavam presos à reprodução quase mecânica da vida dos sujeitos narrados, sem duvidar, questionar e contradizer visões pré-postas, distanciando-se de uma arte autônoma e dedicada à formação humana.

Não há como discutir com eles, porque todos se guiam por ideias feitas, receitas de julgamentos e nunca se aventuram a examinar por si qualquer questão, preferindo resolvê-las por generalizações quase sempre recebidas de

---

<sup>59</sup> *Id., Ibid.*, p. 81.

<sup>60</sup> BARRETO, Lima. Carta Aberta. In: FARIA, Antonio Augusto Moreira de. e PINTO, Rosalvo Gonçalves, organizadores. **Lima Barreto Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012. p. 86.

segunda ou terceira mão, diluídas e desfiguradas pelas sucessivas passagens de uma cabeça para outra.<sup>61</sup>

Na perspectiva das contradições, a literatura anarquista, libertária, subterrânea e dissidente nos possibilita pensar esse período independentemente dos cânones oficiais, além das vozes dissidentes da literatura oficial, como Lima Barreto, que rompeu com a premissa da literatura oficial ao inverter a ordem habitual da crítica e debater temas como greve operária, literatura, política e a própria atividade jornalística, muitas vezes voltada à bajulação e reprodução desinformada.

Há, em tal questão, mais uma questão de dignidade humana, de direito que tem todos a encontrar na terra felicidade e satisfação, do que mesmo desejo de um maior ou menor ganho. O que não é justo, é que muito poucos possam encontrar na vida mais que o supérfluo e alguns mais, unicamente o necessário.<sup>62</sup>

O inconformismo e a contestação presentes nos escritos de Lima Barreto revelam sua preocupação com uma literatura social e politicamente militante, inspirada na redenção dos oprimidos e contrária ao elitismo. Contribuiu em muitos jornais do período, porém não suportava a vaidade, as asserções arrogantes e a inclinação produtivista e de mercado fomentadas por boa parte dos periódicos e dos jornalistas, que, segundo ele, “levavam tristeza no coração dos outros e discórdia entre os homens”.<sup>63</sup>

Sentimos que o jornalista se haja emperrado no regime capitalista, mas estamos certos de que, por mais emperrado que seja, há de haver ocasiões em que pergunte de si para si: é justo que o esforço de tantos séculos, que a inteligência de tantas gerações, que o sangue de tantos homens de coração e o sofrimento de tantas raças, que tudo isso, enfim, venha simplesmente terminar nessa matéria, nesse opróbrio que anda por aí? É justo?<sup>64</sup>

Lima Barreto não se furtou de expor sua revolta contra a ausência de caráter ético na atividade jornalística, criticando o ritmo comercial de sua atividade entendida como um negócio. Conhecia e denunciava como se estabelecia as “boas” reputações literárias à força de concessões, bajulações e submissão, consequência de sua ligação com ideias libertárias e anarquistas. Essa relação ocorreu ainda na mocidade, quando teve contato com grandes nomes do anarquismo brasileiro, como José Oiticica.

<sup>61</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Capítulo especial– Os Samoiedas. In: **Os Bruzundangas**: sátira. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004. p. 14.

<sup>62</sup> BARRETO, Lima. *apud* BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 192.

<sup>63</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.164.

<sup>64</sup> *Id.*, Palavras de um snob anarquista. In: FARIA, Antonio Augusto Moreira de e PINTO, Rosalvo Gonçalves, organizadores. **Lima Barreto Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012. p.20.

Dedicou-se a carreira de jornalista, na qual se empenhou depois de abandonar o curso de Engenharia na Escola Politécnica do Largo de São Francisco, e sua trajetória no meio jornalístico se iniciou no ano de 1903, quando, por convite do amigo da época da Politécnica Bastos Tigre, contribuiu em revistas como *A Quinzena Alegre* e *O Diabo*, ambas de duração efêmera. Posteriormente, foi convidado por Carlos Viana, amigo também da Escola Politécnica, para compor a secretaria da *Revista Época*.<sup>65</sup> No ano seguinte, Lima Barreto tentou novamente ingressar no jornalismo profissional escrevendo para o *Correio da Manhã*, que, segundo Francisco de Assis, era o mais desabusado órgão da imprensa carioca. Denunciava negociatas e atacava diretamente os poderosos da política, rompendo com a perspectiva da época e orientando, à contramão, a “opinião pública”, por não estar submisso aos interesses políticos e comerciais.

Convidado por Pausílipo da Fonseca, passou a contribuir no jornal *Correio da Manhã*, em 1905, ingressando no jornalismo profissional com a publicação do texto *Os Subterrâneos do Morro do Castelo*. Em 1906, recebeu do mesmo amigo o convite para integrar o Partido Independente Operário, mas recusou por alegar que precisaria se dedicar cotidianamente a denunciar o cenário político e social; ao mesmo tempo, por ser um subalterno do funcionalismo público de onde tirava o seu sustento e o de sua família, temia sofrer represálias.

No entanto, no decorrer de sua trajetória jornalística, desenvolveu uma escrita combativa e libertária, chegando a colaborar paralelamente à imprensa comercial, em publicações operárias e mesmo anarquistas<sup>66</sup>, a exemplo: *A Lanterna*, jornal anticlerical de São Paulo, onde publicou *Os Bruzundangas*, e *A Voz do Trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira, onde escreveu *Palavras de um snob anarquista*, em 15 de maio de 1913. *A Voz do Trabalhador* era um jornal cuja temática principal era a relação entre anarquismo e sindicalismo, além da opressão policial, carestia de vida, solidariedade entre os trabalhadores e literatura libertária.

Os anarquistas falam da humanidade para a humanidade, do gênero humano para o gênero humano, e não em nome de pequenas competências de personalidades políticas; e se há muitos que o são por ignorância ou esnobismo consoante o dizer do jornalista conservador, mesmo assim

<sup>65</sup> Sua participação na revista não foi duradoura devido à inclinação da mesma que dedicava-se a tecer elogios políticos aos mandarins da política nacional.

<sup>66</sup> Lima Barreto contribuiu em outros jornais de cunho libertário e voltados às questões dos trabalhadores e do anarquismo, tais como: *A Plebe* ( São Paulo) *O Debate* (Rio de Janeiro/1917), *O Cosmopolita* (Órgão dos Empregados em hotéis, restaurantes, cafés bares e classes congêneres que circulou entre os anos de 1916 e 1918). Visitou redações de jornais paulistas como, *A Vanguarda*, em 1921, onde conheceu Edgard Leuenroth e João da Costa Pimenta. Fonte: **Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa** . Ano VIII . Nº 22 . Março de 2012.

merecem simpatias dos desinteressados, porque não usam daquelas ignorâncias nem daqueles esnobismos que dão gordas sinecuras na política e sucessos sentimentais nos salões burgueses.<sup>67</sup>

Empenhado na crítica à imprensa brasileira da época, publica, em 1909, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, na pequena *Revista Floreal*<sup>68</sup>. Isaías Caminha, visto como seu *alter ego*, seria a sua própria consciência, ferida e humilhada, mas que reagia ao mundo de censura, de conservadorismo, de preconceito, de favoritismo e de ausência de liberdade da imprensa brasileira. Denunciou, através da luta de um jovem, a discriminação social e racial de quem só conseguiu ascender na carreira jornalística por meio de chantagem, ao descobrir trapaças de seu chefe.

Sobre a questão do *alter ego*, Mário Higa nos diz que essa ideia nos ajuda a pensar os personagens-narradores de Lima Barreto, que contam situações baseadas em eventos biográficos. Afirma que o major Policarpo Quaresma seria o pai do escritor e Isaías Caminha o seu *alter ego*. O próprio Lima Barreto, apresentado ao longo de suas obras por meio de outros personagens e às vezes narrando sua própria experiência como acontece no livro *Diário do Hospício*, onde expõe sua experiência manicomial, é apresentado como o intelectual, pobre e mulato que aposta tudo em sua formação, que reconhece o seu valor, que enfrenta as questões de seu tempo e que luta pelo seu reconhecimento e autonomia, mas que ao mesmo tempo se vê marginalizado na “República das Letras”.<sup>69</sup>

Ao longo de sua vida, realizou reflexões não apenas sobre a sociedade na qual escrevia e vivia, mas também sobre a própria imprensa. No cenário dos cafés e da boêmia carioca, o romancista e contista, visto como desleixado quanto à forma e dedicado em escrever e transformar a realidade dos humildes e dos excluídos da qual fazia parte, apresentou a perspectiva do subúrbio, empenhou-se na vida jornalística enfrentando as dificuldades inerentes àqueles que não compunham a “boemia dourada” dos salões; uma boemia bem pensante, bem situada e bem aceita.<sup>70</sup>

Como um “homem de letras”, conciliou as atividades artística e jornalística. Pertenceu à boêmia intelectual carioca, que herdou de seus antecedentes, como Olavo Bilac, o anseio de

<sup>67</sup> BARRETO, Lima. Palavras de um snob anarquista. In: FARIA, Antonio Augusto Moreira de e PINTO, Rosalvo Gonçalves, organizadores. **Lima Barreto Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012. p.20.

<sup>68</sup> Revista literária fundada, em 1907, por Lima Barreto e alguns amigos como, Domingos Ribeiro Filho. Dedicava-se a combater os madarinatos literários com suas regras, bajulações, relações pautadas em favoritismos e negociatas e não inclinação às questões cotidianas e sociais.

<sup>69</sup> HIGA, Mário. Lima Barreto: militância e memorialismo. In: **Lima Barreto. Antologia de Crônicas**. São Paulo, Lazuli Editora, 2010. p. 11.

<sup>70</sup> SOUZA, Ricardo Luiz. Olavo Bilac e Lima Barreto, jornalistas. **Revista Projeto História**, São Paulo, n 35, dez. 2007, p. 202.

não só cultivar a arte pela arte, mas de atentar-se aos problemas sociais. Esses homens buscaram pensar não apenas a lógica da sociedade brasileira, mas transformá-la e defini-la. Possuíam uma visão “projetiva”, baseados na convicção de que eles deveriam construir um projeto social e cultural para a sociedade brasileira e de que a literatura não tinha a incumbência apenas de registrar acontecimentos, mas de transformar o mundo.

Leonardo A. de M. Pereira, em *Literatura e História Social*, nos fala da geração que antecede Lima Barreto e que deu início ao grupo de literatos conhecidos como a “geração boêmia” no final do século XIX. Romancistas e poetas que buscavam o reconhecimento de sua prática como um trabalho, buscando fazer da literatura uma profissão que os permitissem viver de seu próprio talento sem precisar exercer outra ocupação, que possibilitasse o seu sustento, como Lima Barreto, que serviu ao Ministério da Guerra como amanuense por quinze anos, conseguindo ainda financiar suas publicações em pequenas revistas e periódicos. “A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho”.<sup>71</sup>

Preocupados com o estatuto social da literatura, os “homens de letras”, frustrados com o pouco reconhecimento de sua prática como atividade profissional e com as escassas possibilidades de publicação em livros, intensificavam suas colaborações em periódicos. Os contos e as crônicas literárias, fruto do trabalho árduo desses homens que buscavam viver das letras, revelavam aspectos da vida da cidade, misturando ficção e realidade, produzindo assim uma síntese da nação. A crônica de opinião,<sup>72</sup> ideologizada e polêmica, carregada de elementos do cotidiano, voltada à construção de valores éticos e de uma sociedade mais solidária e justa, perpassou toda a obra de Lima Barreto.

Atuando como uma espécie de quarto poder, exercendo forte influência sob a opinião pública, a grande imprensa voltava-se ao escândalo, ao sensacionalismo e às notícias apressadas que não se preocupavam em descrever verdades. Não oferecia condições dignas aos seus trabalhadores e nem se empenhava nas questões culturais e sociais. “Ela, a onipotente imprensa, está convencida de que nada de bom ou nada de mau se faz no mundo, que não dependa da sua soberana incontestável influência”.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> BILAC, Olavo. *apud* SOUZA, Ricardo Luiz. Olavo Bilac e Lima Barreto, jornalistas. **Revista Projeto História**, São Paulo, n 35, dez. 2007, p. 203.

<sup>72</sup> HIGA, Mário. Lima Barreto: militância e memorialismo. IN: **Lima Barreto. Antologia de Crônicas**. São Paulo, Lazuli Editora, 2010. p.20.

<sup>73</sup> BILAC, Olavo. *apud* SOUZA, Ricardo Luiz. *op. cit.*, p. 207.

Junte-se a isto uma admiração estulta pelos sujeitos premiados, agaloados, condecorados, titulados e as opiniões deles; considere-se ainda as insinuações cavilosas dos espertalhões interessados nisto ou naquilo, que cercam os homens de jornais de falsos carinhos e instilam no seu espírito o que convém às suas transações; leve-se em conta ainda mais que todo o plumitivo tem amor à pilhéria e não perde vaza para fazê-la, mesmo que seja injusta; e, por fim, em certos casos, obrigados pela natureza da profissão, são eles chamados a avançar julgamentos precipitados, improvisados sobre questões de que não conhecem os mais simples elementos. Tudo isso e mais alguns outros aspectos peculiares à vida jornalística formam o que se pode chamar, e eu chamarei, a ambiência intelectual da vida quotidiana.<sup>74</sup>

Lima questionou o distanciamento e o olhar generalizado relegado aos sujeitos comuns e às ações cotidianas por parte da “grande imprensa” e, assim, buscou contribuir em jornais que, mesmo de pequena expressão, primavam pela liberdade de ideias e dedicavam-se ao jornalismo social. Ressaltou a indiferença dos jornalistas perante as questões sociais, denunciando a falta de autonomia e a bajulação, afirmando que “tudo era postiço, falso, sem nada de verdadeiro e sem nenhuma grandeza”.<sup>75</sup>

Utilizou recursos da imprensa para a criação de suas obras de ficção através de uma escrita de comunicação direta, com o intuito de alcançar o maior número possível de leitores, denunciando o carreirismo e o oportunismo tão impregnados nos jornais brasileiros, condenou qualquer tipo de censura e indagou se todo ataque destinado a um jornal não seria uma ameaça à liberdade dos demais. Chamou a atenção para a questão do monopólio e denunciou o domínio de alguns poucos jornais sobre o mercado jornalístico e afirmou que, com coragem e independência, lutaria por seu reconhecimento.

A primeira publicação de Lima Barreto em formato de romance foi com *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em 1909, período em que o livro foi posto à venda depois dos originais terem sido levados à Lisboa pelo editor A. M. Teixeira. Após a publicação, o escritor se deparou com a hostilidade e o silêncio. Ao denunciar os poderosos das letras e a imprensa brasileira, tendo como alvo principal o jornal *O Correio da Manhã*, esse que não publicou nenhum comentário sobre o feito, segundo nos fala Francisco de Assis Barbosa, o escritor continuou sem prestígio intelectual, glória e dinheiro. Desejava o debate, mas não obteve o alcance esperado, tendo que se conformar apenas com comentários nos cafés que frequentava.

---

<sup>74</sup> BARRETO, Lima. Carta Aberta. In: FARIA, Antonio Augusto Moreira de e PINTO, Rosalvo Gonçalves, organizadores. **Lima Barreto Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012. p. 87.

<sup>75</sup> BARRETTO, Afonso Henriques de Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1949. p.133-134.

Hoje, pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensa – mentos.<sup>76</sup>

Lima Barreto empreendeu críticas não só à atividade jornalística, mas aos homens que a constituíam. Criticou artistas consagrados como Coelho Neto e recusou as comparações feitas entre ele e Machado de Assis, por considerar que o mesmo escrevia com medo, escondendo o que sentia para não se rebaixar. Não afirma que não o admirava, porém reprovava sua omissão e o seu jeito de escrever nas entrelinhas.

Reconhecia que sua literatura caminhava em lado contrário ao da literatura oficial, todavia, almejou por três vezes torna-se um imortal da Academia Brasileira de Letras, algo que pode ser percebido como incoerência; no entanto, esse aspecto de sua vida nos faz pensar que Lima, como outros indivíduos, não seguiu uma sequência lógica e linear, demonstrando ser a vida algo plural.

Se não disponho do *Correio da Manhã* ou do *O Jornal* para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisas nas letras brasileiras e ocultarem o meu nome ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance.<sup>77</sup>

De linguagem simples e considerada desleixada por muitos críticos, sua intenção era alcançar o leitor comum através dos assuntos concretos que perpassavam o dia-a-dia através de uma literatura fluida e clara. Contudo, devemos nos atentar para a questão de que esses projetos construídos por escritores, como Lima, estavam em contato com uma sociedade marcada por conflitos e tensões e que não se encaixavam em projetos sociais e culturais totalizantes.

Certo dia em que me pus a pensar nisso, veio-me a reflexão de que não era mau que andasse eu a escrever aquelas tolices. Seriam como que exercícios para bem escrever, com fluidez, claro, simples, atraente, de modo a dirigir-me à massa comum dos leitores, quando tentasse a grande obra, sem nenhum aparelho rebarbativo e pedante de fraseologia especial ou um falar abstrato que faria afastar de mim o grosso dos legentes. Todo homem, sendo capaz de discernir o verdadeiro do falso, por simples e natural intuição, desde que se lhe ponha este em face daquele, seria muito melhor que me dirigisse ao maior número possível, com auxílio de livros singelos, ao alcance das inteligências médias com uma instrução geral, do que gastar tempo com obras só capazes de serem entendidas por sabichões enfatuados, abarrotados

<sup>76</sup> *Id.*, **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p. 80.

<sup>77</sup> *Id.*, SOUZA, Ricardo Luiz. Olavo Bilac e Lima Barreto, jornalistas. **Revista Projeto História**, São Paulo, n 35, dez. 2007, p.215.

de títulos e tiranizados na sua inteligência pelas tradições de escolas e academias e por preconceitos livrescos e de autoridade. Devia tratar de questões particulares com o espírito geral e expô-las com esse espírito.<sup>78</sup>

Temas não priorizados pelos jornais e pela maioria das obras literárias do período constituíram a obra de Lima, como a questão da loucura, anteriormente trazida por Machado de Assis, em *O Alienista*. Seus personagens loucos ou apontados dessa maneira, carregam trajetórias que envolve a não aceitação ou o não cumprimento cabal das leis e dos costumes impostos pela sociedade, apontando, através daquilo entendido como ausência de razão e insânia, aspectos que constituíam o cotidiano dos indivíduos, mas que eram malogrados pelas posturas e normas estabelecidas como adequadas. Expôs as contradições e injustiças fomentadas socialmente sob o aval da normalidade através do esquisito, do bêbado, do ermitão, do gênio, do antissocial, do paranoico e da moça abandonada pelo noivo, que acabou enlouquecendo por não conseguir cumprir com o único papel que lhe cabia naquela sociedade – o casamento.

Manteve-se presente em produções ligadas à imprensa independente, cuja linha editorial condizia com suas ideias e posturas. Produziu obras voltada à literatura engajada, que falava sobre os sujeitos comuns e injustiças que enfrentavam. Primava pela liberdade das manifestações de suas intuições e crenças. Optara por ser independente e sofrera marginalização que pôs em descrédito seus escritos pelos cânones da literatura oficial. Apesar disso, via-se com grande responsabilidade e enaltecia a sua função social enquanto escritor e jornalista, dedicando-se a uma escrita humana, justa, sensível e de combate. Era um exaltado, um incompreendido muitas vezes, tinha língua afiada. Foi um incansável e não hesitou em falar ao que veio. Estava ciente da função social da literatura e fez disso sua práxis, afirmando que seu amor pelas letras o fez esquecer de si inteiramente, entregando-se a ela com fé cega.

---

<sup>78</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. pp. 164-165.

### 1-3 Os Escritos Barretianos sobre a Loucura

Mas não me é possível, a minha pouca certa inteligência é de outra raça; sou levado incoercivelmente para o estudo da sociedade, para os seus mistérios, para os motivos dos seus choques, para a contemplação e análise de todos os sentimentos. As formas das cousas que as cercam, e as suas criações, e os seus ridículos, me interessam e dão-me vontade de reproduzi-los no papel e descrever-lhe a sua alma, e particularidades. Ao mesmo tempo, levado para o estudo das sociedades, da sua história, do quid que as anima, arrastado para o estudo do seu destino, sou também capaz de me emocionar diante das coisas e da natureza.<sup>79</sup>

Na passagem retirada do romance autobiográfico e inacabado de Lima Barreto, *O Cemitério dos Vivos*, escrito em 1921, o escritor expõe os elementos essenciais para sua criação literária. Esta, intrinsecamente relacionada ao meio em que era produzida, em que as formas das coisas davam o tom aos enredos, voltava-se ao estudo da sociedade, não só em sua dimensão objetiva – aspectos políticos, econômicos e sociais –, mas também na esfera dos sentimentos, dos choques e dos mistérios que acometiam a humanidade. O escritor examinava acuradamente a realidade que se propunha a transformar em arte, primando pelo alcance dos sentimentos, dando “alma” aos seus personagens.

Lima Barreto examinou e problematizou valores aceitos como verdadeiros e legitimados como corretos pela sociedade. Em sua literatura, podemos perceber como se dividiam as classes sociais na Primeira República, alcançando os efeitos sociais e psicológicos da hierarquia social. Diante de uma cultura que se desenvolveu sob um regime colonial dependente, o escritor, nos fala dos comportamentos submissos como um traço marcante de nossa cultura voltada ao estrangeirismo, em que a elite cultural e econômica colocava-se submissa ao estrangeiro, por considerá-lo superior pela raça, cultura e nível civilizatório; o povo, em relação às elites, era visto como subserviente, escravo, rústico, agregado, atrasado, preguiçoso, selvagem, sujo e patológico.

Sua literatura imbuía-se de críticas à ordem, que carregava consigo valores considerados pelo escritor como deturpados e constituídos por falsos moralismos e preconceitos. Seus personagens, portanto, tem a missão de desvelar as contradições e os falsos moralismos da sociedade em que lhe coube viver. Buscou-lhes dar “alma”, deu-lhes vida, voz e apontou-lhes os sentimentos. Condenou os escritores que não narravam a vida e a realidade

---

<sup>79</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 95.

que os cercavam, além de não criarem personagens com personalidade e emoções, produzindo fantoches.

No artigo, *Uma fita acadêmica*, escrito na revista *A.B.C.*, em 02 de agosto de 1919, Lima Barreto expõe a função de sua literatura e afirma que a arte é, por natureza, uma criação humana levada por motivações sociais: “Um escritor, cuja grandeza consistisse em abstrair fortemente das circunstâncias da realidade ambiente, não poderia ser—creio eu—um grande autor. Fabricaria fantoches e não almas, personagens vivos.”<sup>80</sup>

Para o escritor carioca, a literatura deveria ser um instrumento de comunicação que possibilitasse a compreensão entre os diferentes sujeitos. Teria de ser uma ferramenta que difundisse ideias e sentimentos, que permitisse aos indivíduos o alcance e o respeito por aquilo que era diferente do que os constituía, realizando, assim, o intercâmbio de experiências. Em suma, a arte de escrever exigia que o escritor observasse não só os sujeitos, mas também a sociedade.

Percebemos, com isso, que um escritor, ao selecionar um tema ou criar um personagem, o faz como parte de seu processo imaginativo, estético e psicológico, aspectos que se fundem através de sua subjetividade, e recebe influências do meio, da vida e dos valores que confronta e que aceita do seu tempo. O narrador precisa aproximar-se do seu leitor por meio das histórias que conta, tirando das experiências de seus interlocutores, e de suas próprias, aquilo que narra. Sobre isso, Walter Benjamin, em *Magia e Técnica, Arte e Política*, afirma que “escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus limites. Na riqueza dessa vida e na descrição dessa riqueza, o romance anuncia a profunda perplexidade de quem a vive.”<sup>81</sup>

Compreendendo a solidariedade humana como a alternativa para alcançar a felicidade, Lima Barreto via como utilidade da literatura a força capaz de unir e de instruir os homens, ligando-os a partir da troca de experiências, uma vez que carrega consigo a habilidade de transmitir exemplos, valores e ensinamentos morais.

Em síntese, a partir da observação e apreensão das múltiplas experiências dos sujeitos, as suas e as alheias, o narrador deve utilizá-las como um meio prático de transformação da sociedade e de transmissão de valores essenciais ao espírito humano, dedicando a sua escrita à busca por uma sociedade justa e humana.

---

<sup>80</sup> BARRETO, Lima. *apud* BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 200.

<sup>81</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 201.

Nesta perspectiva, Lima Barreto, mesmo vivendo num período de valorização do progresso, demonstra, em sua postura de literato engajado, a essência do “autêntico narrador” pensada por Benjamin. Empenhava-se numa literatura voltada à solidariedade humana e que fosse alcançada por todos. Entendia a literatura como o elemento unificador capaz de aproximar os homens e condenava as distinções e desigualdades sociais de seu tempo.

Taxada por alguns de personalista e confessional, a escrita barretiana, que se abastece de aspectos autobiográficos, não deve ser entendida como mera reprodução de experiências pessoais, afastadas de seu engajamento com as questões coletivas e o seu alcance social. Não é apenas o desabafo de mágoas, angústias, queixas e frustrações transformadas em narrativas. É o empenho de Lima preocupado em oferecer aos leitores a possibilidade de sentir e se engajar em questões que compunham a vida em sociedade. Apresentava sua literatura como uma tentativa de metamorfosear sentimentos e pensamentos em ações, fazendo com que aqueles que o lessem refletissem sobre suas vidas.

Os ideais coletivos e as questões sociais, atrelados às suas experiências pessoais, constituíram seus personagens e o enredo de suas obras, fazendo do elemento autobiográfico uma marca relevante de sua escrita.

Utilizou muitas vezes de suas vivências, dores, sonhos, frustrações e desejos para compor os sujeitos de sua obra; porém, sua motivação e finalidade destinaram-se à dimensão social. Partiu do particular para o geral empregando o individual nas causas sociais. A dimensão pessoal atrelou-se à visão da sociedade e à sua consciência artística, segundo nos aponta Antonio Cândido, em *A educação pela noite e outros ensaios*.

Acho que Antônio Arnoni Prado, em seu livro *Lima Barreto: o crítico e a crise*, foi o primeiro a mostrar cabalmente como o nosso autor usava as notações do cotidiano para construir momentos bem realizados na escrita de ficção. Na cena indicada há uma espécie de embrião desse processo. Ao que eu saiba, Lima Barreto não a transpôs para nenhum dos seus romances ou contos. Mas, nela, elaborou a realidade com um toque que nos faz ler como se fosse trecho de ficção este retalho onde a dimensão pessoal converge com a visão da sociedade e a consciência artística, propiciando a realização literária plena, mesmo com o seu ar de rascunho.<sup>82</sup>

Antônio Cândido nos chama atenção para elementos presentes na obra de Lima Barreto analisadas por Antonio Arnoni Prado em seu livro, ressaltando a ligação da obra barretiana com aspectos cotidianos que delineiam as narrativas ficcionais, fazendo da sua

---

<sup>82</sup> CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: **A Educação Pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989. p.43.

dimensão pessoal um aspecto pertencente ao social, não apartando o indivíduo do escritor, entendendo sua arte como missão.

Valendo-se de elementos da realidade para compor o seu arsenal de ficção, Lima Barreto nos leva a refletir sobre sua escrita dedicada à questão da loucura, que experimentou de perto. Porém, o escritor não se empenhou apenas em narrar sua própria experiência. Deslocou-se às experiências alheias, criou outros personagens incumbidos de transmitir, através de suas “inadequações” sociais e dos comportamentos vistos como exagerados e esquisitos, os valores almeçados por ele para o alcance de uma sociedade melhor. Além de empreender críticas à sociedade que marginalizou os pobres, os negros, as mulheres, os loucos, os intelectuais autônomos, os trabalhadores e os costumes populares.

A partir desses personagens, Lima Barreto denunciou os mecanismos de controle, a ideologia das classes dominantes e a marginalização social empreendida através da ciência, da literatura e da imprensa, que difundiram ideologias de opressão e de discriminação aos sujeitos “desviantes” e “excêntricos”.

O elemento da bizarrice aparece na obra do escritor como tema estético e como expressão de um fenômeno social mais amplo. No plano social, a bizarrice aparece nos sujeitos criados por Lima, não como uma idiosincrasia nem como uma transferência cabal dos aspectos que compõem a personalidade do escritor. Ela não só elabora o seu autobiografismo como também é marca de sua expressão literária.

Os personagens abominados socialmente surgem, sob a voz do literato, revestidos de dignidade e de humanidade superior, sendo eles os verdadeiros cumpridores do ideal humano e de uma sociedade justa e solidária. Sujeitos que enfrentam e recusam as formas negativas de atuar em sociedade – ganância, soberba, bajulação, favorecimento e corrupção – contrariando, portanto, a ideologia dominante, desembocando na excentricidade e na esquisitice ou, por sua vez, na loucura. A partir das “deformações”, Lima apresentou a inversão dos valores realizada por uma sociedade excludente e definidora dos padrões vistos como adequados. Entendemos sobre o elemento da bizarrice, que:

Com efeito, a bizarrice é uma certa adaptação, que se faz no interior do sujeito e que decorre das possibilidades de prática social própria que lhe é permitida pela ordem específica da realidade. Mais corretamente: decorre do fato de que, se um homem pode se revelar capaz, em seu foro íntimo, de enfrentar a transformação negativa das formas fenomênicas dadas de uma sociedade (...), de modo tal que isso ocorre, então a conversão dessa recusa numa prática social propriamente dita (conversão que se torna humanamente necessária) não pode ultrapassar – por causa de sua incompatibilidade socialmente determinada – os limites de uma interioridade abstrativa mais ou

menos deformante. Disso decorre que o caráter desemboca na excentricidade, na extravagância.<sup>83</sup>

O conceito de Lukács mostra-se como essencial para compreendermos a crítica de Lima Barreto à inversão de valores empreendidas pela sociedade a qual fazia parte. Crítica essa realizada por meio do perfil psicológico e comportamental de seus personagens “bizarros”. Carlos Nelson Coutinho afirma:

A bizarrice, assim, é um modo peculiar pelo qual se manifesta a incapacidade – histórica e socialmente determinada – de adequar esse núcleo humano subjetivamente preservado a um mundo social objetivamente alienado. Em sua luta para conservar a autenticidade subjetiva sem se isolar completamente do mundo, o bizarro sofre uma deformação de personalidade que o aproxima da extravagância, da excentricidade, até mesmo da patologia.<sup>84</sup>

Por meio da composição de sua atividade literária, Lima Barreto retratou a realidade brasileira, criticando, a partir de seus personagens compostos de deformações e inaptações, as instituições de poder e a lógica social e cultural vigente. Em contrapartida, realçou a dignidade e a honestidade dos excluídos, fazendo a crítica social, ressaltando os valores que considerava fundamentais para uma sociedade melhor. Seus “excêntricos” personagens valorizavam a justiça, a autonomia de agir e de pensar e buscavam direitos iguais para todos. Com isso, apresentavam desajustes diante de uma sociedade voltada à bajulação, à segregação e à alienação intelectual.

Narrando o seu universo simbólico – a cidade –, Lima Barreto, a partir dos humilhados e desviantes, apresenta alguns tipos humanos como alternativa à deformação ética que se manifesta por meio dos membros das classes dominantes. Elaborava e indicava alternativas concretas de superação ao modo de vida das elites, fazendo da arte um importante meio de denúncia, de luta e de participação social.

Em *O triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto apresenta de maneira peculiar um herói problemático, que buscava valores autênticos protegidos por sua subjetividade, porém, enfrentava a degradação objetiva desses valores imposta pela sociedade.

O Major Policarpo Quaresma, protagonista do romance e talvez o mais importante personagem do escritor, primava por valores universais, apresentando uma relação humano-social com as questões de sua época, apontando assim para as contradições humanas experimentadas na prática.

<sup>83</sup> G. Lukács. *Soljenitsyne*, Paris, Gallimard, 1970. *apud* COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. 4.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 118.

<sup>84</sup> COUTINHO, Carlos Nelson. *Ibid.*, p.119.

A partir da estruturação dos acontecimentos e da vida de Policarpo Quaresma, Lima Barreto desenvolve forte crítica à sociedade brasileira, que condenava ao ridículo, à patologia e à bizarrice, as ações do povo, essas, que ao ver do escritor, voltavam-se ao melhoramento da sociedade.

Os governos, com os seus inevitáveis processos de violência e hipocrisias, ficam alheados da simpatia dos que acreditam nele; e demais, esquecidos de sua vital impotência e inutilidade, levam a prometer o que não podem fazer, de forma a criar desesperados, que pedem sempre mudanças e mudanças.<sup>85</sup>

Em Policarpo Quaresma, o escritor realiza uma síntese do herói com o mundo que o cerca, utilizando a ação individual para falar de elementos sociais e coletivos. Indo da comicidade à mais profunda tragicidade, *Policarpo Quaresma* apresenta valiosas qualidades humanas, inteireza de caráter e profundo desejo de participação social.

Enfrentando o vazio do mundo burocrático, o Major Policarpo desenvolve subjetivamente um grande amor pelo seu país, desejando empenhar-se em seu melhoramento, dedica seus estudos e capacidades nesse sentido. Lima Barreto demonstra que é em ações silenciosas como a de Policarpo que os indivíduos atuam honestamente e sem interesses pelo aprimoramento da humanidade. Todavia, o que é relegado ao Major é a incompreensão do meio social que o condena ao manicômio. Analisando os elementos que compõem a sociedade experimentada, o escritor através de Policarpo, constrói uma reflexão e denuncia elementos dos universos sociais que impõe aos sujeitos valores distorcidos, tais como a burocracia das repartições públicas e o militarismo.

Analisaremos aqui os personagens criados por Lima Barreto que, por representarem comportamentos e ideias diferentes dos ideais burgueses difundidos na *Belle Époque* brasileira, especificamente a carioca, foram lançados à sorte da loucura. Sujeitos que carregavam a marca da inadaptação para aquela sociedade, mas que eram considerados pelo escritor como os possuidores dos valores fundamentais.

Interessa-nos pensar a loucura como uma das temáticas escolhidas por Lima Barreto, presente em muitas de suas obras, não apenas naquelas que narram a sua própria experiência. Com isso, pretendemos demonstrar que a loucura entra em sua obra como uma questão social considerada relevante para pensar e questionar o seu tempo, apontando as injustiças cometidas e o peso que a estigmatização da loucura causa na vida de tais personagens.

Ao narrar a relação do major Quaresma com a loucura, Lima Barreto, em 1911, nos fala acerca do hospício:

---

<sup>85</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **O Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 5. ed. São Paulo: FTD, 1998. p.138.

Só o nome da casa metia medo. O hospício! É assim como uma sepultura em vida, um semi-enterramento, enterramento do espírito, da razão condutora, de cuja ausência os corpos raramente se ressentem. A saúde não depende dela e há muitos que parecem até adquirir mais força de vida, prolongar a existência, quando ela se evola não se sabe por que orifício do corpo e para onde. Com que terror, uma espécie de pavor de cousa sobrenatural, espanto de inimigo invisível e onipresente, não ouvia a gente pobre referir-se ao estabelecimento da praia das Saudades! Antes uma boa morte, diziam.<sup>86</sup>

O hospício, lugar familiar de Lima Barreto desde a infância, é apresentado como o oposto da vida, como o lugar da morte em vida, onde o espírito é aprisionado, a razão é extinta e a liberdade é censurada. Lugar que causa medo nos indivíduos, especificamente na “gente pobre”, alvo preferencial e contingente maior do Hospício Nacional de Alienados, o estabelecimento da Praia da Saudade a que Lima faz referência, esse que, em 1914, recebe o escritor como paciente psiquiátrico pela primeira vez.

Em *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima manifestou muitos de seus ideais e críticas à humanidade, denunciando as forças sociais, entre elas, as instituições, contrárias à autonomia e à felicidade humana, dedicadas à alienação e ao controle dos sujeitos. Sem por em dúvida a retidão do caráter de Policarpo, o escritor dissolve, a partir da ironia transformada em sátira, elementos equivocados que perpassavam o nacionalismo, e a narrativa de crítica é configurada a partir da inadequação à realidade do major, que questiona o falso nacionalismo ufanista. A incongruência de Policarpo apresenta-se através da sua tentativa de instaurar o tupi-guarani como língua nacional brasileira, consequência de seu ufanismo ingênuo:

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.<sup>87</sup>

Rompendo com seu isolamento e saindo do seu reduzido ciclo de amigos e parentes, ao mandar uma carta ao Congresso Nacional pedindo a instauração do Tupi-guarani como língua oficial, denunciando as censuras dos “proprietários da língua”, que não se entendiam entre si, mas que, imbuídos de direitos e de razão para determinar o Português que deveria ser

<sup>86</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 5. ed. São Paulo: FTD, 1998. p.66.

<sup>87</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 55.

falado e escrito, condenavam qualquer forma de escrita que não fosse a “cultura”, Policarpo Quaresma é levado às portas da patologia, da anormalidade e da loucura. Considerado louco, é internado no hospício e transformado em paciente psiquiátrico, paga o preço por suas “deformações” não aceitas por uma sociedade, que buscava o cumprimento de seus padrões e valores.

“De resto, com aquela entrada silenciosa, clara e respeitável, perdia-se logo a idéia popular da loucura; o escarcéu, os trejeitos, as fúrias, o entrechoque de tolices ditas aqui e ali. Não havia nada disso; era uma calma, um silêncio, uma ordem perfeitamente naturais. No fim, porém, quando se examinavam bem, na sala de visitas, aquelas faces transtornadas, aqueles ares aparvalhados, alguns idiotas e sem expressão, outros como alheados e mergulhados em um sonho íntimo sem fim, e via-se também a excitação de uns, mais viva em face à atonia de outros, é que se sentia bem o horror da loucura, o angustioso mistério que ela encerra, feito não sei de que inexplicável fuga do espírito daquilo que supõe o real, para se apossar e viver das aparências das cousas ou de outras aparências das mesmas”.<sup>88</sup>

Ao sair do hospício, Policarpo é aconselhado pela afilhada Olga a se instalar no campo. Nesse período de tentativa de “cura” do Major, Lima intensifica a elaboração crítica de seu personagem, ampliando sua intervenção social. No campo, onde passa a ter contato direto com a questão agrária, Policarpo desenvolve estudos voltados não só ao melhoramento da terra, mas também à questão rural, por acreditar que o governo, ao investir na agricultura, traria melhoras ao Brasil.

Ao conviver com a população rural, Policarpo aprendeu a valorizar o conhecimento sobre a terra para além daquele que estava nos livros que leu. Criticou as ações do Estado em relação ao campo e à distribuição da terra, denunciando o abandono das populações rurais por parte do governo, além da concentração de terras e da manutenção de enormes latifúndios.

A propriedade é social e o indivíduo só pode e deve conservar, para ele, de terras e outros bens, tão somente aquilo que precisar para manter a sua vida e de sua família, devendo todos trabalhar da forma que lhes for mais agradável e o menos possível, em benefício comum.<sup>89</sup>

A questão agrária apresenta-se como uma das mais importantes e complexas questões sociais tocadas por Lima Barreto. As extensas propriedades rurais, concentradas nas mãos de alguns poucos proprietários, causavam-lhes indignação, por não serem transformadas em terras produtivas, enquanto muitos trabalhadores, que viviam no campo, não tinham acesso à terra em que pudessem cultivar.

---

<sup>88</sup> *Id., Ibid.*, p. 66.

<sup>89</sup> BARRETO, Lima. No Ajuste de Contas. In: FARIA Antonio Augusto Moreira de. e PINTO, Rosalvo Gonçalves, organizadores. **Lima Barreto Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012. p. 49.

No romance, Lima Barreto expõe suas queixas ao militarismo, à burocracia estatal, à manutenção de latifúndios, aos preconceitos ideológicos e aos ideais das classes dominantes em detrimento dos costumes do povo. Explora a insensatez humana apontada por seu personagem que carrega a marca da loucura. Será mesmo o major Quaresma o verdadeiro louco?

Através do “louco” Policarpo Quaresma, o escritor insurge-se contra os valores que condenava, utilizando o personagem, que, inicialmente, seguia os anseios das forças dominantes, mas que, ao sentir na pele a rejeição e o rebaixamento moral, passou a questioná-la. No correr do romance, Policarpo é transformado em um risco à sociedade e Lima o apresenta como uma alternativa de recusa e de crítica à ordem vigente.

Além do que, penso que todo este meu sacrifício tem sido inútil. Tudo o que nele pus de pensamento não foi atingido; e o sangue que derramei, e o sofrimento que vou sofrer toda a vida foram empregados, foram gastos, foram estragados, foram vilipendiados e desmoralizados em prol de uma tolice política qualquer... Ninguém compreende o que quero, ninguém deseja penetrar e sentir; passo por doido, tolo, maníaco e a vida se vai fazendo inexoravelmente com a sua brutalidade e fealdade.<sup>90</sup>

Por meio da loucura do major, o escritor chama a atenção do leitor para os valores distorcidos e para as consequências vivenciadas por aqueles que resolviam rebelar-se contra essa distorção, demonstrando que o dissidente era condenado à exclusão, à solidão e taxado de louco.

No mesmo livro, Lima Barreto nos apresenta Ismênia, moça que, ao ser abandonada pelo noivo, enlouquece. Acometida por uma tristeza profunda, recorrente do abandono daquele que viria a ser seu esposo, Ismênia não via mais sentido na própria vida, tendo que suportar por toda sua existência a solteirice, algo bastante temido pelas mulheres da época. Perdeu o sentido da vida e passava os dias parada a pensar no abandono do noivo, não exercia nenhuma atividade profissional ou doméstica e dedicava-se, apenas, à solidão.

Ao narrar o drama de Ismênia, Lima Barreto denuncia a posição que era relegada a mulher naquela sociedade, em que o casamento era sua principal função. À mulher não era destinado um futuro profissional e tudo colaborava e incentivava para que Ismênia visse no matrimônio o seu ideal de vida. Noiva do estudante Cavalcanti – que, ao se tornar “doutor”, embarcou a trabalho para o interior, deixando a noiva por meses sem uma carta sequer–, Ismênia considerou a falta de notícias do noivo um abandono, sucumbindo, caindo numa forte depressão.

---

<sup>90</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **O Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 5. ed. São Paulo: FTD, 1998. pp. 187-188.

Ela pronunciou este “ahn” muito longo e profundo, como se pusesse nele tudo que queria dizer sobre o caso. Via bem o que fazia o desespero da moça, mas via melhor a causa, naquela obrigação que incrustam no espírito das meninas, que elas se devem casar a todo o custo, fazendo do casamento o pólo e fim da vida, a ponto de parecer uma desonra, uma injúria, ficar solteira.<sup>91</sup>

Através da análise de Lima, compreendemos o peso da pressão social que a sociedade exercia sobre as mulheres em relação ao casamento, fazendo do seu não cumprimento um motivo de desespero psicológico e de inadequação social. A situação das mulheres era, de fato, vulnerável diante da ideologia dominante que a consagrava como dependente dos homens. Outrora do pai, agora do esposo. E a solteira era condenada à desonra e à inutilidade social, uma vez que não cumpria com o sentido de sua vida: casar e procriar.

Percebemos a astúcia do escritor ao denunciar a sociedade utilizando os seus próprios valores. No caso da personagem, a moça enlouquecera não porque amava o noivo que a abandonou, mas porque não conseguiu cumprir com as expectativas da época em relação ao papel que lhe cabia e, com isso, teria que carregar por toda a vida a vergonha de não casar, expondo toda a família.

O pudor de pai tinha-o impedido de dizer toda a verdade. A filha enlouquecera de uma loucura mansa e infantil. Passava dias inteiros calada, a um canto, olhando estupidamente tudo, com um olhar morto de estátua, numa atonia de inanimado, como que caíra em imbecilidade; mas vinha uma hora, porém, em que se penteava toda, enfeitava-se e corria à mãe, dizendo: “Apronta-me, mamãe. O meu noivo não deve tardar... é hoje o meu casamento.” Outras vezes recortava papel, em forma de participações, e escrevia: Ismênia de Albernaz e Fulano (variava) participam o seu casamento. O general já consultara uma dúzia de médicos, o espiritismo e agora andava às voltas com um feiticeiro milagroso; a filha, porém, não sarava, não perdia a mania e cada vez mais se embrenhava o seu espírito naquela obsessão de casamento, alvo que fizeram ser da sua vida, a que não atingira, aniquilando-se, porém, o seu espírito e a sua mocidade em pleno verdor.<sup>92</sup>

Ismênia, com sua “loucura mansa e infantil”, que não apresentava nenhum risco à sociedade, traz também elementos para pensarmos acerca dos usos feitos, pela população, das práticas populares de cura e o recrudescimento da atuação do poder público contra essas práticas e concepções. A população fazia uso da medicina popular, do curandeirismo e das concepções religiosas em busca de sua cura, misturando rituais da Igreja com práticas consideradas pagãs. Porém, neste período, as práticas de curas populares, que partiam tanto de

---

<sup>91</sup> *Id., Ibid.*, p. 175.

<sup>92</sup> *Id., Ibid.*, p. 152.

concepções religiosas quanto daquilo que entendemos como medicina popular, eram condenadas e perseguidas pela polícia e pela medicina dominante.

A intolerância, por parte do Estado, às práticas e às concepções de doença e de cura, nos leva a analisar as mudanças estruturais que influenciaram a adesão de tal postura por parte do governo. Todavia, essa intolerância não significa a extirpação dessas práticas, ainda que o Estado almejasse inibir qualquer ação autônoma desenvolvida pela população pobre, impedindo outras formas de cura.

Dentro desta perspectiva de perseguição e combate às práticas de saber e de cura populares, Lima Barreto escreveu um conto, intitulado *O feiticeiro e o deputado*, em que o feiticeiro é taxado de louco.

Não julguem que fosse negro. Parecia até branco e não fazia feitiços. Contudo, todo o povo das redondezas teimava em chamá-lo de “feiticeiro”. É bem provável que essa alcunha tivesse tido origem no mistério de sua chegada e na extravagância de sua maneira de viver.<sup>93</sup>

O homem vivia numa pequena cidade, em seu sítio, e sua maneira de viver era considerada, pela população local, como exótica. Chegou à cidade de maneira misteriosa, era taciturno e vivia quase sem relações com ninguém, isolado em seu rancho, dedicando-se ao cultivo de suas plantas, postura que alimentava a curiosidade e a suspeita da população.

Cochichavam que matara, que roubara, que falsificara; mas a palavra do delegado do lugar, que indagara dos seus antecedentes, levou a todos confiança no moço, sem que perdesse a alcunha e a suspeita de feiticeiro. Não era um malfeitor; mas entendia de mandingas. A sua bondade natural para tudo e para todos acabou desarmando a população. Continuou, porém, a ser feiticeiro, mas feiticeiro bom.<sup>94</sup>

Ao ser atestado como uma boa pessoa pelo delegado, o “feiticeiro” foi aceito pelas pessoas da cidade, que até passaram a recorrer aos seus “serviços” de feitiçaria. No entanto, o médico psiquiatra e o escriturário – vistos como autoridades locais – continuavam a desconfiar e a denegrir a imagem do homem que vivia isolado.

Era visto como um louco por possuir conhecimentos que não condiziam com sua situação de um simples homem do interior, visto como esquisito por viver isolado. Era taxado de degenerado, de maníaco religioso e de mandingueiro, logo, deveria ser privado de qualquer contato social com as pessoas de bem, devendo ser encaminhado ao manicômio.

---

<sup>93</sup> BARRETO, Lima. *O Feiticeiro e o Deputado*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. organização e introdução. **Contos completos de Lima Barreto**; São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 202.

<sup>94</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 203.

No entanto, o escriturário e o médico psiquiatra mudaram de opinião por conta da visita de um importante deputado à pequena cidade, o qual, ao se deparar com o “feiticeiro”, se viu diante de um amigo dos tempos de estudantes, passando as duas “autoridades” da cidade a respeitar o “feiticeiro”, que era formado em medicina, merecendo o respeito de todos.

No conto, o escritor condena a desconfiança existente acerca da sabedoria e do conhecimento dos homens simples, utilizados como critério de avaliação da sanidade do “feiticeiro” pelas “autoridades” que superestimavam títulos, diplomas e cargos, condenando o conhecimento adquirido na prática, repassado, às vezes, de geração para geração.

A loucura é utilizada para questionar os valores que legitimavam a exclusão social, em que o título de bacharel dava poder, prestígio, honra e privilégio aos seus portadores, que serviam-se do mesmo para galgar posições sociais importantes. Entretanto, os homens verdadeiramente inteligentes, honestos e interessados nos estudos, porém simples, eram desprestigiados e vistos como loucos.

Em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto nos apresenta o gramático Lobo. O personagem fazia todas as correções gramaticais dos textos publicados nos jornais cariocas e se irritava desmedidamente com qualquer erro avistado. Foi considerado louco não porque suas ideias e comportamentos não correspondiam ao esperado, mas, ao contrário de outros personagens, enlouquecera por seguir à risca e por valorizar em demasia a perfeição gramatical, um forte valor do período.

A gramática do velho professor era de miopia exagerada. Não admitia equivalências, variantes: era um código tirânico, uma espécie de colete de forças em que vestira as suas pobres idéias e queria vestir as dos outros. Há três ou cinco gramáticas portuguesas, porque há três ou cinco opiniões sobre uma mesma matéria. Lobo organizara uma série delas sobre as inúmeras dúvidas nas regras do nosso escrever e o nosso falar e ai de quem discrepasse no jornal! Era emendado da primeira vez, da segunda repreendido, da terceira podia ser até despedido, se ele estivesse de mau humor.<sup>95</sup>

O velho gramático não admitia que o jornal fosse publicado com o menor erro e temia ser desmoralizado e chamado de ignorante, vivendo preso à obsessão de cumprir com linguagem e gramática perfeitas; se recusava a conversar com as pessoas por não suportar ouvir qualquer coisa que considerava erro ou desleixo com o padrão formal de linguagem e temia ser contaminado pelo português inculto. Com sua mania de português “correto”, o

---

<sup>95</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora Escala, 2000. p. 136.

gramático Lobo acabou internado num hospício e o colete de forças (gramática oficial) fora trocada pela camisa de força social empreendida pelo manicômio.

Lobo enlouquecera e estava recolhido ao hospício. A sua mania era não falar nem ouvir. Tapava os ouvidos e mantinha-se calado semana inteira, pedindo tudo por acenos. A alguém que lhe perguntou por que assim procedia, explicou:

- Isto não é língua... Não a posso ouvir... Tudo errado... Que vai ser disto! - E por que não fala?

- Os erros são tantos, e estão em tantas bocas, que temo que eles me tenham invadido e eu fale esse calão indecente...

E vivia calado pelos corredores, lendo a Ensynança de Bem Cavalgar de El-Rei Dom Duarte.<sup>96</sup>

A mania do gramático carrega a crítica que Lima nutria e – expôs à obsessão– pelo formalismo dos “homens das letras”, que exigiam a perfeição gramatical e que não admitiam nenhuma debilidade na linguagem falada e escrita. Denuncia o preconceito empreendido pelos homens que coordenavam a linguagem formal na literatura e na imprensa, elemento sentido na pele por Lima Barreto, considerado por muitos críticos como um “descuidado” em relação à forma.

O escritor teve sua literatura conduzida ao descrédito muitas vezes, por ser acusado de cometer erros de concordância, desvios gramaticais e equívocos ortográficos. Sua escrita era simples, direta e introduziu, na literatura oficial, o jeito e os assuntos que o povo falava e entendia. O preço pago por isso foi alto.

Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto narrou a vida de Leonardo Flores, visto, por muitos, como possuidor de inúmeras características do escritor. Poeta, que chegou a alcançar o reconhecimento do público, influenciando poetas de gerações seguintes, afetado por desgostos familiares em decorrência da loucura incurável de seu irmão, entregou-se ao álcool, o que o afetou profundamente. O poeta, antes famoso, agora transformado num homem triste e parvo, não conseguia concatenar raciocínios e diálogos, findou no hospício levado pela polícia, assim como Lima Barreto.

Os mais curiosos se aproximaram e deram com aquele estranho e bizarro espetáculo de um homem, que parecia louco ou bêbado, a pronunciar coisas incompreensíveis e a gesticular, diante de um pobre velho morto. Chamaram a polícia; e lá foi Leonardo, gesticulando e falando só, para a delegacia. Meneses tomou o caminho do necrotério, após fotografias e outras precauções policiais. O primeiro movimento do policial que recebeu Leonardo, foi removê-lo incontinenti para o hospício ou lugar equivalente. Na verdade, o poeta não dizia coisa com coisa; nem mesmo quem era,

---

<sup>96</sup> *Id, Ibid.*, p. 170.

informava. Muitos o conheciam de vista, mas, para essas pessoas, era simplesmente - “o poeta”.<sup>97</sup>

Em Leonardo Flores, o escritor atribuiu a loucura às dificuldades enfrentadas por aqueles que resolvem enfrentar a realidade confinadora, defendendo os seus ideais em meio aos conflitos e preconceitos da sociedade. O personagem resolveu enfrentar a realidade, resguardando sua dignidade e recusando transformar sua arte em uma mercadoria. Esse é outro aspecto da época combatido por Lima, em que a literatura, a arte e a imprensa foram transformadas em mercadorias, deixando de lado sua missão.

O conto, *Como o Homem Chegou*, escrito em 1914, depois de sua primeira internação no Hospício Nacional de Alienados, é uma sátira à sociedade e às suas instituições, como polícia, ciência, política e imprensa. Lima Barreto expõe as arbitrariedades da medicina psiquiátrica e da polícia, condenando o autoritarismo e a burocracia da política e o desconhecimento da ciência sobre as questões simples que perpassam a vida.

A intenção de ataque as mazelas da república e de seus beneficiários, nesse conto, é mais forte do que a disposição de contar uma história de maneira realista, de articular minuciosamente relações sociais, de procurar compreender motivações. Não interessa para o autor os motivos que explicariam o comportamento de um tipo como Barrado, nem como Sofonias. Mais importante é identificá-los, através de comentários e episódios, e puni-los com o ridículo. Um texto como esse visa principalmente ao presente, busca tomar posição diante da ordem estabelecida e seu forte é um profundo senso das circunstâncias. Nem todas as narrativas de Lima Barreto têm uma ligação tão forte com a ação imediata como essa, embora em maior ou menor grau o autor sempre desejasse intervir.<sup>98</sup>

O conto narra a prisão de Fernando, um astrônomo considerado excêntrico que vivia com o pai em Manaus. Passou a ser considerado louco pela família simples, após ser diagnosticado pelo doutor da cidade. Encaminhado pelas mãos da polícia – encarregada de conduzir os pacientes ao manicômio – de Manaus ao Rio de Janeiro em um carro forte, numa viagem que durou quatro anos, o homem inteligente, transformado em louco, nos revela a relação entre conhecimento e loucura, nos mostrando que a genialidade de um homem simples era impensável e posta em descrédito pela sociedade, que o condenou à loucura e o encaminhou ao hospício. Aponta também para a postura da família, que diante da fala de um doutor, não questionou o diagnóstico imposto, não interferindo no destino trágico do rapaz,

<sup>97</sup> *Id.*, **Clara do Anjos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. p. 185.

<sup>98</sup> OLIVEIRA, Irenísia Torres. Sátira e Crítica Social num conto de Lima Barreto. **Revista Cerrado**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literatura. v. 18, n. 28. 2009. p. 315.

que nada fizera, além de possuir uma inteligência considerada inadequada aos indivíduos de sua extração social baixa.

O “homem”, como dizem eles, era um ente pacato, lá dos confins de Manaus, que tinha a mania da Astronomia e abandonara, não de todo, mas quase totalmente, a terra pelo céu inacessível. Vivia com o pai velho nos arrabaldes da cidade e construía na chácara de sua residência um pequeno observatório, onde montou lunetas que lhe davam pasto à inocente mania. Julgando insuficientes o olhar e as lentes, para chegar ao perfeito conhecimento da Aldebarã longínqua, atirou-se ao cálculo, à inteligência pura, à matemática e a estudar com afinco e fúria de um doido ou de um gênio. Em uma terra inteiramente entregue à chatinagem e à veniaga, Fernando foi tomando a fama de louco, e não era ela sem algum motivo. Certos gestos, certas despreocupações e mesmo outras manifestações mais palpáveis pareciam justificar o julgamento comum; entretanto, ele vivia bem com o pai e cumpria os seus deveres razoavelmente. Porém, parentes oficiosos e outros longínquos aderentes entenderam curá-lo, como se se curassem assomos de alma e anseios de pensamento.<sup>99</sup>

Sofrendo as maiores humilhações morais ao ser exposto socialmente como louco, além dos maus tratos, numa viagem longa dentro de um carro forte cercado de ferros por todos os lados, Fernando representa a desarmonia, o transtorno, a assimetria dos oprimidos em relação ao meio que o cerca, numa sociedade do poder, dos conchavos, das bajulações e do controle, pressão essa ainda mais forte numa região distante, onde os poderosos eram a própria lei.

A onipotente ciência é apresentada através de suas arbitrariedades, ao julgar-se capaz de curar os “assomos da alma”, de controlar a soltura dos pensamentos e de transformar a inteligência de um homem em diagnóstico de loucura, como maneira de depreciar e conter sua genialidade. Com o único objetivo de internar o “homem” (Fernando) no hospício do Rio de Janeiro, a viagem narrada por Lima Barreto evidencia a violência cometida pela polícia sob o consentimento da ciência, que, no auge de seu pedantismo e rigor, acaba matando Fernando.

Em *O Cemitério dos Vivos*, Lima Barreto, inspirado em sua experiência com a loucura durante sua segunda internação no Hospício Nacional de Alienados, sob a voz de Vicente Mascarenhas, narra a experiência deste homem, que se pretendia escritor, mas que não publicara nenhum livro, e acabara internado no hospício por conta da bebida, sendo levado também pela polícia.

Indivíduo estudioso e de origem simples, Vicente mantinha sua autonomia intelectual e independência ideológica, temática e estilística, e expunha de maneira corajosa e direta suas

---

<sup>99</sup>BARRETO, Lima. Como o “homem” chegou. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. organização e introdução. **Contos completos de Lima Barreto**; São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p.126.

ideias e opiniões, sem nenhum receio, em virtude de não possuir nenhum padrinho e de não ser submisso ao cânone oficial das letras.

Sem aproveitar o pequeno e restrito sucesso que havia obtido, eu não sabia como haver dinheiro. Não queria tentar o jornal. Muitas cousas me faziam pensar. Repugnava-me aceitar um lugar subalterno, sentia-me capaz de outra coisa; mas, ao mesmo tempo, não me queria hipotecar por gratidão ou dinheiro a pessoas e influências, que fariam sepultar em mim as minhas ideias e abafar a paixão com que elas deviam ser expostas.<sup>100</sup>

Em sua escrita, Lima Barreto combateu o “doutorismo” e dedicou-se a pensar o povo. Buscou uma produção simples, por não querer perder seu tempo com sabichões aborrotados de títulos, de soberba e pedantismo, tiranizados por tradições de escolas e academias preconceituosas e autoritárias.

De mim para mim pensei: se um simples bêbado pode gerar um assassino; um quase-assassino (meu pai) bem é capaz de dar origem a um bandido (eu). Assustava-me e revoltava-me. Seria possível que a ciência tal dissesse? Não era possível. Havia ali, por força maior, uma ilusão científica, um exagero, senão uma verdadeira imperfeição; e o meu pensamento de menino foi estudá-la, mas bem depressa, depois que a frequência das prédicas positivistas deram-me, por negação, algumas vistas sobre as bases metafísicas das ciência, planejei estudá-las, decompô-las e marcar o grau de exatidão dos seus métodos, a sua conexão com o real, a deformação que ele trazia ao que passava de fato bruto para o dado na teoria científica; havia de aquilatar a colaboração da fatalidade da nossa inteligência nas leis(...).<sup>101</sup>

Durante sua internação, Vicente realizou críticas e questionou a crença exacerbada na ciência, questionou a arrogância dos médicos e o seu poder absoluto, condenou a ausência de reflexão e de crítica das práticas médicas a que eram submetidos os pacientes, o isolamento imposto aos mesmos, a hierarquia social fomentada nos hospícios, a teoria da degenerescência justificada na hereditariedade e o preconceito exercido sobre àqueles que tornavam-se pacientes psiquiátricos.

No conto *Dentes Negros, Cabelos Azuis*, Lima Barreto narra a história de Gabriel, rapaz que possuía dentes negros e cabelos azuis, carregando assim o estigma por ser diferente, experimentando forte exclusão social e discriminação desmedida por parte da sociedade. O sujeito “estranho” vagava pela cidade, solitário, e um dia, ao ser abordado por um assaltante, que, ao se assustar no primeiro momento com as estranhas características de Gabriel, transferiu o sentimento de pavor para o de piedade, devolvendo o dinheiro que havia tomado do rapaz.

<sup>100</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 200.

<sup>101</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 154.

No entanto tenho que ir na vida pela senda estreita da prudência e da humildade, não me afastarei dela uma linha, porque à direita há os espeques dos imbecis, e à esquerda, a mó da sabedoria mandarinata ameaça triturar-me. Tenho que avançar como um acrobata no arame. Inclino-me daqui, inclino-me dali; e em torno recevo a carícia do ilimitado, do vago, do imenso... Se a corda estremece acovardo-me logo, o ponto de mira me surge recordado pelo berreiro quem vem debaixo, em redor dos gritos: homem de cabelos azuis, monstro, neurastênico.<sup>102</sup>

A marca da diferença que assolava o rapaz é exposta como forma de denunciar a não aceitação das características físicas que não correspondessem à lógica branca da sociedade, essa – por sua vez, mestiça em essência – que buscava através de teorias científicas o branqueamento da população, renegando as raízes negras consideradas inferiores e origem das degenerações. Essas teorias raciais, fomentadas pela ciência e pelo Estado, chegaram a propor a esterilização dos indivíduos considerados degenerados, para que as gerações futuras não fossem geradas pelos mesmos e atingissem o tipo físico perfeito, ao molde europeu.<sup>103</sup>

No conto *O único assassinato de Cazuza*, Lima Barreto narra a história de Hildegrado, um homem considerado muito inteligente, mas que não ocupava lugar de poder e sofria com o estranhamento da sociedade. Não possuía nenhum diploma e não conseguiu entrar para o funcionalismo público, investindo na carreira de literato, onde, todavia, também não obteve reconhecimento. Desiludido e cansado de seus fracassos, optou por se afastar da convivência social, mudando-se para uma pequena casa num subúrbio distante, tornando-se um ermitão.

Depois de violentas crises de desespero, rancor e despeito, diante das injustiças que tinha sofrido em todas as coisas nobres que tentara na vida, viera-lhe uma beatitude de santo e uma calma grave de quem se prepara para a morte. (...) Com alguma renda, tendo uma pequena casa, num subúrbio afastado, afundou-se nela, aos quarenta e cinco anos, para nunca mais ver o mundo, como o herói de Júlio Verne, no seu “Náutilus”. Comprou os seus últimos livros e nunca mais apareceu na rua do Ouvidor. Não se arrependeu nunca de sua independência e da sua honestidade intelectual.<sup>104</sup>

Através dos personagens analisados, o escritor nos fala de sujeitos vistos como loucos, esquisitos e isolados socialmente, denunciando os preconceitos da sociedade da qual fazem parte. Por outro lado, enaltece a honestidade, a solidariedade e a autonomia desses personagens, que, através da aparência ou de comportamento estabelecidos como estranhos, traziam inteireza de caráter e o interesse em melhorar a humanidade. Sujeitos simples com

<sup>102</sup> BARRETO, Lima. Dentes Negros e Cabelos Azuis. BARRETO. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. organização e introdução. **Contos completos de Lima Barreto**; São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.327.

<sup>103</sup> Para essa discussão ver: MOTA, André. A fonte da juventude brasileira: eugenia e saúde nos primórdios do século XX. **Revista Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 2, p. 175-189. 2005.

<sup>104</sup> BARRETO, Lima. O único assassino de Cazuza. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. organização e introdução. **Contos completos de Lima Barreto**; São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.532.

senso de justiça e de humanidade, que, ao optarem por conservar sua independência intelectual e moral, acabaram se isolando ou sendo isolados socialmente.

Ao questionar, por meio de seus personagens, a loucura, a obsessão pelo título de doutor, a ausência de autonomia intelectual, a dependência da mulher, o parasitismo do funcionalismo público, a soberba científica, a truculência da polícia, a corrupção política, a desigualdade social e a rejeição que sofrem os sujeitos que escapam à ordem, Lima Barreto coloca sob julgamento toda estrutura social brasileira da Primeira República, presa a preceitos morais, raciais e discriminatórios, subsidiada por uma burguesia arrivista, controladora e excludente.

## 2 – “AS PROSÁPIAS SABICHONAS” DA CIÊNCIA: CRÍTICA E IRONIA DE LIMA BARRETO

### 2-1 A Ciência e os seus pressupostos: normas e dissonâncias

De resto, é bem sabido que os especialistas, sobretudo de países satélites, como o nosso, são meros repetidores de asserções das notabilidades europeias, dispensando-se do dever mental de examinar a certeza das suas teorias, princípios etc., mesmo quando versam sobre fatos ou fenômenos que os cercam aqui dia e noite, fazendo falta, por completo, aos seus colegas da estranha. Abdicam do direito de crítica, de exame, de livre-exame; e é como se voltássemos ao regímen da autoridade.<sup>105</sup>

Lima Barreto experimentou desde a infância uma relação íntima com o universo da loucura por conta do trabalho do pai na Colônia de Alienados da Ilha do Governador e, posteriormente esteve como paciente por duas temporadas no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, vivendo entre seu mal-estar pessoal e os delírios coletivos num espaço cuja principal função era manter reclusos os sujeitos que subvertiam o modelo da ordem e da simetria. A loucura que, dentro da esfera da liberdade, era compreendida como a incapacidade de se fazer seu uso devido, compreendida como desvio da imaginação, inverso da razão e ausência de inteligibilidade, delineava-se na perda da razão dos indivíduos chamados de loucos e na busca da ciência psiquiátrica pelo controle do desatino.

Como paciente psiquiátrico, Lima-paciente não rompeu ou isolou-se do Lima-literato engajado e crítico social; analisou e denunciou as teorias e posturas do saber médico através de uma narrativa acerca de sua experiência no “cemitério dos vivos”, documentando um dos períodos históricos em que o indivíduo inadaptado, possuidor ou não de sintomas de distúrbios mentais, era relegado a um único lugar social: o hospício. Sua voz ecoa, rompendo com o silêncio imposto pelo manicômio, espaço médico destinado a indivíduos que não mais eram abarcados pela ordem social, sob o comando de especialistas imbuídos de uma noção de progresso e de cura, voz essa que nos faz olhar para o interior das práticas asilares e que, assim, nos permite alcançar as relações concretas que a vivência em um hospício cria dentro de seus muros em relação ao mundo exterior.

---

<sup>105</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.165.

Conhecedor das teorias psiquiátricas pela proximidade e também pelo distanciamento de sua realidade, uma vez que ele não narrou apenas as suas vivências com a loucura, falando de situações alheias a sua vida, Lima Barreto por diversas vezes pensou e escreveu sobre este saber. A doença do pai, diagnosticado como doente mental, o envolvimento com as questões sociais do seu tempo e sua própria experiência como paciente psiquiátrico, o fizeram emergir no universo da psiquiatria e de suas justificativas, pautadas, sobretudo, em teorias raciais, demonstrando o seu interesse pela questão da loucura em narrativas que, a nosso ver, vão além da questão pessoal, algo evidenciado pela sua dedicação às questões sociais e pela vida de outros sujeitos do seu tempo.

Em seu *Diário do Hospício*, em obras como *O Cemitério dos Vivos*, *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Clara dos Anjos*, e em contos, a exemplo, *Como o Homem Chegou*, o escritor constrói histórias de pessoas diagnosticadas ou vistas como loucas, pondo em xeque o arsenal teórico e prático da Ciência, utilizando-se muitas vezes da própria lógica da norma e de seus pressupostos para denunciar as arbitrariedades e as falhas da psiquiatria e da sociedade de modo geral.

Tanto no diário quanto no romance, ambos baseados nas suas internações no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, Lima Barreto expôs o contato e as relações que estabeleceu com os psiquiatras responsáveis pelo seu atendimento. Além de falar amplamente sobre a ideia que nutria acerca da Ciência e de seus pressupostos, analisou o conhecimento e as condutas daqueles médicos, apontando o que considerava como erros, exageros e preconceitos nas posturas dos mesmos. Um desses médicos que atendeu o escritor foi o psiquiatra Dr. Henrique de Brito Belford Roxo<sup>106</sup>, grande expoente da psiquiatria do período. Segundo Lima, o doutor Henrique Roxo, voltava-se à certeza dos manuais da ciência que professava e do manicômio, mas mantinha-se afastado de seus pacientes e, em *Diário do Hospício*, falou de quando desagradou o médico ao contar-lhe em tom de ironia, que o irmão que o colocou ali (Carlindo), tinha fé na onipotência da ciência e acreditava no hospício.

Tinha que ser examinado pelo Henrique Roxo. Há quatro anos, nós nos conhecemos. É bem curioso esse Roxo. Ele me parece inteligente, estudioso, honesto, mas não sei por que não simpatizo com ele. Ele me parece desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério— que mistério! — que há

---

<sup>106</sup> Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Viveu entre 1877 a 1969. Escreveu a tese de doutoramento intitulada *Duração dos atos psíquicos elementares* em 1900. Foi diretor do Pavilhão de Observações do Hospício Nacional de Alienados entre 1911 e 1920. Atendeu Lima Barreto em suas duas internações.

na especialidade que professa. Lê os livros da Europa, dos Estados Unidos, talvez; mas não lê a natureza. Não tenho por ele antipatia; mas nada me atrai a ele.<sup>107</sup>

O escritor expõe abertamente o distanciamento entre teoria e prática, médicos e pacientes, nos apresentando a ineficiência das análises globalizantes acerca de processos específicos, casos individuais e singulares. O texto demonstra a clareza e a crítica que Lima Barreto empreendeu ao elucidar a arrogância clínica e a autossuficiência transmitidas por grande parte dos psiquiatras brasileiros. Aponta a falta de interesse dos médicos em relação aos dramas individuais, ao fato em si, negligenciando a natureza de cada caso, olhando os “pacientes” de maneira abrangente e generalizante.

A loucura precisa ser compreendida como um rosto de experiências históricas, lugar de casos particulares, ainda que sejam próximos, e o hospício muito tem a nos dizer sobre a historicidade das relações através da experiência de mulheres e homens que afetaram e que foram afetados por essa estrutura social.

Lima Barreto, em suas anotações no *Diário do Hospício*, empreende uma contraposição ao poder absoluto da razão desenhado a partir das famigeradas teorias psiquiátricas, abordando as experiências dos sujeitos que fazem sua própria história ainda que dentro do hospício, atribuindo fala ao “louco”, e a sua resistência surda e constante é vista como parte essencial de uma teia de relações que vão além da estrutura asilar.

A relação paciente Lima Barreto e psiquiatras é marcada pelo distanciamento crítico, porém Juliano Moreira, grande nome da psiquiatria do período é retratado através de um clima de cordialidade e de memórias afetivas:

Na segunda-feira, antes que meu irmão viesse, fui à presença do doutor Juliano Moreira. Tratou-me com grande ternura, paternalmente, não me admoestou. Fez-me sentar a seu lado e perguntou-me onde queria ficar. Disse-lhe que na Seção Calmeil. Deu ordens ao Sant’Ana e, em breve, lá estava eu.<sup>108</sup>

Juliano Moreira, psiquiatra renomado e diretor do Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, tratou do paciente Lima Barreto. O escritor em sua anotações o definiu como afetivo, despido de vaidades e de benevolência paternal. Causou-lhe admiração por tê-lo tratado com delicadeza e ternura num meio de frieza e distâncias.

---

<sup>107</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 46.

<sup>108</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 51.

Conhecia perfeitamente o diretor e travei conhecimento com ele espontaneamente. Havia em mim uma atração para ele e eu me espantava que ele pudesse, sem barulho, mansamente, se fazer até onde estava. Pouco conhecia de sua vida [...]. Todos gabavam muito o seu talento, a sua ilustração; mas— não era bem por isso que eu o amava. Nunca lhe tinha lido um trabalho, só mais tarde me foi dado fazer isso, não tinha nenhuma ilustração no assunto do seu saber para julgar; mas, conquanto sentisse logo um homem superior, eu o amava pela sua exalação de doçura.<sup>109</sup>

Psiquiatra, mulato e de origem modesta, nasceu e se formou em Medicina na Bahia. Entre os anos de 1903 a 1930 ocupou o cargo de diretor geral da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal. Remodelou o antigo Hospício Pedro II (Após a Proclamação da República, passou a chamar-se Hospício Nacional de Alienados), retirando grades, abolindo coletes e camisas de forças. Em 1911, criou a Colônia de Engenho de Dentro e, em 1919, inaugurou o primeiro Manicômio Judiciário do Brasil. É reconhecido por ter dado uma dimensão mais humana à ciência que professava e por não concordar que as variações psicológicas fossem manifestações advindas da cor, mas sim do nível de instrução e de educação do indivíduo, discordando de muitas posições de médicos de peso do período, como Nina Rodrigues, e de algumas teorias psiquiátricas francesas.

... melhor profilaxia contra os fatores de degeneração da nossa gente sempre sem ridículos preconceitos de cores ou castas mesmo porque só assim os que foram senhores e se compeñtrarem de sua superioridade, merecerão ser absolvidos do feio pecado de terem vivido por muito tempo fartamente mercê do trabalho desmoralizado dos outros que eles ou seus ascendentes degradaram e escravizaram.<sup>110</sup>

De posicionamento progressista, Juliano Moreira foi uma figura intelectual de destaque. Participou da elaboração do corpo científico da psiquiatria brasileira no início do século XX, deu importância secundária aos elementos causadores da loucura pautados nas teorias da hereditariedade e raciais. Considerou como fatores de riscos mais influentes o alcoolismo, os efeitos neurológicos causados pela sífilis e as doenças degenerativas, e afirmou que existia uma forte relação entre ignorância e alienação mental.

Na psiquiatria, nos fins do século XVIII para o século XIX, a loucura passou a ser reconhecida como doença, transformada em objeto de estudo e de conhecimento específico, sofrendo intervenções exclusivas dos médicos, que aplicaram muitas vezes sem críticas ou

<sup>109</sup> *Id., Ibid.*, p. 224.

<sup>110</sup> MOREIRA, Juliano. A luta contra as degenerações nervosas e mentais. *Brazil-Médico*. Rio de Janeiro, 04/10/1922, v. II, p. 225. *apud* ENGEL. **Os Delírios da Razão**. Médicos, loucos e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 176.

adaptações ao cenário brasileiro as teorias estrangeiras. Porém, a loucura enquanto problemática indissociavelmente médica e social, nos leva a analisar as múltiplas e complexas tensões e interseções entre os saberes desenvolvidos numa sociedade historicamente diversa em sua composição, onde os saberes leigos e médico possuem profundo vínculo, ainda que o saber científico tenha se esforçado para desqualificar e se distanciar do “senso comum”, instaurando sua verdade.

A loucura se reveste de várias e infinitas formas; é possível que os estudiosos tenham podido reduzi-las em uma classificação, mas ao leigo ela se apresenta como as árvores, arbustos e lianas de uma floresta: é uma opção de coisas diferentes.<sup>111</sup>

Diante de uma dicotomia simplista entre ciência médica e saberes populares, a loucura transformada em doença mental, algo fixado como invisível ao olho comum, deve ser pensada como tributária também de noções advindas de saberes não especializados, formulados no cotidiano dos sujeitos comuns e que foram incorporados ao discurso médico, esses transformados em observações científicas. Lima Barreto encara de maneira ampla e sensível a distinção que existia entre os muitos sujeitos, condenados às classificações que reduziam e limitavam as diferenças.

Sobre os procedimento e diagnósticos, Lima ressalta:

Creio que lhe pareci um bom caso, reunindo muitos elementos que quase sempre andam esparsos em vários indivíduos; [...] a psicologia moderna, tendo aparecido com aparelhos registradores e outros instrumentos de precisão, que lhes davam fumaças de experimental, acabava na psicologia clássica da introspecção, do exame e análise das faculdades psíquicas do indivíduo por ele próprio com suas próprias faculdades, pois a tanto correspondia o inquérito do clínico a seu cliente.<sup>112</sup>

A loucura transferida para a esfera de doença mental se torna objeto de uma percepção mais científica, surgem tratados voltados à medicalização, por vezes distintos e até conflitantes. Porém, a transformação da loucura em doença não significa apenas um confisco, mas há uma interseção de saberes e de definições, ganhando o louco um status jurídico, social e civil, segundo nos aponta Magali Gouveia Engel através dos estudos de Robert Castel.<sup>113</sup>

---

<sup>111</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 212.

<sup>112</sup> *Id.*, Da minha cela. In: *Op.cit.*, p. 287.

<sup>113</sup> ENGEL, Magali Gouveia. **Os Delírios da Razão**. Médicos, loucos e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 118.

A psiquiatria brasileira, produto das concepções organicistas<sup>114</sup> do século XIX, advindas sobretudo da Europa, pautou-se essencialmente na questão da degeneração em sua dimensão social e enfrentou uma questão bastante cara e urgente à necessidade de reorganização social do novo cenário republicano. A urgência se dava em relação aos mecanismos de exclusão, função originária que conduziu historicamente a estruturação do saber psiquiátrico no Brasil. Precisava-se combater o desatino e a desordem social, criando o lugar e o saber sobre a loucura, separando-a da vida cotidiana e do progresso republicano. Este ponto demarca a dimensão política da tarefa desempenhada pelos médicos voltados a curar e a separar o problema social da insanidade da vida comum.

Dentro do aparato definidor dos meios para identificar o louco, nas origens do indivíduo estava a grande maioria das causas da insânia, percepção essa sustentada em teorias como a da hereditariedade e da degenerescência.

Lima Barreto, em *Diário do Hospício*, se posiciona acerca da busca por uma possível origem da loucura, algo perseguido pelos alienistas do período e trata tal procura como algo pueril e menor diante do grande mistério que envolve a loucura.

Todas essas explicações da origem da loucura me parecem absolutamente pueris. Todo o problema de origem é sempre insolúvel; mas não queria já que determinassem a origem, ou explicação; mas que tratassem e curassem as mais simples formas. Até hoje, tudo tem sido em vão, tudo tem sido experimentado; e os doutores mundanos ainda gritam nas salas diante das moças embasbacadas, mostrando os colos e os brilhantes, que a ciência tudo pode.<sup>115</sup>

A crítica aos doutores que defendiam o poder irrestrito da ciência, sustentando-se em teorias abstratas para solucionar problemas curáveis a “mais simples forma”, talvez com o abarcar das diferenças dentro de uma sociedade incongruente, demonstra a ironia empreendida por Lima Barreto, que põe em questão a dedicação dos doutores em conhecer a fundo ou mesmo explicar uma questão tão complexa quanto a loucura. O escritor leva-nos a indagar o alcance de tais pressupostos e mesmo a sua constituição que se apresenta distante da realidade que persegue.

---

<sup>114</sup> Entendemos como aqui como concepções organicistas os estudos científicos desenvolvidos entre os séculos XIX e XX acerca da psiquiatria e da loucura, que tinham como pressuposto a ideia de que a deficiência mental seria uma evidência de degenerescência da espécie herdada geneticamente.

<sup>115</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 212.

O alienismo com sua missão libertarista, “uma lenda de Pinel”<sup>116</sup>, associava o louco ao miserável, ao desgraçado e ao infeliz, dignos de piedade que precisavam de tratamento físico e moral, segundo as prescrições de Pinel e Esquirol. Com isso, a loucura aqui vista sob a ótica do comportamento, nos possibilita questionar o seu status enquanto doença, uma vez que não se apresentou uma etiologia ou mesmo sintomas localizados organicamente da loucura propriamente dita, mas que os médicos acreditavam existir. Esse processo abriu precedente para encaixá-la em várias esferas: distúrbio da alma, desvio de caráter, perversão, inferioridade intelectual e ou em justificativas raciais. Assim, Lima ressalta o mistério que envolvia o universo da loucura e questiona a ideia pautada na herança genética: “Cheio de mistério e cercado de mistério, talvez as alucinações que tive as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuí-las à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe...”<sup>117</sup>

Chamando mais uma vez a atenção para as falhas das explicações reducionistas e normativas, Lima Barreto declara que sua experiência com delírios e com o alcoolismo vai além das atribuições dada pela ciência e nos ajuda a questionar os referenciais que subsidiaram as formulações das teorias e práticas médicas em torno da loucura no final do século XIX e início do século XX. Referenciais esses, como a teoria da degenerescência formulada por Auguste Morel na segunda metade do século XIX, que apresentava uma etiologia da loucura, afirmando que a origem da mesma estava na degeneração, transmitida hereditariamente e diagnosticada como sendo o desvio doentio do padrão normal da humanidade. Mas qual seria mesmo o padrão moral e normal da humanidade?

Essa definição suscita equívocos e contradições, por ser incapaz de dar conta dos múltiplos tipos de indivíduos e, ao mesmo tempo, nega a loucura enquanto doença. Maria Clementina nos fala acerca dessa questão em *O espelho do mundo*:

Simultaneamente, admitia-se agora uma gradação dos estados patológicos: se para a patologia da razão não era admissível a existência de estados intermediários entre sanidade e loucura, as novas figuras do *demi-fou*, do degenerado “a caminho” da loucura, do “tarado” portador de uma doença invisível, tornam-se objetos centrais de preocupação da medicina mental.<sup>118</sup>

<sup>116</sup> ENGEL, Magali Gouveia. **Os Delírios da Razão**. Médicos, loucos e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p.120.

<sup>117</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.*, p. 64.

<sup>118</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. 2.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1986. p. 25.

Neste momento, a psiquiatria brasileira contava com novos temas que relacionavam-se com a recente estrutura política e social, que se deparavam com uma cidade em crescimento, espaço ideal para a proliferação de práticas antissociais, doenças e vícios. Os objetivos da abordagem médica dedicavam-se ao processo de construção da loucura como doença mental, que necessitava de formulações e criações de novos mecanismos de controle social, alargando cada vez mais as fronteiras da anormalidade e utilizando o hospício para reclusão e silenciamento dos sujeitos que manchavam a imagem da sociedade, empreendendo a chamada “limpeza social”. Assim se dava umas das intervenções sociais da medicina.

Dentro desses novos temas, a teoria da degenerescência de Morel, tributária das ideias de Esquirol, resvalava na insanidade como uma consequência de desequilíbrios individuais orgânicos e sociais, identificados a partir do momento que o indivíduo dava vazão às paixões excessivas, possuía modos de vida desregrados, não demonstrava aptidões para o trabalho ou para suas condições, vivia em estado de miséria e possuía traços de fanatismo religioso. Seria uma síntese de causas hereditárias, associadas ao ambiente em que vivia e à sua inferioridade racial e intelectual. Nos deparamos aqui com o destaque cada vez maior da hereditariedade como causa dos distúrbios morais e biológicos, sendo a loucura atribuída a ela.

Lima chama a atenção para o peso da questão racial nos diagnósticos de loucura e condena as análises pautadas na hereditariedade:

Acredito que dissesse isso porque meu pai ainda tinha em muita evidência traços de raça negra; e o meu primo, o doutor belga, como todos os antropologistas nacionais, põe os defeitos e qualidades da raça nos traços e sinais que ficam à vista de todos.<sup>119</sup>

Lima Barreto experimentou de perto o estigma de louco, porém, bastante consciente e lúcido de que não o era, demonstrou nítida percepção do caráter discriminatório, determinista e racista da psiquiatria, que segundo ele, se resumia a visões reducionistas e a terminologias generalizantes, rotulando experiências individuais como insanidade, unicamente.

Procurando os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles, e, se fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda a sorte.<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 150

<sup>120</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 23.

O escritor inquire a busca por definir as causas da loucura ou mesmo os loucos através dos hábitos e vícios que carregavam. E afirma: “a explicação por hereditariedade é cômoda, mas talvez pouco lógica”.<sup>121</sup>

Através das classificações nosográficas formuladas pelos alienistas franceses do século XIX, os médicos brasileiros inscreveram a loucura na categoria abrangente de “doença mental”, estabelecendo quatro espécies de alienação mental: mania, monomania, demência e idiotismo. Assim, a psiquiatria tornava-se mais próxima da gênese da medicina geral. E, mais uma vez, o escritor questionou a maneira de se buscar a origem da loucura, algo perseguido incansavelmente pela psiquiatria:

Há nomenclatura, uma terminologia, segundo este, segundo aquele; há descrições pacientes de tais casos, revelando pacientes observações, mas uma explicação da loucura não há. Procuram os antecedentes do indivíduo, mas nós temos milhões deles, e, se nos fosse possível conhecê-los todos, ou melhor, ter memória dos seus vícios e hábitos, é bem certo que, nessa população que cada um de nós resume, havia de haver loucos, viciosos, degenerados de toda sorte.<sup>122</sup>

Conhecedor do tema, o escritor possuía em sua biblioteca pessoal livros de Ribot e de Franco da Rocha, citado em seu *Diário íntimo*, além de ser um leitor de Maudsley, fazendo referência à sua famosa obra *O crime e a loucura* em muitos de seus escritos. Indícios que comprovam o seu interesse pelo assunto e que reafirmam, a partir do referido, a sua descrença diante das precisões e esquemas analíticos da psiquiatria.

A obra de Maudsley apresenta um manual da psiquiatria positiva e moralizadora do final do século XIX, e nela o leitor encontra conselhos de como evitar a loucura. Lima Barreto fazendo referência ao manual descrito no livro de Maudsley em seu *Diário do Hospício*, afirma que o mandamento de não beber álcool “nunca cumpri” “e fiz mal”.

Lima Barreto, diagnosticado como alcoólatra, teve sua capacidade civil posta em avaliação, sendo interdito e excluído do convívio social. O seu hábito de beber era visto como traço forte da degenerescência e como um elemento exacerbador dos transtornos, sendo associado à loucura, uma vez que indicava ausência de consciência dos atos cometidos.

Devido ao vício do álcool, foi internado no hospício, onde pensou e conviveu com os mais variados tipos de “loucos”, esses que foram sequestrados, estigmatizados e destituídos

---

<sup>121</sup> *Id., Ibid.*, p. 213.

<sup>122</sup> *Id., Ibid.*, pp. 67-68

de cidadania. Porém, ele via-se diferente ali, mas também se reconhecia como diferente em uma sociedade de “iguais”. Um atípico sob vários olhares.

Estou entre mais de uma centena de homens, entre os quais passo como um ser estranho. Não será bem isso, pois vejo bem que são meus semelhantes. Eu passo e perpasso por eles como um ser vivente entre sombras – mas que sombras, que espíritos?! As que cercavam Dante tinham em comum o *stock* de ideias indispensável para compreendê-lo; estas não têm mais um para me compreender, parecendo que têm um outro diferente, se tiverem algum.<sup>123</sup>

Através de sua escrita, a sua fala e de alguns companheiros de hospício puderam ser ouvidas. A sua voz e a de seus personagens literários é composta de significados, nos possibilitando alcançar o “*stock* de ideias” que perpassa o universo da loucura, nos levando a pensar como o louco se sentia ou mesmo como a sua época viu a loucura, afinal é a partir da experiência histórica pessoal que podemos resgatar emoções, sentimentos, ideias, desejos e medos. É uma tradução sensível de uma realidade tantas vezes negligenciada e que possui historicidade própria.

Os loucos foram incorporados à paisagem e ao cotidiano das cidades e as concepções psiquiátricas ampliaram significativamente os sujeitos propensos à anormalidade. As fronteiras entre o normal e o patológico foram estabelecidas e identificava-se a loucura a partir de traços físicos, psíquicos e comportamentais.

Em *O Espetáculo das Raças*, Lilia Moritz Schwarcz nos fala que o Brasil era apontado como um caso único e singular de extrema miscigenação racial, o que indicava certa deteriorização dos indivíduos por conta da hibridação das raças, essa que significava um tumulto biológico e psíquico e era vista como um problema para o destino da nação.

Assim, ratificando a perspectiva organicista, os psiquiatras brasileiros inseriram as degenerações e os traços hereditários que recaíam sobre a população negra e mestiça no rol delimitador da alienação mental, vistos como intelectualmente inferiores e com maior propensão à vadiagem, ao álcool e à doença.

Nos deparamos com uma situação de generalização, onde qualquer sujeito poderia ser encaixado nos parâmetros da loucura, tendo alguns uma “aptidão” maior à doença por serem inferiores racial e socialmente e como consequência eram sequestrados, depositados em hospícios, tinham suas vidas íntimas devastadas, passando por estudos que almejavam a sedimentação da psiquiatria como a grande saída para a harmonia social.

---

<sup>123</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 59.

No entanto, é bastante problemático pensar no quão aguçada deveria ser a sensibilidade dos olhos dos especialistas para serem capazes de identificar as características e comportamentos dos “loucos”. Assim, diante de tantas imprecisões e arbitrariedades, a psiquiatria brasileira ampliou ainda mais os limites da anormalidade e mais indivíduos se tornaram propensos à mesma.

A ampliação do conceito de loucura, iniciada aí, torna a psiquiatria um dispositivo mais eficaz e refinado: de “furiosa”, a loucura torna-se insidiosa, gruda-se à própria pele do indivíduo; torna-se, Ademais, invisível — exceto para o olhar do especialista, que vê reforçada sua competência — e uma ameaça infinitamente maior a ser enfrentada, corporificada nas figuras ameaçadoras dos vadios, dos jogadores, das prostitutas e seus cafetões, dos ladrões, doas assassinos, de todos os tipos de “desordeiros” contidos na população urbana.<sup>124</sup>

A vida em descompasso, a privação de liberdade do indivíduo, a busca insaciável da ciência pelo saber e poder, a altivez da nobre missão incumbida aos médicos, a discriminação dos costumes dos sujeitos comuns, a inferiorização do indivíduo mediante a cor que carregava, os traços físicos que não correspondiam à raça ideal, a delimitação dos papéis, a busca por uma sincronia em meio há tantas pessoas com rostos, trajetórias e experiências diacrônicas.

Um projeto bem definido voltado à constituição e à difusão de uma moralidade e rigor comportamental, fundado na ideia de uma família normalizada, na disciplina para o trabalho, na aceitação dos papéis e dos lugares sociais, resultando na exclusão daqueles que não obedeciam tal sistematização, aqueles que não dançavam conforme a música, às vezes até porque lhes faltavam recursos para isso.

No mesmo cenário em que se ampliou a atuação e controle desempenhado pela medicina e que se deu a criação dos hospícios, houve também uma forte expansão urbana e a cidade foi reconfigurada social e geograficamente. A escravidão substituída pelo assalariamento e a ideia disseminada de igualdade entre os indivíduos implicaram em modificações e separações. Bairros e vilas operárias foram criados para os pobres e trabalhadores e o centro voltou-se cada vez mais para a imagem burguesa do progresso.

Não bastava impor formas de morar, era necessário moralizar os pobres. Os trabalhadores não somente eram homens, mas também mulheres e crianças, e que ao ver da psiquiatria, rompia com os laços tradicionais da organização doméstica. Com isso, era preciso

---

<sup>124</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. 2.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1986. p. 25.

ensiná-los que o correto era ser um bom trabalhador voltado à família e à moralidade. Entra em cena também o controle da sexualidade, dos papéis femininos que era o de manter a família moralizada e limpa. Há um profundo alcance da medicina mental e higiênica que atravessou também as relações pessoais para moldá-las aos propósitos da disciplina urbana.

Porém, o alienismo e a loucura já ocupavam as pautas dos temas urbanos analisados pela Academia Imperial de Medicina, voltada a saúde dos cidadãos e das cidades, não sendo uma prerrogativa republicana. Através de relatórios acadêmicos do período alcançamos uma definição para psiquiatria:

...ciência imensa, onde o médico consciencioso tem muito que aprender, para sair com vitória dos óbices...de cuja solução depende muitas vezes a honra, o repouso das famílias, o interesse, enfim, os mais imediatos da sociedade.<sup>125</sup>

No entanto, não havia uma cadeira especialmente voltada aos estudos sobre alienação mental nas faculdades de medicina do Império e poucos eram os estudiosos que se dedicavam à investigação do assunto. Além disso, o surgimento do hospício no Brasil não esteve desde o início voltado à produção de um saber especializado onde médicos e estudantes utilizavam o espaço para desenvolver suas análises. O primeiro hospício brasileiro, D. Pedro II, posteriormente chamado de Hospício Nacional de Alienados, fundado em 1852 no Rio de Janeiro, manteve-se, desde a sua criação, dissociado da reflexão teórica produzida nas faculdades de medicina.

A necessidade e a importância da psiquiatria aparecem vinculadas à busca por se definir as fronteiras do território entre loucura e crime, assegurando a autoridade e a intervenção médica, algo que incentivou a inclusão de uma cadeira específica voltada aos transtornos mentais.

Quase um ano depois do pronunciamento do discurso do Dr. Pereira Rego na Academia Imperial de Medicina, o decreto nº 7.247 (de 19 de abril de 1879) incluiria o curso de clínica psiquiátrica na seção de ciências médicas das duas faculdades de medicina. Somente em março de 1881, o Corpo Legislativo aprovaria a criação das cadeiras consignadas no decreto de 1879, inserindo na sétima série do curso de medicina a clínica médica de criança e a clínica psiquiátrica.<sup>126</sup>

Buscava-se construir um campo de saber e estudos dedicado a abarcar os diversos elementos definidores do desvio, mostrando que, por trás do determinismo científico que

<sup>125</sup> CUNHA, *apud* Cf. “Relatórios dos trabalhos acadêmicos de 30 de junho de 1878 a 30 de junho de 1879”, *op. cit.*, p. 365.

<sup>126</sup> ENGEL, Magali Gouveia. **Os Delírios da Razão**. Médicos, loucos e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 134.

utilizava a hereditariedade, os traços físicos e a teoria da degenerescência para delimitar a doença mental, havia elementos do alienismo clássico, como o componente moral, esse que sempre habitou as elaborações da medicina mental.

A eclética psiquiatria brasileira buscou moldar as camadas inferiores à sua imagem, no intuito de combater não só os indivíduos degenerados, mas a perversidade do louco e a sua periculosidade. Há uma delimitação dos limites da competência de cada um dos saberes. Os médicos vistos como auxiliares da justiça, detentores da verdade sobre a loucura e responsáveis por uma correta e segura avaliação da responsabilidade legal de indivíduos acusados de delitos ou crime, deveriam salvaguardar a integridade do louco e ao mesmo tempo proteger a sociedade dos mesmos.

A nova perspectiva emergente no âmago da medicina mental implicaria, pois, alargamento significativo da noção de insanidade mental, tornando ilimitadas as possibilidades de rotulação das mais variadas condutas, individuais e coletivas, como “anormais”. Além disso, as noções de degenerescência e de constituição enfatizaria, a perversidade do louco, redimensionando o sentido de sua periculosidade a partir do estabelecimento de uma estreita associação entre criminalidade e loucura.<sup>127</sup>

Ao falar sobre a profundidade que abarca a questão da loucura e sobre a diversidade de indivíduos que ele viu no hospício ainda criança por conta do trabalho do pai e depois durante suas internações, Lima descreve traços desses sujeitos numa postura que denota sensibilidade, crítica e observação, na busca por ir além das explicações bem orquestradas da psiquiatria, mas que não abarcavam a questão em sua profundidade, incapazes de dar conta do problema no seu todo.

Há os que deliram; há os que se concentram num mutismo absoluto. Há também os que a moléstia mental faz perder a fala ou quase isso. Quando menino, muito vi loucos e, quando estudante, muito conversei com outros que essas coisas de sandice estudavam sobre eles, mas, pela observação direta e pelo que li e ouvi dos entendidos, percebi bem a perplexidade deles em face de tão angustioso problema da nossa natureza.<sup>128</sup>

<sup>127</sup> CASTEL *apud* CUNHA. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.77.

<sup>128</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 67.

Como paciente psiquiátrico e como alguém que pensou sobre sua condição, o escritor falou dos médicos, das suas teorias e dos sujeitos impedidos de viver socialmente, trancafiados em hospícios, onde muitos nem apresentavam distúrbios mentais.

Alcoólatra e interno do Hospício Nacional, Lima pensou sobre a inclusão do alcoolismo no grupo de doença mental, indagando porque outros hábitos e ausências de virtudes morais não eram enquadradas em tal grupo.

Essa questão do álcool, que me atinge, pois bebi muito e, como toda gente, tenho que atribuir as minhas crises de loucura a ele, embora sabendo bem que ele não é fator principal, acode-me refletir por que razão os médicos não encontram no amor, desde o mais baixo, mais carnal, até sua forma mais elevada, desdobrando-se num verdadeiro misticismo, numa divinização do objeto amado; por que – pergunto eu – não é fator de loucura também? Por que a riqueza, base da nossa atividade, coisa que, desde menino, nos dizem ser o objeto da vida, da nossa atividade na terra, não é também a causa da loucura? Por que as posições, os títulos, coisas também que o ensino quase tem por meritório obter, não é causa de loucura?<sup>129</sup>

Problematizando posturas não condenadas pelos psiquiatras que buscavam conhecer a experiência social da loucura como uma totalidade, sem histórias, rostos ou mesmo sujeitos, a partir de um olhar constante e universal que perseguia uma explicação final, o escritor alcançou outra lógica a partir de sua vivência no hospício e de seu interesse pelo tema. Não aceitou em muitos aspectos a intervenção social da medicina, que delegou a si mesma o poder exclusivo de identificar, nomear e curar o conjunto que só crescia de eventos englobados nos termos da loucura em que o alienismo, metáfora do poder, sustentava uma falsa pompa em seu discurso, assim como a frágil verdade que ele pretendia desvendar, segundo nos fala Machado de Assis através de Simão Bacamarte em *O Alienista*:

Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.<sup>130</sup>

<sup>129</sup>*Id., Ibid.*, p. 68.

<sup>130</sup>ASSIS, Machado de. **O alienista ; casa velha**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2008. p. 6.

A ampliação da autoridade e do prestígio do psiquiatra neste período ultrapassa os muros do hospício e muitas foram as orientações para a elaboração de um diagnóstico seguro e preciso. Necessitava-se de um interrogatório minucioso buscando os motivos e os responsáveis pela internação do paciente, inquiria-se sobre as condições morais e materiais da criação e da educação do indivíduo, investigava-se os seus antepassados sondando as possíveis causas que resultaram nas crises e desvios, e como peritos, os psiquiatras transpunham os muros do hospício, produzindo pareceres que indicavam a capacidade civil, social e a responsabilidade criminal ou não do indivíduo analisado.

Outro elemento perseguido pelos médicos era a fala do louco, vista como um sintoma. Indicava-se ao psiquiatra conquistar a simpatia do paciente para que o mesmo deixasse escapar todos os seus delírios e alucinações. A posição social, a educação e a cultura intelectual do louco eram levadas em consideração na escolha de como examiná-lo e tratá-lo, e o diagnóstico, prognóstico e etiologia eram obtidos a partir de um questionário composto de anamnese e de uma avaliação do estado atual somático e psíquico. Além de serem mantidos em observação durante os intervalos das visitas médicas, tendo em vista que o louco é dissimulado e ao se sentir sozinho poderia dar vazão ao seu estado real de delírio.

Através do prontuário do paciente Lima Barreto referente a sua primeira internação em 1914, podemos perceber a forma de elaboração do diagnóstico e os tratamentos desenvolvidos no Hospício Nacional de Alienados no começo do século XX:

Afonso Henriques de Lima Barreto, 33 anos, solteiro e empregado público. Entrada em 18 de agosto de 1914. Diagnóstico: Alcoolismo. Inspeção geral: O nosso observado é um indivíduo de boa estatura, de compleição forte, apresentando estigmas de degeneração física. Dentes maus; língua com acentuados tremores fibrilares, assim como nas extremidades.[...] Memória íntegra, conhece e cita com bastante desembaraço fatos das histórias antigas, média, moderna e contemporânea, respondendo as perguntas que lhes são feitas, prontamente. Tem noções de álgebra, geometria, geografia. Nega alucinações auditivas, confirmando as visuais. Associações de ideias e imagens perfeitas, assim como perfeitas são a percepção e atenção.<sup>131</sup>

O prontuário elucida a busca dos médicos em justificar nos elementos físicos a degenerescência dos sujeitos internados. O documento indica também uma indução dos mesmos a analisar tais “pacientes” sob os aspectos sociais, culturais e econômicos de maneira enrijecida e preconceituosa, negligenciando muitas vezes as questões biológicas.

---

<sup>131</sup> Prontuário referente à primeira internação de 27/08/1914 a 13/10/1914: Seção Calmeil do Hospital Gustavo Riedel. **Livro de observações** n° 9, pp. 76 e segs.

Cita seus autores prediletos que são: Bossuet, Chateaubriand, Balzac, Taine, Daudet; diz que conhece um pouco de francês e inglês. Com relação a esses escritores faz comentários mais ou menos acertados; em suma, é um indivíduo que tem algum conhecimento e inteligente para o meio em que vive. Interrogado sobre o motivo da sua internação refere que, indo à casa de um seu tio em Guaratiba, prepararam-lhe uma assombração, com aparecimentos de fantasmas, que aliás lhe causaram muito pavor. Nessa ocasião, chegou o tenente Serra Pulquério, que embora seu amigo de pândegas, invectivou-o por saber que preparava panfletos contra seus trabalhos na vila proletária Marechal Hermes. Tendo ele negado, foi conduzido à polícia, tendo antes cometido desatinos em casa, quebrando vidraças, virando cadeiras e mesas.<sup>132</sup>

O alcoolismo, diagnóstico de Lima Barreto, era visto como sinal de incapacidade civil, algo que abria a perspectiva da interdição dos indivíduos intoxicados pelo álcool, determinando a internação em um estabelecimento especial, processo em que muitas vezes a família aparecia como apoiadora do sequestro e da internação do seu ente. Em *O cemitério dos vivos*, o escritor nos fala sobre a sua relação com a bebida, ligada às suas frustrações, às dificuldades financeiras e ao insucesso como literato.

Vivia numa cidade marítima, sem ir vê-lo nem contemplá-lo. Atolava-me na bebida, no desgosto e na apreensão... Pensava bem em morrer, mas me faltavam forças para buscar a morte. Comprava livros e não os lia. Planejava estudos e não os fazia. Delineava obras e não as realizava. Minha pretensão eram insuficientes para fabricar um Náutilus, e eu bebia cachaça.<sup>133</sup>

Em seu diário, ele demonstra aceitar o seu diagnóstico que apontava o alcoolismo como a causa principal de seus delírios, mas o coloca em conta menor em relação ao peso das condições sociais e psicológicas do seu cotidiano.

Muitas causas influíram para que viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que arranjassem colocação condigna com minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o *chopp*, o *whisky*, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele.<sup>134</sup>

<sup>132</sup> Prontuário referente à primeira internação de 27/08/1914 a 13/10/1914: Seção Calmeil do Hospital Gustavo Riedel. **Livro de observações** n° 9, pp. 76 e segs.

<sup>133</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.103.

<sup>134</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 60.

O valor testemunhal do diário de Lima Barreto escrito durante sua segunda internação alcança a história das instituições e de suas ideologias, superando algo bastante recorrente quando se trata de pensar os sujeitos envolvidos nessas tramas, expostos ao risco de terem suas experienciais individuais subestimadas ou negligenciadas.

Nessa febre de medições, métodos e técnicas antropométricas, as ideias estabeleciam contato, assimilação e conflitos, e elementos sociais e biológicos foram associados e utilizados para a descoberta da falha, da anomalia. A degeneração com sua ênfase nos estigmas físicos e psíquicos, reveladores por sua vez da doença mental, a hereditariedade com o seu foco na origem, onde os médicos através da genealogia de seus pacientes buscavam o início de todo mal e o debate criminológico da antropologia criminal que realizava a valorização dos estigmas, constituíam os discursos médicos e fortaleciam a autoridade dos especialistas.

Não entendo dessas coisas, mas posso garantir que dei ao doutor Murilo<sup>135</sup>, sobre os meus antecedentes as informações que sabia; sobre as minhas perturbações mentais, informei-lhe do que me lembrava, sem falseamento nem relutância, esperando que meu depoimento possa concorrer algum dia para que, com mais outros sinceros e elais, venha ele servir à ciência e ela tire conclusões seguras, de modo a aliviar de alguns males a nossa triste e pobre humanidade. Sofri também mensurações antropométricas e tive com o resultado delas um pequeno desgosto. Sou braquicéfalo;<sup>136</sup>

Diante do diagnóstico do médico que afirmou que o crânio de Lima era alongado e de formato ovoide, características que configuravam degeneração e inferioridade intelectual, o escritor rebateu as injúrias que sofria por parte de um grande jornal carioca da época, que tentava diminuir a capacidade crítica de suas denúncias.

E, agora quando qualquer articulista da *A Época* quiser defender uma ilegalidade de um ilustre ministro, contra a qual eu me haja insurgido, entre os meus inúmeros defeitos e incapacidades, há de apontar mais este: é um sujeito braquicéfalo; é um tipo inferior!<sup>137</sup>

Em tom de ironia, o escritor nos fala sobre o peso da lógica hereditária que recaía sob os sujeitos vistos como degenerados, fomentada por leigos e especialistas:

O réu, meus senhores, é um irresponsável. O peso da tara paterna dominou todos os seus atos, durante toda a sua vida, dos quais o crime que é acusado

<sup>135</sup> Médico que o atendeu quando esteve internado no Hospital do Exército.

<sup>136</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. In: Da minha cela. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 288.

<sup>137</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 288.

não é mais do que o resultado fatal. Seu pai era um alcoólico, rixento, mais de uma vez foi processado por ferimentos graves e leves. O povo diz: tal pai, tal filho; a ciência moderna também.<sup>138</sup>

Lima Barreto experimentou de perto uma instituição psiquiátrica orientada por leis, sendo enquadrado em teorias e tratado conforme as terapias destinadas à cura. No entanto, de que cura falava-se? A cura do caráter daqueles que não refletiam o comportamento ou as ideias adequadas? A cura daqueles que traziam consigo hábitos pertencentes ao dia-a-dia comum, e que não se adequavam as normas advindas de lugares tão distantes e estranhos ao que eram? A cura que não alcançava homens e mulheres expostos às terapias e à toda sorte, diante de teorias recém criadas e muitas vezes imprecisas. A busca pelo controle social, em extinguir um mal que não se sabe ao certo qual era, definido a partir da cor e da origem social daqueles chamados de pacientes, identificados sem investigações prévias, que recaiam em conclusões reducionistas. O sequestro, a interdição, a exclusão e a estigmatização – situações limites – que impediam diretamente a liberdade, atendendo a busca por controlar a vida privada e pública dos indivíduos, definindo os incapazes, separado-os das relações saudáveis, buscando a cura e a não proliferação de sujeitos inferiores.

---

<sup>138</sup> *Id., Ibid.*, p.151.

## 2-2 O veneno social: alcoolismo, loucura e pobreza

Essa sua falta de método, junto a minha condição de desgraçado, davam-me o temor de que ele quisesse experimentar em mim um processo novo de curar alcoolismo em que se empregasse uma operação melindrosa e perigosa. Pela primeira vez, fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia.<sup>139</sup>

Lima Barreto, ao longo de suas narrativas, entre outras temáticas de cunho social, empenhou-se na discussão sobre loucura e alcoolismo, temas que eram associados a partir de posicionamentos morais e sociais no começo do século XX. Nesse momento, a psiquiatria brasileira definia a loucura como doença tributária do alcoolismo, estado que representava a desordem mental, em que as perturbações psíquicas, antes adormecidas, tornavam-se evidentes. O álcool era um dos elementos propiciadores da interdição e da internação de indivíduos e, uma vez dentro do hospício, os internos perdiam o direito sobre si mesmos, não podiam mais decidir sobre suas vidas, viam seus direitos sociais restringidos, tornavam-se objeto de análise da ciência e eram entregues ao poder dos médicos, concedido e fomentado pela sociedade, algo explicitado na fala de Lima Barreto.

Pesquisas, estudos e produções acadêmicas no campo da medicina dedicavam-se à origem e à cura da loucura, transformada em um saber especializado e institucionalizado a partir do hospício, e o vício da bebida foi colocado no quadro dos elementos responsáveis pela manifestação da insânia, ora entendido como herança social, ora entendido como herança genética— variação que dependia da crença ou da escola adotada pelo psiquiatra responsável pelo diagnóstico – embora não fossem antagônicas, vistas muitas vezes como complementares ou equivalentes.

No entanto, para além da racionalidade científica que buscava explicar e ajustar os indivíduos dentro de padrões sociais, pregando a moderação, condenando os excessos e medicalizando os costumes, o álcool possuía vínculo simbólico com amplos significados nas

---

<sup>139</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 246.

sociedades, alcançando desde a questão do bem-estar e do prazer até as práticas místicas e religiosas.<sup>140</sup>

O veneno social – o álcool – era conceituado como um traço forte de degeneração e o combate de sua difusão tornara-se preocupação emergencial da psiquiatria do começo do século XX. O alcoolismo degradava o indivíduo não só em sua dimensão pessoal, atingindo a formação do bom cidadão e de sua família, necessitando assim de combate, uma vez que onde houvesse alcoólatras não haveria moralidade, dignidade, educação e predisposição ao trabalho. As mais variadas razões pragmáticas – em suas dimensões sociais, penais e orgânicas – foram utilizadas para a constituição de um discurso de combate ao álcool e aos seus sujeitos.

O alcoolismo é visto como um tipo de doença mental que ofende não apenas ao indivíduo e sua descendência, não só ao grupo social mais próximo deste louco peculiar, mas também à sociedade e à nação – ideia-força do pensamento autoritário do período que está na base das teorias eugênicas que balizam perspectivas e práticas médicas. A loucura “autotóxica”, neste caso, manifesta-se não como um fenômeno individual, senão como uma moléstia coletiva que constitui uma ameaça à sociedade e à nação.<sup>141</sup>

Embora não se atingisse um consenso de que o alcoolismo seria consequência ou causa, havia a certeza de que sua prática gerava sintomas de doenças mentais, ainda que pudesse ser vista como um estado transitório de loucura curável com o fim do uso do álcool. O seu estigma pesava sobre os indivíduos diagnosticados como alcoólatras.

Não só os prejuízos orgânicos causados pelo uso imoderado do álcool eram perseguidos pelos médicos, o foco principal eram os distúrbios mentais. Para a psiquiatria, além de todo o organismo, o álcool lesionava o cérebro e o sistema nervoso com as excitações que causava nos indivíduos, retirando-lhes a razão, deixando-lhes expostos às paixões e ao descontrole e evidenciando patologias até então obscurecidas.

O álcool poderia ser tanto a causa das moléstias mentais, consideradas como manifestações de loucura causadas por intoxicação, quanto o desencadeador ou agravante de moléstias já existentes, mas não evidenciadas. Dentre os sintomas de distúrbios mentais apontados pelos médicos como característicos da intoxicação alcoólica estavam a mania, a melancolia, os

<sup>140</sup> Santos, Fernando Sérgio Dumas dos. Bêbados e alcoólatras, medicina e cotidiano. In: **Uma história brasileira das doenças**, v.2. Nascimento, Dilene Raimundo do. Carvalho, Diana Maul de. Marques, Rita (orgs.); Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. pp. 64/91.

<sup>141</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 195.

delírios, as ideias e paranoias persecutórias, as alucinações auditivas e visuais, a desorientação e a confusão mental.<sup>142</sup>

Analisado e justificado a partir das teorias da hereditariedade e da degenerescência formuladas por Auguste Morel, o alcoolismo enquadrar-se-ia como desvio do tipo normal da humanidade sendo transmitido hereditariamente, atuando nocivamente nos indivíduos já degenerados, desencadeando distúrbios mentais graves. Para a psiquiatria, os fatores hereditários ocasionariam inevitavelmente o vício, transformando o hábito de beber socialmente e de forma moderada em obsessão, resultando em comportamentos autodestrutivos e condenáveis do ponto de vista moral e social.

A frequente associação do alcoolismo ao estado de demência fez com que o foco principal da psiquiatria não fosse apenas o de identificar as causas do álcool no organismo dos indivíduos, mas também os distúrbios mentais e as falhas morais causadas pelo seu uso excessivo. Assim, a ciência perseguia as devastações que o álcool ocasionava na razão através da intoxicação gerada nos centros nervosos.

O escritor Lima Barreto internado como paciente psiquiátrico no HNA<sup>143</sup> com o diagnóstico de alcoolismo carrega em seu prontuário a fala do médico que, pautado em um testemunho policial, demonstra preocupação em justificar nos seus antecedentes a origem da causa que o levou até ali. O médico enquadrou no exame preciso e inquestionável da ciência as alucinações do escritor, utilizando-as como fator comprobatório de sua insanidade, essas que talvez não passassem de uma crise de abstinência.

Cópia da guia policial: “Nada informa aos antecedentes de hereditariedade. Acusa outros no rapto de manuscritos. Acusa insônias, alucinações visuais e auditivas. Estado geral bom. Boa memória.” Já teve sarampo e catapora, blenorragia, que ainda sofre cancro venéreos. Confessa-se alcoolista imoderado, não fazendo questão de qualidade. Está bem orientado no tempo e no espaço.<sup>144</sup>

É possível perceber na fala policial apropriada pelo psiquiatra, a objetividade do diagnóstico e a necessidade de comprovar hereditariamente a doença de Lima, posta em consonância com as teorias em voga no período. As doenças já enfrentadas pelo escritor também ganharam ênfase na fala presente no prontuário, como tentativa, talvez, de comprovar

<sup>142</sup> SANTOS, Fernando Sérgio Dumas e VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. **História. Ciência. Saúde –Manguinhos**. vol.17 supl. 2, Rio de Janeiro, Dec. 2010.

<sup>143</sup> Abreviação utilizada para fazer referência ao Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro.

<sup>144</sup> Prontuário referente à primeira internação de 27/08/1914 a 13/10/1914: Seção Calmeil do Hospital Gustavo Riedel. **Livro de observações** n° 9, pp. 76 e segs.

a debilidade daquele corpo, atestando sua degeneração e predisposição genética a vícios e taras.

Ressalta-se a confissão do escritor acerca de seu alcoolismo, algo curioso, uma vez que a fala do doente, na maioria das vezes era vista como sintoma de loucura e não como aspecto de lucidez, porém, neste caso, foi utilizada como relevante para justificar o seu quadro de alcoolismo.

No boletim médico de 29 de dezembro de 1919, referente à segunda internação do escritor no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, é possível perceber a insinuação do médico em relação à hereditariedade do seu alcoolismo:

Estou, porém, informado de que no Pavilhão de Observações, onde permaneceu cerca de um mês, teve o diagnóstico de alcoolismo. O inspetor desta seção conheceu seu pai, que era administrador das Colônias de Alienados da Ilha do Governador. Informa que este senhor fazia uso excessivo de bebidas alcoólicas, apresentando humor irascível e taciturno. Consta-nos ainda que o progenitor do observado se acha agora em avançado estado de demência.<sup>145</sup>

A análise dos boletins médicos nos revela a ação monótona, rotineira e generalizante dos diagnósticos dos doentes, recaindo sobre certa padronização psiquiátrica que, ao catalogar os aspectos que iriam de encontro com aquilo que se definia como loucura, estava quase sempre respaldada por juízos de valores e rótulos, que se coadunavam com a estratégia política e normativa da psiquiatria.

Os alcoólatras, alienados em potencial segundo a psiquiatria, afetados por sua predisposição mórbida herdada de seus antepassados, receberam da ciência classificações que uniam análises genéticas e sociais para a definição de sua patologia e, no que concerne o alcoolismo, havia “dipsômanos” e “alcoolistas”.

A dipsomania estava atrelada diretamente às teorias da degeneração e da hereditariedade e manifestava-se no indivíduo retirando-o o controle de suas vontades. Viciado, o dipsômano bebia em reclusão e ocultava seu ato. O alcoologista, era o viciado que bebia na companhia de outros indivíduos e a patologia possuía forte vínculo com seu meio social e com sua cultura, além de carregar as taras genéticas de seus antecedentes.

Seja pelo fator hereditário ou pela força do exemplo cultural, a influência do álcool era entendida como nefasta, tanto para o indivíduo quanto para os seus descendentes. Com isso,

---

<sup>145</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio; 1981. p. 283.

os filhos dos alcoólatras herdariam não só as moléstias mentais, mas também o vício pelo álcool e, inclusive, a predileção pela mesma bebida.

Lima Barreto, no *Diário do Hospício* e no romance *O cemitério dos vivos*, foi categórico em sua condenação à convicção científica quanto ao imperativo da hereditariedade. Ao pensar sobre seu processo de envolvimento com o álcool, questionou a ligação de sua condição com a doença de seu pai – diagnosticado como neurastênico –, examinando a certeza da ciência e afirmando que o vício origina-se, em geral, a partir de processos individuais.

Demais, um vício que vem, em geral, pelo hábito individual, como pode de tal forma impressionar o aparelho da geração..., até que ponto determinar modificações transmissíveis pelas células próprias da fecundação?... Não sabia responder isto e até hoje não sei responder, e ainda mais se me perguntava, nesse caso de alcoólico: no ato da geração, dado que fosse verdade essa sinistra teoria da herança de defeitos e vícios, o pai já seria deveras um alcoólico que tivesse as células fecundantes suficientemente modificadas, igualmente, para transmitir a sua desgraça ao filho?<sup>146</sup>

Em tom de ironia, o escritor questiona a transmissão de vícios e de erros orgânicos e morais, além de demonstrar conhecimento acerca das teorias que subsidiavam a psiquiatria no período, algo indicado pelos livros encontrados em sua biblioteca pessoal cedidos pela irmã Evangelina e organizado por seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa que os doou à Biblioteca Nacional<sup>147</sup>. As obras encontradas que denotam proximidade às questões da psiquiatria, entre elas estão: *Crime e Loucura* do psiquiatra Henry Maudsley, *Les Pléiades*, do Conde de Gobineau, escritor racista convicto e reconhecido por seu *Tratado da desigualdade das raças* (1853), *Mi viaje alrededor del mundo* e *Origine des espèces*, de Darwin, além de *O Alienista*, de Machado de Assis e títulos de autores darwinistas, como Haeckel, Spencer, Ribot, que utilizavam as ideias de Darwin no campo da psicologia e da moral.

Lima Barreto criticava a tentativa da psiquiatria em explicar as mais distintas experiências cotidianas a partir de entendimentos diminutos e precipitados, colocados como impressões duradouras e tenazes.

...É mais decente pôr a nossa ignorância no mistério, do que querer mascará-la em explicações que a nossa lógica comum, quotidiana, de dia-a-dia, repele imediatamente, e para as quais as justificações com argumentos de ordem

<sup>146</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 151.

<sup>147</sup>A biblioteca pessoal, os manuscritos das obras e as correspondências do escritor Lima Barreto encontram-se na Biblioteca Nacional (Brasil) na Seção de Manuscrito Lima Barreto.

especial não fazem mais do que embrulhá-las, obscurecê-las a mais não poder.<sup>148</sup>

Em relação ao fator da descendência, Fernando Dumas e Ana Carolina Verani, em *Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX*, nos chamam atenção para o papel atribuído às mulheres em relação à gestação de degenerados e ao casamento, uma vez que o conceito de hereditariedade era pensado como implícito à condição de mãe, essa que deveria dar bom exemplo, garantindo uma família estruturada e feliz, logo, deveria manter-se longe do álcool.

O alcoolismo feminino despontou, neste contexto, como um episódio gravíssimo. Sob este prisma, as mulheres vinham descumprindo seu papel de ponto do equilíbrio moral e emocional da família, e, portanto, pilares da sociedade burguesa, sucumbindo ante os prazeres do álcool e faltando com seus deveres de mães.<sup>149</sup>

Assim, as mulheres com sua fragilidade orgânica que acentuava o potencial destrutivo do álcool, deveriam ter suas relações sexuais observadas e controladas por tornarem possível, segundo a psiquiatria, o perigo da concepção de seres deformados moral e biologicamente, herdeiros da tara alcoólica.

O alcoolismo, conceituado como doença social, surge na Europa na metade do século XIX, momento em que a medicina dominante passou a perseguir e a inventariar os hábitos comuns das pessoas, transformando-os em análises científicas. Os valores morais – constitutivos da ética, da moral e do trabalho que se apresentavam como essenciais para a vida dos trabalhadores – condenavam o uso do álcool, por ser ele propiciador não só de problemas orgânicos, mas também de problemas de ordem social e moral, que foram essenciais para a constituição de uma etiologia do alcoolismo.

O vício do álcool atingia o comportamento, prejudicava o desempenho dos indivíduos em suas funções sociais e afetava o seu ritmo e predisposição para o trabalho, numa sociedade que se pretendia industrial e que voltava-se ao capitalismo. Com isso, dentro da esfera da loucura como doença comportamental, algumas problemáticas podem ser suscitadas: como identificar nas pessoas, a partir do seu dia a dia, características que apontem para o vício do álcool que pressupõe um quadro de loucura? Como, a partir de traços culturais, reconhecer aspectos físicos comprobatórios de tal patologia?

<sup>148</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.*, p. 153.

<sup>149</sup> SANTOS, Fernando Sérgio Dumas e VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. **História. Ciência. Saúde –Manguinhos**. vol.17 supl.2 Rio de Janeiro Dec. 2010. p. 405.

Além da ser uma herança biológica e cultural, havia a crença de que o alcoolismo advinha de uma predisposição individual em que o sujeito apresentaria permanentemente o mesmo tipo de embriaguez, ficando sempre alegre, triste ou agressivo. Esses “fracos de espíritos”, segundo a medicina do período, eram portadores de manias de perseguição, de fúrias “ebriosas” e de impulsos agressivos, fatores ligados essencialmente ao temperamento e não ao organismo.

Neste ponto, a etiologia do alcoolismo, algo inexato até hoje, apresenta suas falhas, incoerências e generalizações, visto que, ao buscar a origem/causa de uma doença, a ciência deve levantar fatores endógenos e exógenos, porém, respeitando os limites de cada um, afinal, não é coerente justificar uma causa orgânica pautando-se em elementos sociais.

Não só o alcoolismo, mas também a tuberculose, a sífilis e a loucura foram doenças consolidadas pelas concepções científicas ao longo do processo de fazer-se do modo de produção capitalista.<sup>150</sup> Elas representavam um problema social, moral e físico, e o alcoolismo ocupava o primeiro plano na etiologia do crime, segundo Césare Lombroso, uma vez que ao beber, o indivíduo desperdiçava suas energias com paixões, imoralidades e crimes, ao invés de se empenhar na realização de um bom trabalho e no acúmulo de riquezas materiais.

A sociedade burguesa colocava a medicina à disposição dos interesses do capitalismo que estava se desenvolvendo e, dos hospícios e prisões, instituições que se disseminaram em larga escala nesse período, saíram grandes contribuições para as teorias psiquiátricas acerca do alcoolismo.

Percebemos assim, uma doença que, sendo forjada a partir do imaginário social burguês, que de fato alcançava as experiências concretas da grande maioria da população, contrariava o ideal e a moral burgueses, nos quais a psiquiatria estabeleceu um cenário de temor com suas adjetivações negativas e persecutórias, buscando combater um problema nefasto, o alcoolismo.

Sob fiança médica, respaldada pelo Estado e por parte da população, instrumentos de punição foram estabelecidos, a partir de leis e instituições, aos indivíduos considerados viciados, infratores, degenerados e loucos. Para isso, alargou-se o campo de atuação dos médicos que buscavam combater o papel marginal de tais sujeitos em consonância com os interesses de uma sociedade que se pretendia saudável, limpa e apta ao trabalho, transformando os prazeres em algo condenável e controlável.

---

<sup>150</sup> *Id., Ibid.*, p. 408.

O prazer, o lazer, as práticas costumeiras de mulheres e homens comuns, e aquelas resultantes de suas próprias experiências individuais e singulares, vivenciadas em seus espaços, cuja lógica não se ajustava às normas e aos padrões da sociedade burguesa e moderna, hábitos classificados de populares, vistos como inferiores, desafiavam a ordem médica e social, que os transformou em imorais, doentios e improdutivos. Agarraram-se à assertiva de que o lazer das camadas populares era contrário à lógica do trabalho e assim empreenderam o controle dos hábitos e dos prazeres, incorporando à lógica da produção alguns tipos de lazer associados ao descanso – parte de reprodução da força de trabalho, segundo Karl Marx–, porém, mediado por aqueles que controlavam o processo produtivo.

Intimamente associado ao não-trabalho, o alcoolismo era visto com uma ameaça social e sua repressão se fazia urgente e indispensável não só por conta da saúde dos indivíduos, mas principalmente pela riqueza da nação. Essa “gangrena” social não só afetava a organização psíquica do indivíduo, mas também sua capacidade social, familiar e produtiva, tornando-os incapazes de cumprir com seus deveres e afastando-os de seus trabalhos.

Havia, portanto, uma forte interferência de alguns destes costumes na disciplina do trabalho, como os aperitivos tomados antes e durante o expediente, as faltas e atrasos, além dos acidentes de trabalho, que eram largamente atribuídos ao uso e ao abuso do álcool. A sociedade consolidava uma tradição de uso das bebidas que formalizava e ritualizava uma busca de prazer localizada no limite das imposições ditadas pela normalidade burguesa.<sup>151</sup>

Empreendeu-se uma analogia entre os desvios causados pela loucura e a indisciplina para o trabalho. A loucura, antes pensada como algo transmitido hereditariamente, ganhou um novo elemento, constituído por questões de origem social. Com isso, numa perspectiva coletiva e não apenas individual, a loucura passou a ser vista como consequência do alcoolismo, da pobreza, da ociosidade, da ignorância e da má alimentação.

O pobre, alvo do controle social, distante da higiene e dos padrões adequados que indicavam qualidade de vida, era visto como mais predisposto ao vício do álcool, que, segundo as campanhas médicas e sanitárias da época, não era uma prerrogativa das classes abastadas. Desse modo, podemos pensar esse discurso como uma defesa explícita aos padrões morais e comportamentais dos indivíduos pertencentes à classe a qual fazia parte a maioria

---

<sup>151</sup> SANTOS, Fernando Sérgio Dumas e VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. **História. Ciência. Saúde –Manguinhos**. vol.17. supl. 2, Rio de Janeiro, Dec. 2010. p. 413.

dos psiquiatras. Será mesmo que o dinheiro afastava os sujeitos do álcool? Ou será que o dinheiro transformava certos indivíduos em intocáveis?

Outro forte aspecto era a terapia do trabalho, uma das mais modernas técnicas utilizada pela psiquiatria para tratar e controlar a doença mental no período, em que se buscava disciplinarizar os corpos e distrair as mentes, evitando fugas, atos de rebeldias e agressões por parte dos internos. Pretendia-se docilizar os corpos através do trabalho, o que, como afirma Magali Gouveia Engel, em *Delírios da Razão*, “configurava uma considerável economia para os estabelecimentos de serviço de assistência, que utilizava inclusive a mão de obra infantil.”<sup>152</sup>

Qual seria o sentido principal da incorporação do trabalho à vida manicomial? A lógica do trabalho, no interior das instituições como hospícios e colônias de alienados, seria romper com esses pesos mortos na economia social, tornando aproveitáveis sujeitos inúteis socialmente, dando-lhes uma falsa ideia de liberdade, para os casos das colônias onde os mesmos desenvolviam trabalhos agrícolas, podendo se afastar da área central de observância, além de diminuir o ônus que esses indivíduos geravam aos cofres públicos. Para Juliano Moreira, o trabalho era um forte regenerador que reintegrava os pacientes aos bons hábitos e que lhes asseguraria a sobrevivência após recebessem alta.

O trabalho era dividido por gênero e classe social, submetendo e controlando o contingente internado, sobretudo nas alas de indigentes, que abrigavam os mais pobres da sociedade, utilizados como mão de obra gratuita sob a justificativa da cura.

Maria Clementina nos fala em *O Espelho do Mundo* sobre a relação da loucura com a questão do trabalho, nos mostrando a lógica da divisão de trabalho dividida em atividades próprias para homens e outras para mulheres:

A questão do trabalho e da produtividade individual que estão na base da internação da grande maioria dos loucos que povoavam os pavilhões masculinos do Juquery: para os homens, os comportamentos mais visados e vigiados dizem respeito sobretudo à sua existência como ser social, expresso em ações, relações, apresentação em público, participação no jogo social. Nestes eixos, o trabalho – ou a capacidade de trabalhar e desempenhar o papel de provedor da família – é a variável básica tomada pelos alienistas na construção dos casos psiquiátricos. Há, desta forma, elementos de outra natureza – para além dos modelos teóricos do alienismo – que interferem nas formas de construção da loucura. Assim, ao contrário dos homens, as mulheres são quase sempre internadas no Juquery por alegados distúrbios

---

<sup>152</sup> ENGEL, Magali Gouveia. **Os Delírios da Razão**. Médicos, loucos e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 315.

relativos sobretudo ao espaço que lhes coube na definição de papéis sexuais e sociais – a esfera privada.<sup>153</sup>

A racionalidade científica, fomentada pelo Estado, instituiu novos espaços, padrões higiênicos e comportamentos socialmente adequados, associando patologias à higiene social, política econômica, cultural e social. Os métodos de estatísticas e de antropométrica deveriam ser aprimorados, as questões da hereditariedade tornaram-se urgentes nas investigações científicas, a profilaxia e a higienização das condições de vida das classes subalternas estavam na ordem do dia, os trabalhadores deveriam ser expostos a uma vida saudável e controlada e os doentes deveriam ser assistidos. Assim, a psiquiatria extrapolou os muros do hospício e passou a dirigir práticas de controle buscando a disciplinarização da força de trabalho, da conduta familiar e dos costumes das classes pobres, essencialmente mestiça.

Lima Barreto, em uma de suas internações no hospício, teve o diâmetro craniano medido e os aspectos físicos e raciais avaliados. Doutor Pinheiro registrou no prontuário referente à primeira internação, em 1914, no HNA, que o escritor apresentava “estigmas de degeneração física” e que era braquicéfalo, algo ironizado muitas vezes por Lima, que declarou que “os que o ofendiam por discordar de suas idéias dispunham de mais um argumento que, no entanto, não o calaria”.<sup>154</sup>

Exímio questionador da lógica burguesa e estigmatizado como alcoólatra, o escritor, trouxe a questão do alcoolismo e da pobreza para a sua obra literária, estabelecendo narrativas que expressam os impasses e os conflitos que percebia e vivenciava em seu lugar social. Esse imbricamento entre a instância pessoal e a história do seu tempo se faz presente e apresenta-se como grande qualidade das obras de Lima, que transformou uma experiência, que é singular e histórica, em literatura, presente em seus contos, crônicas e romances.

De resto, quase nunca os filhos dos loucos são gerados quando eles são loucos; os filhos dos alcoólatras, da mesma forma, não o são quando seus pais chegam ao estado agudo do vício e, pelo tempo da geração, bebem como todo mundo.<sup>155</sup>

Inquirido diretamente a premissa da hereditariedade, algo que o condenou ao diagnóstico de louco por ser seu pai identificado como doente mental, Lima Barreto mantinha uma postura cética em relação aos discursos e práticas médicas que faziam de qualquer

<sup>153</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 142.

<sup>154</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.

<sup>155</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 68.

indivíduo um predisposto à loucura. Recriminava a mania da Ciência brasileira em tudo copiar da estrangeira, sem nenhuma avaliação prévia e adaptação ao cenário brasileiro, utilizando as mais diversas teorias e práticas sem nenhum questionamento aprofundado e comprometimento com as conjecturas do povo daqui.

Quem quiser lutar aqui e tiver de fato um ideal qualquer superior, há de por força cair. Não encontra quem o siga, não encontra quem o apoie. Pobre, há de cair pela sua própria pobreza; rico, há de cair pelo desânimo e pelo desdém por esta Bruzundanga. Nos grandes países de grandes invenções, de grandes descobertas, de teorias ousadas, não se vê nosso fetichismo pelo título universitário que aqui se transformou em título nobiliárquico. É o *don espanhol*.<sup>156</sup>

Em *O Cemitério dos Vivos*, Lima empreende uma crítica à construção de um saber psiquiátrico sobre o alcoolismo e ao mesmo tempo denuncia a instrumentalização da polícia para a ordenação moral dos indivíduos e o seu papel nas internações manicomiais. Apontou a proximidade da psiquiatria ao sistema penal do período e sua interferência na estrutura social e política, além de suas ações de punição, que confinava o louco e o alcoólatra no hospício, sob tutela dos médicos.

No começo do século XX, as internações se davam a partir do sequestro dos indivíduos e condutas agressivas e coercivas eram executadas pela polícia a serviço da psiquiatria, num cenário em que tudo parecia se agrupar num conjunto de condutas antissociais condenadas pelas autoridades.

Amaciado um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismo, bruxarias, etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o sequestro. Não há dinheiro nem poder que arrebate um homem da loucura. Aqui no hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a loucura zomba de todas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis.<sup>157</sup>

Lima Barreto acusa a psiquiatria de utilizar um meio tirânico para obrigar os sujeitos à internação, essa que acarretava estigmas e perdas de direitos civis e sociais, ocasionando nos indivíduos aprisionados a sensação de culpa e de rebaixamento social. Alicerçada em parcerias repressoras empreendidas no lugar da exclusão – o hospício –, cuja atmosfera

---

<sup>156</sup> *Id.*, *Ibid.*, pp. 93-94.

<sup>157</sup> *Id.*, *Ibid.*, pp. 90-91.

assemelhava-se aos estabelecimentos de internação da época clássica, lugar onde a morte em vida era sentida, parafraseando Lima Barreto, a psiquiatria segmentava, a partir de uma hierarquização social, os seus pacientes no “cemitério dos vivos”, lugar propiciador da vergonha moral, da ausência da razão que transforma os indivíduos na própria doença, submetendo-os às novas experiências da ciência que tudo sabe e que tudo pode.

A experiência republicana da reclusão no começo do século XX, período em que o escritor Lima Barreto esteve por duas vezes no Hospício Nacional de Alienados, dirigido pelo psiquiatra Juliano Moreira, foi marcada pela necessidade de medicalizar a loucura, dando conta do aumento significativo do número de internos, que correspondiam maciçamente a negros, trabalhadores braçais e pobres.

De fato, os hospitais psiquiátricos não estavam destinados apenas a receber os loucos, mas grande quantidade de pessoas muito diferentes umas das outras. Com a ampliação de parentescos em torno da loucura, houve crescimento vertiginoso das internações nos hospícios, principalmente depois da Proclamação da República e da promulgação do Decreto de n.206 A, de 15/2/1890, que determinava que todo cidadão que perturbasse a ordem pública, a moral e os costumes seria internado em asilos públicos. Inicialmente, todos os indivíduos que perturbavam a tranquilidade pública eram internados no Asilo de Mendicidade e na Casa da Correção, que abrigava também os chamados loucos criminosos. Com a Proclamação da República, e com o início da construção do Hospício Pedro II, todos esses indivíduos foram recolhidos para o novo hospício. Por essa época, o alcoolismo aparecia como uma das causas mais comuns de internamento em hospícios. A internação de alcoólatras em hospício colocava o álcool não apenas no círculo das drogas legais, mas também no círculo dos venenos sociais.<sup>158</sup>

Buscava-se provar a eficácia do hospício, lugar de misturas, de diferentes tipos e estágios de doenças, onde crianças, adultos, pobres, miseráveis, doentes crônicos e curáveis dividiam o mesmo espaço com condições de higiene precárias.

Estive mais de uma vez no Hospício, passei por diversas seções e eu posso dizer que me admirei que homens rústicos, os portugueses, mal saídos da gleba do Minho, os brasileiros, da mais humilde extração urbana, pudessem ter tanta resignação, tanta delicadeza relativa, para suportar os loucos e as suas manias. Nem todos são insuportáveis; na maioria, são obedientes e

---

<sup>158</sup> ARANTES, Marco Antonio. Para mim, Paraty. Alcoolismo e Loucura em Lima Barreto. **Rev. Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas.** (Ed. port.) v.4 n.1 Ribeirão Preto, fev. 2008. p. 3.

dóceis; mas os poucos rebeldes e aqueles que se enfurecem, de quando em quando, são por vezes de fazer um homem perder a cabeça.<sup>159</sup>

No entanto, doentes mentais e alcoólatras não poderiam ser enviados para prisões, algo que conferia uma legitimidade humanista aos ditames da psiquiatria. A instituição asilar era a saída, já que a sua missão era proteger a sociedade e salvaguardar os próprios doentes de suas insânias. Para se resolver esse impasse, os hospitais psiquiátricos ganharam uma configuração de prisão e os manicômios judiciários tornaram-se uma grande investida da psiquiatria na Primeira República.

A ideia de que a medicina seria o principal dispositivo a elaborar estratégias capazes de propiciar a obtenção do homem modelo, sustentada na assertiva de que a saúde representaria um corpo e uma vida cheia de cuidados e de posturas normatizadas, onde o físico expressaria a forma correta de se levar a vida, condenou indivíduos que se encontravam fora desse padrão à patologia e à anormalidade.

Dentro dessa lógica, qual seria a estratégia capaz de proteger a sociedade saudável? Na mente da sociedade do período, instruída pelos preceitos científicos, seria o depósito de gente sem saída no hospício, espaço de produção e de difusão do saber científico, esse que estava acima de qualquer questionamento e a serviço da prevenção e da cura das doenças mentais.

Esqueci-me um momento dos meus propósitos de alto debate metafísico, de ferir a Ciência nas suas bases e contestar-lhe esse caráter de confiança dos Deuses, que os pedantes querem dar-lhe, para justificarem a vaidade de que tresandam, por saber dela um pouquinho, levando, com as suas asserções arrogantes, tristeza no coração dos outros e discórdia entre os homens.<sup>160</sup>

Lima Barreto, entretanto, discorda da assertiva de que a ciência estivesse empenhada em descobertas que buscavam o bem comum, que alcançasse a todos irrestritamente. Sabia que os interesses se dirigiam a uma classe específica, empenhada em esconder ou anular os seus flagelos humanos, rebaixando moral, intelectual e socialmente os loucos, os bêbados, os pobres e os mestiços, comparando-os a animais ferozes que necessitam de redenção e cura. Os direcionamentos advindos da luz e da sabedoria científicas, para ele, não passavam de um aparato vaidoso, preconceituoso e desprovido de autonomia do pensar, engasgado em falácias, presunções e fetichismos.

---

<sup>159</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. pp. 54-55.

<sup>160</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 154.

### 2-3 “Em vez de tomar chá com torrada ele bebeu parati”<sup>161</sup>

O álcool não representava na vida de Lima Barreto apenas um vício ou um simples prazer de beber, era a escapadela de uma realidade melancólica e angustiante. O uso imoderado do álcool propiciava a exteriorização de suas incompletudes, insatisfações, desregramentos e descrenças. No entanto, debilitou seu corpo e mente e, posteriormente, o relegou ao hospício.

Passando dias a perambular pelos botequins do Rio de Janeiro, percorria enormes distancias a pé, alimentava-se mal, trajava vestes sujas ostentando uma imagem desleixada, portando cansaço e uma embriaguez inveterada. Ficava exposto às ruas da cidade onde caía nas sarjetas e assim se deixava ficar, dormindo sem nenhum conforto.

No dia 30 de agosto de 1917, eu ia para a cidade, quando me senti mal. Tinha levado todo o mês a beber, sobretudo parati. Bebedeira sobre bebedeira, declarada ou não. Comendo pouco e dormindo sabe Deus como. Andei porco, imundo. Ia para a vaidade, quando me senti mal. Voltei para casa, muito a contragosto, pois o estado de meu pai, os seus incômodos, junto aos meus desregramentos, tornam-me a estada em casa impossível. Voltei, por que não tinha outro remédio.<sup>162</sup>

Os queixumes da falta de dinheiro, a ideia de que uma catástrofe o perseguia perenemente, as atribuições domésticas, os efeitos do álcool que atingiam vigorosamente sua mente, fazendo-o buscar as bebidas fortes e baratas que embriagavam mais depressa, associados a sua sensibilidade arguta e diligente, referendavam a ligação de Lima Barreto com o “veneno social”.

As maçãs do rosto, antes rosadas, do adolescente acostumado aos exercícios de remo e natação da ilha do Governador, tinham adquirido no homem de trinta e poucos anos, a coloração baça comum aos alcoólatras. Desaparecera por completo o viço da juventude. Era ele, agora, um mulato gordo e vermelhão, tresandando cachaça.<sup>163</sup>

Bêbado – às vezes só, noutras acompanhado –, o escritor percorria longos trajetos a pé pela cidade do Rio de Janeiro, cenário principal de suas obras, onde encontrava muita gente

<sup>161</sup> Trecho de *Camisa Listada*, canção de Assis Valente gravada por Carmen Miranda na década de 1930.

<sup>162</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário Íntimo*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p. 92.

<sup>163</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. *Op. cit.*, p. 178.

que o via embriagado e sujo. Bebia no Centro e nos subúrbios, faltava ao trabalho no Ministério da Guerra, às vezes, por semanas, como ele mesmo revelara:

Resvalava para a embriaguez inveterada, faltava à repartição semanas e meses. Se não ia ao centro da cidade, bebia pelos arredores de minha casa, desbragadamente. Embriagava-me antes do almoço, depois do almoço, até ao jantar, e deste até a hora de dormir.<sup>164</sup>

Sua casa o aborrecia, o pai em delírio o angustiava, as dificuldades literárias em conseguir editor e publicação para as suas obras, associadas ao insucesso nos jornais e a insatisfação do emprego público que para ele tinha uma ambiência militar que o fazia se sentir deslocado e em contradição com sua consciência, tudo isso lhe causava um desalento profundo, sendo tomado por um vazio existencial e por pensamentos pessimistas. Em meio a tudo isso, Lima Barreto colocava-se diante da necessidade da bebida que era justificada em seus dramas domésticos e cotidianos:

Hoje pus-me a ler velhos números do *Mercure de France*. Lembro-me bem que os lia antes de escrever o meu primeiro livro. Publiquei-o em 1909. Até hoje, nada adiantei. Não tenho editor, não tenho jornais, não tenho nada. O maior desalento me invade. Tenho sinistros pensamentos. Ponho-me a beber; paro. Voltam eles e também o tédio da minha vida doméstica, do meu viver quotidiano, e bebo. Uma bebedeira puxa a outra e lá vem a melancolia. Que circulo vicioso! Despeço-me de um por um dos meus sonhos...<sup>165</sup>

O relato escrito em seu *Diário Íntimo*, em 20 de abril de 1914, indica a angustia que Lima sentia em relação a sua casa, que o aborrecia por conta dos delírios do pai, João Henriques, delírios esses que o fazia lembrar os loucos de Shakespeare. Além disso, tinha seus irmãos, chamados de egoístas pelo escritor que afirmava que os mesmos queriam tudo o que ele ganhava e o incentivavam a ser subserviente à secretaria, essa que o causava ódio, nojo e repugnância. Afirma que o seu feitio era contrário àquele imposto pela atmosfera de seu trabalho, que fomentava um clima de violência, de opressão e de bajulação, algo que o revoltava, fazendo urgente sua vontade de sair daquele emprego. Porém, assumia que lhe faltava coragem para reagir e dar um passo à frente.

Julgava-se incompatível com os jornais da época e afirmava que não eram as palavras e nem as ordens que são dispostas que valem, mas as ideias que exprimem, os sentimentos

<sup>164</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 64.

<sup>165</sup> *Id.*, **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p.80.

que elas fazem vibrar. Tinha em mente que os literatos, os grandes, deveriam preferir morrer de fome a ter que rebaixar sua arte ao simples prazer dos ricos<sup>166</sup>, e aconselhava os revolucionários a reagirem contrários à violência, utilizando como arma para afetar os poderosos a ironia: “Troça e simplesmente troça, para que tudo caia pelo ridículo”.<sup>167</sup> Porém, seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa afirmou, em *A vida de Lima Barreto*, que o escritor era sincero demais para esconder o que sentia com um sorriso nos lábios e que nas causas às quais se entregou, muitas vezes, o panfletário suplantou o escritor irônico.

O sofrimento íntimo que o atormentava, as frustrações enquanto literato, além do preconceito que vivenciava, os levaram ao álcool, esse motivo de seus delírios que o expuseram aos meandros da loucura, mas que era o único prazer que conseguia sentir, apesar da debilidade física que o causava.

Deite-me, vomitei e andava com fluxo de sangue , que me levava à latrina frequentemente. Numa das vezes em que fui, caí e fiquei como morto. Meus irmãos acudiram-me e trouxeram-me a braços, inclusive Elói, filho da Prisciliana, meu afilhado e de minha irmã. Não sei o que se passou; o que sei é que as senhoras da vizinhança acudiram e eu despertei duas horas depois com equimoses nos tornozelos e cercado por elas, cheias de susto. Chamaram o médico, o Caire, estudante do meu tempo; e estou sofrendo da medicação mais penosa que me podia ser imposta. Estou em dieta de fruta e água de arroz, pois meu organismo tem *déficit*. Se não deixar de beber cachaça, não tenho vergonha. Queira Deus que deixe.<sup>168</sup>

Em meio aos desencantos e às amarguras, Lima Barreto entregue à vida boêmia, com a saúde já não tão boa, dividindo-se entre as bebedeiras dos cafés e o tédio da repartição, aos 30 anos de idade atingia o ponto alto de sua produção literária, escrevendo sua obra-prima *O triste fim de Policarpo Quaresma* em menos de três meses, além de *O homem que sabia Javanês*, em abril de 1911, e *A nova Califórnia*, em novembro de 1910, segundo nos aponta Francisco de Assis Barbosa, em *A vida de Lima Barreto*.

Assim, somos levados a questionar a visão fomentada pela ciência do período, que colocava o trabalho e o álcool em lados opostos, vistos como antagonistas, afirmando que o álcool anulava toda a capacidade de produção do indivíduo que, ao beber se tornava improdutivo, imoral e doente.

<sup>166</sup> *Id.*, “Histrião ou literato?”. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio; 1981. p.229.

<sup>167</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio; 1981. p.228.

<sup>168</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p.92.

No contexto estudado, o hábito de beber estava atrelado não só à questão da loucura, mas também à ideia do não trabalho e do atraso, dimensões que atrapalhavam o grande lema da nação: o progresso. Assim, o alcoolismo visto como desencadeador da loucura ganhou outras variantes, tornando-se um problema social além de orgânico que precisava ser enfrentado, passando também a ser associado aos problemas do mundo do trabalho.

No imaginário social burguês e na racionalidade científica médica do período, o álcool era visto como inibidor ou mesmo aniquilador das forças necessárias para o trabalho, fosse o agrícola ou o fabril, além de conciliar o vício, a vagabundagem, os maus modos, a destruição do corpo, a ausência de educação e de propiciar a imoralidade. Desta forma, foram executadas campanhas médicas, sanitárias e educativas, além de meios de censuras e de controles que garantissem a preservação das forças advindas dos corpos e das mentes dos sujeitos, buscando garantir uma estabilidade para o mercado de trabalho assalariado que estava em formação e que exigia de seus trabalhadores extensas e exaustivas horas de produção.

Ao mesmo tempo, o cenário urbano sofria um inchaço demográfico, ocasionando o que se chamou de “fenômeno da multidão”, em que um grande número de indivíduos ocupava as ruas e buscava a sobrevivência em meio à miséria social, tornando-se um estorvo para a maquinaria estatal e científica.

Foi nos modos e nos hábitos da população urbana onde mais notadamente surgiram os elementos que preencheriam as argumentações oitocentistas acerca do uso e do abuso das bebidas alcoólicas. Esta sociedade explicitava basicamente três valores que, conjugados, sintetizavam os “tempos modernos”: a disciplina imposta pelos novos processos de trabalhos, a sensação de diluição da identidade individual dentro das massas urbanas e uma noção de tempo completamente desvinculada de um “tempo natural”. Ao contrário do tempo ditado pela natureza, sob o capitalismo ocorre o seu atrelamento ao ritmo do trabalho fabril mecanizado.<sup>169</sup>

As ruas, lugar em que circulavam mulheres, homens e crianças, além de mercadorias, voltavam-se às modernas tecnologias engendradas na nova cidade que, transformada no lugar de desenvolvimento e de inovadoras técnicas de produção e de consumo, afetava substancialmente a vida dos indivíduos que compunham aquela sociedade. Assumia-se o

---

<sup>169</sup> SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. Bêbados e Alcoólatras, Medicina e Cotidiano. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia ( Orgs). **Uma História Brasileira das Doenças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p.66.

modelo a ser alcançado: a sociedade européia da época. Junto a isso, empreendia-se a formação de um novo trabalhador vinculado ao capital, antes voltado ao trabalho escravo. Precisava-se estabelecer meios de adaptação desses sujeitos às novas demandas do projeto burguês de modernização, mesmo que a economia ainda fosse predominantemente rural, segundo nos aponta Fernando Dumas.

Assim, entrava em pauta a normatização das identidades empreendida através de novos códigos de condutas, de campanhas antialcoólicas e da esterilização dos chamados anormais, buscando uma nova configuração física, moral e intelectual para a sociedade. A medicina, como um dos principais pilares desta transformação, quicá o principal, foi o intenter de estratégias responsáveis para a obtenção do indivíduo modelo, cujas energias deveriam voltar-se à esfera da produção capitalista.

As transformações insidiam sob a vida cotidiana dos sujeitos e trouxeram novas tradições de uso, delimitando o uso dos espaços e dos aparatos públicos. O álcool, por sua vez, era visto sob ótica negativa, relacionado à doença, à não civilidade e à não produtividade, logo, foi condenado pelos códigos de conduta social.

Defendia-se a moral civilizada, a sociedade aseada, o modelo do operário sóbrio e dedicado às suas funções no trabalho e como chefe de família, preceitos pautados na moralidade, no trabalho, na religiosidade e no progresso. Assim, as campanhas antialcoólicas tinha como prioridade conduzir os indivíduos a partir da coerção moral, comportamental e social a ser o trabalhador ideal e, para isso, deveria exercer a abstinência, preservando sua produtividade, saúde e contribuindo com o progresso do país.

Para persuadir os ébrios a extinguir o uso de bebidas alcoólicas foram usadas apreciações como “demônio da humanidade”, “grande inimigo”, “gênio da degeneração”, “tóxico embrutecedor”, “besta fera”, “flagelo da sociedade”, “veneno social”, essas expressões são comuns às manchetes e artigos dos Boletins, reportando diretamente a sentimentos assustadores não somente do álcool em si, mas de seus usuários ao anunciar a falta de vergonha, a perda do caráter, as doenças físicas e psíquicas que eram portadores e outras categorizações que os desqualificavam como cidadãos.<sup>170</sup>

Medidas profiláticas de abstinência eram direcionadas severamente às camadas pobres, ainda que o alcoolismo não fosse prerrogativa dos trabalhadores ou dos desempregados, alcançando todos os gêneros, classes e profissões. Porém, acreditava-se que o

---

<sup>170</sup> SALES, Eliana. **O alcoolismo nos boletins de higiene mental na década de 1930**. III Colóquio de História-Brasil.: 120 anos de República. UNICAP-Recife-PE-19 a 22 de outubro de 2009. p. 120.

vício do álcool estivesse ligado a elementos da cultura, do meio social e da educação, logo, as classes populares eram o foco de desconfiança e de controle por parte daqueles que buscavam anular as intoxicações alcoólicas.

Lima Barreto, escritor carioca, intelectual e sujeito pertencente à classe popular, frequentou por toda a vida redutos burgueses; porém, manteve forte relação com os subúrbios onde sempre morou e de onde tirava a inspiração para dar vida aos seus personagens – na maioria das vezes sujeitos comuns. Chamava o Rio de Janeiro de “sua cidade” e se intitulava um carioca da gema, segundo nos afirma Francisco de Assis Barbosa<sup>171</sup>.

Contudo, não foi menos severo em críticas e questionamentos acerca de seu lugar social, interpelando a necessidade de remodelamento experimentado em seu tempo, que para ele se dava de maneira a destruir o espaço relegado aos pobres – os morros. Pensou a cidade de forma ampla, condenou sua divisão e falou de sua arquitetura díspare desenhada por ricos e pobres. Questionou o “bota-abaixo” empreendido pela remodelação da urbe e chamou de megalomania a agonia em transformar aos moldes europeus uma cidade pobre, sem água, com condições precárias de higiene e que vivenciava a difusão de favelas no alto dos morros em consequência da expulsão dos pobres das áreas centrais.<sup>172</sup>

Lima Barreto nos fala da chegada dos bondes elétricos chamados por ele de “os mastodontes da Light”<sup>173</sup>, esses que, agregados ao cenário urbano, intervieram diretamente no desenho da cidade, onde o caminho tracejado que indicaria a passagem do progresso foi confrontando pela imagem do atraso com seus rostos mestiços e pobres, que se organizavam de maneira caótica, dissimilar e autônoma, arrastando barracos, casebres, quitandas e botequins para as margens do caminho da máquina do futuro, esculpindo um retrato mal povoado, insalubre e obsoleto.

O bonde, porém, perturbou essa metódica superposição de camadas. Hoje, o geólogo de cidades atormenta-se com o aspecto transtornado dos bairros. Não há mais terrenos paralelos; as estratificações inclinam-se; os depósitos baralham-se; e a divisão da riqueza e novas instituições sociais ajudam o bonde nesse trabalho plutônico. No entanto, este veículo alastra a cidade; cria nas pontas de seus trilhos núcleos de condensação urbana. Onde ele chega, desenha-se uma venda, surge um botequim, um quiosque; em torno, edificam-se casebres. Ondulações concêntricas a esse núcleo encontram as de outro próximo, dando nascimento a uma travessa mal povoada, tristonha, esquecida das autoridades municipais, e que vive

<sup>171</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio; 1981. p.245.

<sup>172</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>173</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 107.

anarquizadamente, fora de toda a espécie de legislação, a poucas centenas de metros de outras, apertadas num cinto de posturas. Por elas, o capim medra viril e orgulhoso; os cabritos desembaraçadamente pastam; as lavadeiras sem cerimônia coram as roupas; e as poucas casas que há, hesitam entre casa e casebre e dão-se ao luxo de ter jardim na frente.(...) A população que as povoa é heteróclita. Na generalidade, operários e pequenos empregados; mas, se algum descuidado se aventura por uma dessas travessas adentro, surpreender-se-á sem razão ao cruzar com algum elegante da Rua do Ouvidor.<sup>174</sup>

Apesar da ligação que tinha com o subúrbio, falou muitas vezes das humilhações e dos conflitos que nutria em relação ao meio em que vivia. Relatou o peso dos preconceitos sociais que enfrentava, expondo o vexame que sentia através dos olhares presunçosos, arrogantes e pedantes lançados a ele e à sua aparência de homem simples e desleixado. Olhares que sacudiam seus nervos e que davam-lhes ânimos de revolta, manifestados em suas letras que versavam sobre a vida da gente simples posta à mercê das gentes de posses.

O subúrbio não se diverte mais. A vida é cara e as apreensões muitas, não permitindo prazeres simples e suaves, doces diversões familiares, equilibradas e plácidas. Precisa-se de ruído, de zambumba, de cansaço, para esquecer, para espançar as trevas que em torno da nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando "pari-passu" as suntuosidades republicanas. Ele não mais se diverte inocentemente; o subúrbio se atordoa e se embriaga não só com o álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal da hipocrisia norte-americana. Para as dificuldades materiais de sua precária existência, criou esse seu paraíso artificial, em cujas delícias transitórias mergulha, inebria-se minutos, para esperar, durante horas, dias e meses, um aumentozinho de vencimentos...<sup>175</sup>

A precariedade cotidiana, o entrecruzamento de velhos e novos costumes, a busca por divertimentos fugazes capazes de obscurecer o penar do dia-a-dia e o inebriar do álcool como faceta de tal investida... essa paisagem social não era apenas o pano de fundo das histórias contadas por Lima Barreto, mas a sua própria história e de outros sujeitos.

O literato desregrado e morador do subúrbio, que, ao beber, permanecia dias na esbórnica sem voltar para casa, faltando o trabalho na repartição, rapaz cheio de sonhos que não aceitava sem relutar as mediocridades da vida particular e pública, viveu entres livros, bibliotecas e botequins, relacionando-se com artistas, intelectuais, jornalistas, funcionários públicos e também com a gente simples de sua vizinhança, ambiências que lhe causavam constrangimento, uma vez que não se sentia aceito nos redutos intelectuais e burgueses, onde

---

<sup>174</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p. 105.

<sup>175</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 21.

o olhavam com preconceito, e nem se sentia pertencente em essência ao subúrbio, que para ele era o refúgio dos infelizes.

Eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor, mas não me é possível transformar essa simpatia literária, artística, por assim dizer, em vida comum com eles, pelo menos com os que vivo, que, sem reconhecerem a minha superioridade, absolutamente não têm por mim nenhum respeito e nenhum amor que lhes fizesse obedecer cegamente.<sup>176</sup>

Portanto, encarava a arte em função do meio em que vivia, não a abstraía das coisas concretas e a percebia como uma extensão da vida, em que os sentimentos pessoais, muitas vezes compostos por insatisfações existenciais, constituíam e eram constituídos pelas relações sociais, ou seja, pela realidade que os configurava.

Diagnosticado como alcoólatra e internado algumas vezes, inclusive no Hospital do Exército da cidade do Rio de Janeiro, por conta de seu vício, não deixou que isso o afastasse da vida intelectual e, apesar dos transtornos e dificuldades experimentados, foi essa fase a mais produtiva de sua vida enquanto literato, escrevendo inclusive durante suas internações no Hospício Nacional de Alienados.

A vida boêmia lhe trouxe algumas restrições; porém, não foi capaz de ofuscar a sua literatura fecunda, e de tudo Lima Barreto tomou nota, alcançando as mais diversas questões do seu tempo. Criticou sem descanso os políticos, os literatos, os jornais, os costumes burgueses, a apatia dos pobres, os parasitas do funcionalismo público, a cidade, a economia e a ciência. Atento a tudo, narrou de um jeito muito peculiar o seu tempo e o modo como o enxergava através de uma escrita áspera, tanto quanto irônica, essa que também foi composta pelo boêmio e ébrio. “Burros ou inteligentes, geniais ou medíocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra coisa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazê-lo.”<sup>177</sup>

Seu biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, afirma que, em 1911, iniciou-se uma nova fase na vida do escritor, fase que delimita o período mais fecundo de sua vida literária e o começo de seus desregramentos boêmios, que estavam atrelados aos seus aborrecimentos e descrenças em relação à vida. Em sua literatura militante, encontrou a maneira de vingar-se de suas mágoas e ressentimentos – escrevendo sem poupar nada e nem ninguém; porém, se sentia um desprezado em relação aos mandarins das letras que não desceriam para lutar com

<sup>176</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio; 1981. p. 119.

<sup>177</sup>. BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário Íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p.81.

ele, constatação feita após a publicação de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em 1909, que não tocou a crítica, debilitando intensivamente o estado emocional do escritor. “Vai me faltando energia. Já não consigo ler um livro inteiro, já tenho náuseas de tudo, já escrevo com esforço. Só o álcool me dá prazer e me tenta... Oh! Meu Deus! Onde irei parar?”<sup>178</sup>

Sentia-se desestimulado com as dificuldades da vida literária, com o ambiente hostil de sua casa e de seu trabalho, situações que tornavam o seu desejo pelo álcool ainda mais forte, fazendo-o negligenciar em alguns momentos sua carreira de escritor. De bebedor de cerveja e frequentador de cafés a boêmio de botequins e apreciador de parati, Lima Barreto assumia-se como um inadaptado, vivia a sonhar com a glória literária, mas, diante das frustrações que enfrentava na vida, era o álcool o seu narcótico, aquele que o ajudava a suportar a realidade.

[...] não obedeco a teorias de higiene mental, social, moral, estética, de espécie alguma. O que tenho são implicâncias parvas; e só isso. Implico com três ou quatro sujeitos das letras, com a Câmara, com os diplomatas, com Botafogo e Petrópolis; e não é em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou anarquista, não sou nada; tenho implicâncias. É uma razão muito fraca e subalterna; mas é a única, não fica bem à minha honestidade de escriba escondê-la.<sup>179</sup>

Declaradamente contrário aos ditames científicos e burgueses, avesso às convenções sociais, à mediocridade da repartição, aos conchavos e bajulações do meio literário e à inferioridade imposta à sua condição social, além de aguçada crítica ao social, Lima Barreto expressou em suas obras as fragilidades e inconsistências dos discursos que buscavam, a partir de seu vício, interdita-lo e tirar sua razão. Afirmara saber que o álcool não era o fator principal de seus delírios, atribuindo a essa necessidade todas as consequências e problemas de ordem material e afetiva que enfrentava. Condenava as intromissões da medicina psiquiátrica que o rotulou de louco e que não alcançava suas insatisfações profundamente íntimas e pessoais, medicina essa que estabeleceu uma etiologia para o alcoolismo muito mais a partir de defeitos morais do que pelos aspectos físicos.

Repugnava-me aceitar um lugar subalterno, sentia-me capaz de outra coisa; mas, ao mesmo tempo não me queria hipotecar por gratidão ou dinheiro a pessoas e influências, que fariam sepultar em mim as minhas ideias e abafar a paixão com que elas deviam ser expostas. Voltou-me o hábito de beber, e ,

<sup>178</sup> *Id.*, *Ibid.*, p.136.

<sup>179</sup> BARBOSA. Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio; 1981. p. 174.

desta vez, sem dinheiro, malvestido, sentindo catástrofe próxima da minha vida, fui levado às bebidas fortes e, aparentemente, baratas, as que embriagam mais depressa. Desci do whisky à genebra, ao gin e, daí, até à cachaça.<sup>180</sup>

A partir do relato de Lima Barreto, percebemos a ligação íntima, de dores particulares e únicas, vivenciadas na sua experiência com o álcool. Todavia, não só da ordem particular, mas também da coletiva, o álcool como lenitivo dos sujeitos que buscavam afogar suas mágoas em noitadas e em copos de bebidas, cena comum em qualquer cidade, tornou-se uma emergência em relação a necessidade de se fazer cumprir a disciplina burguesa para assim alcançar uma vida regrada e bom desempenho no trabalho.

O sábio plumitivo, ao afirmar essas coisas de *vodka*, de “sadio”, de “equilibrado”, a nosso respeito, esqueceu-se que a nossa gente humilde, e mesmo a que não o é totalmente, usa e abusa da “cachaça”, aguardente de cana (explico isto porque junto talvez ele não saiba) a que é arrastada, já por vício, já pelo desespero da miséria em que vive graças à ganância, à falta de cavalheirismo e sentimento de solidariedade humana do nosso fazendeiro, do usineiro e, sobretudo, do poder oculto desse exotérico Centro Industrial e da demostênica Associação Comercial, tigres acorados nos juncais, à espera das vítimas para sangrá-las e beber-lhes o sangue quente.<sup>181</sup>

O álcool assegurava um comércio bastante rentável e mobilizava fortes interesses por parte do Estado, que tentava conciliar os interesses econômicos aos da moral burguesa. As investidas, porém, deveriam mediar ambos os interesses, em que a dinâmica capitalista, com suas transformações e imposição de uma disciplina para o trabalho e de comportamentos apropriados, se via diante das aglomerações urbanas, da miséria social e do álcool, que, por um lado, era desencadeador da perturbação moral e social, mas, do outro, era uma mercadoria lucrativa. Com isso, os discursos de controle passaram a girar em torno de campanhas educativas que fomentassem a temperança e não mais a extinção ou a proibição do uso do álcool.<sup>182</sup>

Lima Barreto questionou a submissão imposta aos indivíduos diagnosticados como alcoólatras, vistos como loucos. Não aceitou tornar-se um objeto de estudo da ciência

---

<sup>180</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 200.

<sup>181</sup> *Id.*, Da minha cela. In: *Ibid.*, p. 291/292.

<sup>182</sup> SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. **Alcoolismo: a invenção de uma doença**. São Paulo: Campinas; 1995.

psiquiátrica e nem de ficar exposto ao poder outorgado aos médicos, em que suas experiências seriam exploradas e encaixadas nos ditames científicos, esses que foram alvo de suas críticas, uma vez que defendia que nenhuma das teorias dava conta de uma explicação sensível e coerente acerca da loucura, e utilizou sua literatura para denunciar os abusos e erros da ciência.

No conto *As teorias do Dr. Caruru*, o escritor narra um episódio em que o doutor Caruru ao ler um jornal se depara com a notícia da morte repentina do pintor Francisco Murga, um jovem de aproximadamente 30 anos, premiado pela academia de arte com o “prêmio de viagem”, prêmio instituído no Primeiro Reinado, onde os artistas eram consagrados com uma viagem à França ou à Itália para aprimorar sua formação. Murga fora premiado pela sua obra-prima *O Banzo* (ação de resistência empreendida pelos escravos onde os mesmos comiam terra até morrerem. Também conhecida como “doença da tristeza”). Segundo doutor Caruru, o pintor era um bêbado incorrigível que teria se entregue a mais desordenada boêmia, e ele como chefe do Gabinete da Polícia, ia ter o cadáver de Murga à sua disposição. Sob os olhos atentos dos alunos, Dr. Caruru, utilizando um arsenal de instrumentos de antropometria, vai ao necrotério em busca de verificar e de comprovar, a partir do cadáver do pintor degenerado, as asserções que havia feito em seu célebre livro. Caruru garantia estar diante de um exemplar típico de dipsomaníaco<sup>183</sup>, de degenerado superior, e que o caráter e a inteligência de um indivíduo poderiam ser identificados em todas as partes do corpo.

Irônico e claramente contrário às teorias do antropólogo criminal Cesare Lombroso, Lima Barreto dá ao conto um desfecho surpreendente. O Dr. Caruru, ao identificar que o pintor possuía o pé direito maior que o pé esquerdo, encontra ali a evidência para comprovar a degeneração do mesmo, visto que acreditava que, a partir de sinais externos, a degeneração racial e a criminalidade poderiam ser identificadas. No entanto, o servente do necrotério, que chorava ao assistir a tal estudo, interrompe o doutor e afirma que: “O rapaz não nascera assim. Seu Murga teve um tumor no pé direito e foi obrigado a andar com um chinelo num pé, durante cerca de dois meses, enquanto o esquerdo estava calçado. Naturalmente aquele aumentou enquanto o outro ficava parado. Foi por isso.”<sup>184</sup>

Assim, Lima Barreto, pela voz do servente, põe em xeque as teorias do ilustre Caruru, concluindo que o dito doutor ao ser um lombrosiano, partilhava da ideia de que as

<sup>183</sup> Padronização acerca de indivíduos diagnosticados como alcoólatras, atrelada diretamente às teorias da degeneração e da hereditariedade e que manifestava-se no indivíduo retirando-o o controle de suas vontades e de sua razão.

<sup>184</sup> BARRETO, Lima. Como o “homem chegou”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. organização e introdução. **Contos completos de Lima Barreto**; São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 413-415.

características físicas indicavam estigmas causados pela degenerescência física e moral. Além disso, questiona como um único indivíduo possuía tantas funções na sociedade em decorrência de seu prestígio social e não por competência, uma vez que doutor Caruru era lente da Escola de Medicina, chefe do Gabinete Médico da Polícia, subdiretor do Manicômio Nacional e também inspetor da Higiene Pública.

O escritor contradiz os julgamentos de sua época, contribuindo para uma percepção acerca das teorias e dos tratamentos dedicados aos diagnosticados como alcoólatras, classificados como degenerados e perigosos, expostos à violência policial e ao tratamento médico, ainda que a contra gosto.

Em 13 de Julho de 1914, Lima escreveu em seu *Diário Íntimo*: “noto que estou mudando de gênio. Hoje tive um pavor burro. Estarei indo para a loucura?”<sup>185</sup> Demonstrando ter consciência dos efeitos do álcool em sua saúde, o escritor desabafa acerca de seus delírios e obsessões. Todavia, continua vivenciando o vício que parecia aliviar as atribulações e insatisfações de sua vida.

Não me preocupava com meu corpo. Deixava crescer o cabelo, a barba, não me banhava miúdo. Todo dinheiro que apanhava bebia. Delirava de desespero e desesperança; eu não obteria nada. Outras muitas me aconteceram, mas são banais a todos os bebedores. Dormi em capinzais, fiquei sem chapéu, roubaram-me mais de uma vez quantias vultosas. Um dia, furtaram-me cerca de quinhentos mil-réis e eu amanheci sentado a uma soleira, na praça da Bandeira, com mil-réis no bolso, que, creio, me deixaram por comisseração os que me roubaram.<sup>186</sup>

Após dias de bebedeira e fora de casa, o escritor decidiu ficar uns dias recluso, evitando a bebida, em abstinência. No entanto, certa noite, na companhia da família teve um surto de alucinações, imaginando que estaria sendo perseguido primeiramente por um gato enorme e depois por um grupo de vagabundos que ameaçavam invadir seu quarto. Depois de uma noite de agonia e sem cessar os delírios, a família, que já lidava com a doença do pai, decidiu levá-lo para a casa de um tio em Guaratiba, como nos contam Francisco de Assis Barbosa, em *A vida de Lima Barreto*, o próprio escritor, em *O Cemitério dos Vivos* e, o prontuário referente à sua internação de 18 de agosto de 1914, constante no Livro de Observações do Hospício Nacional de Alienados.

---

<sup>185</sup> *Id.*, *Diário Íntimo*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. p. 81.

<sup>186</sup> *Id.*, *Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos*. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 64.

Em Guaratiba, o seu estado emocional e psicológico não se normalizaram, os seus delírios só aumentaram e o escritor garantia estar sendo perseguido pelo Tenente Serra Pulquério, que o denunciava como anarquista pedindo sua prisão. Dessa forma, Lima Barreto, no auge de seus delírios, reagiu à suposta prisão quebrando coisas na casa de seu tio, e assim foi entregue à polícia do lugar que o conduziu num carro-forte até o hospício com o consentimento de seu irmão Carlindo.

Certo dia minha alucinação foi tão forte que resolveram levar-me para a casa de um parente, para ver se melhorava; foi pior. Mandaram-me para o hospício. No mesmo dia que lá cheguei, no pavilhão, nada sofri. Assim não foi no Hospital Central, nem na Santa Casa, de Ouro Fino, onde as visões continuaram, no Hospital por mais de vinte e quatro horas e, em Ouro Fino, unicamente na noite da entrada.<sup>187</sup>

O episódio de sua transferência de Guaratiba ao Hospício da Praia Vermelha em um carro-forte, com toda humilhação experimentada no trajeto, foi narrada no conto *Como o homem chegou*, escrito após deixar o hospício em 13 de outubro de 1914, em que o escritor deu vazão aos ressentimentos acumulados tanto pela autorização do irmão, quanto pela exposição e rebaixamento moral vivenciados no carro-forte e no hospício.

(...) Pior do que masmorra, do que solitária, pois nessas prisões sente-se ainda a algidez da pedra, alguma coisa ainda de meiguice, de sepultura, mas ainda assim meiguice; mas, no tal carro feroz, é tudo ferro, há inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. É blindada e quem vai nela, levado aos trancos e barrancos de seu respeitável peso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se lhe quer poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de sultão. Um requinte de potentado asiático.<sup>188</sup>

Dáí em diante, a relação com a loucura, que já era íntima desde a infância por conta da doença e do trabalho do pai na Colônia de Alienados da Ilha do Governador, Lima Barreto passava a enfrentar na própria pele o estigma de louco. Depois de sua alta do Hospício Nacional de Alienados, em 1914, passou uns dias refugiado em seu quarto, escrevendo. Pouco depois, adquiriu nova licença do trabalho e passou mais três meses em tratamento de saúde no Hospital do Exército, com o diagnóstico de neurastenia, o mesmo feito no HNA, como consta nos arquivos do Ministério da Guerra, onde foi funcionário por quase quinze anos.

<sup>187</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 65.

<sup>188</sup> BARRETO, Lima. Como o “homem” chegou. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. organização e introdução. **Contos completos de Lima Barreto**; São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 126.

Não obstante, continuou a escrever na imprensa e a rabiscar suas obras. Escreveu panfletos políticos e em revistas literárias que acolhiam suas ideias e reivindicações. Contribuiu em jornais libertários do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, como o jornal *A.B.C.*, *Lanterna*, *O Cosmopolita*, *A Luta*, *A Patuléia*.

Entre 4 de novembro de 1918 e 5 de janeiro de 1919 retorna ao Hospital do Exército por conta de um problema no braço resultado de uma noite boêmia, e, em meio a essa internação, conseguiu a autorização de sua aposentadoria do Ministério da Guerra.

Aposentado como estou, com relações muito tênues com o Estado, sinto-me completamente livre e feliz, podendo falar sem reboços sobre tudo o que julgar contrário aos interesses do país. Os poucos níques que a minha aposentadoria rende, dar-me-ão com o que viver, sem ser preciso normalmente escrever pelinsecas biografias de figurões, para comprar um par de botinas. Não fora a grave dor doméstica que me ensombra a existência, eu me daria por verdadeiramente feliz e suficientemente experimentado. Tendo passado por diversos meios os mais desconhecidos possíveis, eu me julgo conhecedor bastante das cousas deste mundo, para, com os elementos da vida comum, organizar uma outra de meus sonhos, com qual minore, só no criá-la, a mágoa eterna e impagável que haja talvez em mim e me turve as alegrias íntimas. Esperava desde muito estes dias de completa liberdade, de independência quase total, para poder dizer da minha pobreza a franca verdade aos poderosos e ricos que, assim, se fizeram por toda sorte de maneiras, honestas e desonestas. Hei de dizer-lhes aos poucos...<sup>189</sup>

Insatisfeito desde o início com o cargo de amanuense no Ministério da Guerra, mas precisando do emprego para manter o seu sustento, o da família e para financiar suas publicações, Lima não esconde a satisfação ao conseguir sua aposentadoria, uma vez que agora se sentiria livre para falar sem nenhum receio acerca da política e da sociedade, algo que o preocupava anteriormente, tendo em vista que por ser funcionário público, se via limitado em falar tudo o que julgava a respeito do Estado, por medo de sofrer retaliações.

Irrequieto escritor, boêmio, de aparência desleixada, frequentador assíduo dos botequins e cafés cariocas, que condenava veementemente a postura arrogante e bajuladora do mundo literário que não alcançava, pleiteou por três vezes uma vaga na Academia Brasileira de Letras não obtendo êxito, viveu entre o mundo da intelectualidade e da boêmia, entre os burgueses e os pobres. Ébrio e grande questionador e conhecedor do seu tempo, sofreu na pele

---

<sup>189</sup> BARRETO, Lima. Quem será, afinal? In: MENDONÇA, Bernardo. (introdução, seleção e notas). **Um longo sonho do futuro**: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. 2º ed. – Rio de Janeiro: Graphia, 1998. p. 351.

a exclusão e a relatou de maneira acurada, trazendo à tona o universo do manicômio, além de enfrentar os seus monstros internos, criando sobre si e deixando para nós um importante testemunho de quem experimentou a internação, nos possibilitando pensar esse universo sobre outro enfoque, o do “louco”.

Quando, pela primeira vez, me recolheram ao Hospício, de fato a minha crise era profunda e exigia o meu afastamento do meio que me era habitual, para varrer do meu espírito as alucinações que o álcool e outros fatores lhe tinham trazido. Durou ela alguns dias seguintes; mas, ao chegar ao Pavilhão, já estava quase eu mesmo e não apresentava e não me conturbava a mínima perturbação mental. Em lá chegando tiraram-me a roupa que vestia, deram-me uma da “casa”, como lá se diz, formei fileira ao lado dos outros loucos, numa varanda, deram-me uma caneca de mate e grão e, depois de ter tomado essa refeição vespéral, meteram-me num quarto-forte.<sup>190</sup>

Não discordou da necessidade de suas internações e sabia dos efeitos nefastos do álcool em sua vida; todavia, questionou e resistiu às investidas médicas, nos fazendo ver o quão arbitraria era a seleção executada pela psiquiatria, condenando os indivíduos ao “cemitério dos vivos”, onde um criminoso convivía e era tratado tal qual um epilético ou alcoólatra. Expôs reflexões amplas acerca da loucura e de suas nuances, além de sua própria doença.

Sua experiência íntima com o álcool tornara-se uma questão de saúde pública, onde o direito sobre si fora extirpado e sua condição de desgraçado e bêbado o colocou sob o aval da ciência. O intelectual crítico e dedicado a denunciar as mentiras e as injustiças sociais, se via temeroso em relação aos médicos do Hospício por ter receio que os mesmos o tratasse de maneira cega e arbitrária. Entendia a ciência livresca como incapaz de alcançar os sujeitos, negando, portanto, a possibilidade da dúvida, perseguindo uma explicação que, para o escritor, não existia: a origem da loucura. Condenava a postura assumida diante dos pacientes pelos médicos, que não enxergavam pessoas, mas sim casos exemplares de doenças já inventariadas seguindo um roteiro que traria a cura.

Alcoólatra, viu-se impotente, enclausurado e sequestrado pela polícia com seus preconceitos de cor e de classe, além de lidar com a onipotência dos médicos, precipitados e distantes do universo particular que cada paciente carregava, tratando-os como instrumento de comprovação de suas teorias e de execução de suas terapias e, o escritor ébrio, transformado em paciente psiquiátrico, fora relegado ao hospício da Praia da Saudade.

---

<sup>190</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.180.



### 3 – O CEMITÉRIO DOS VIVOS

#### 3-1 A casa dos loucos: a experiência manicomial de Lima Barreto

Parece tal espetáculo com os célebres cemitérios de vivos, que um diplomata brasileiro, numa narração de viagem, diz ter havido em Cantão, na China. Nas imediações dessa cidade, um lugar apropriado de domínio público era reservado aos indigentes que se sentiam morrer. Dava-se-lhes comida, roupa e o caixão fúnebre em que se deviam enterrar. Esperavam tranquilamente a Morte. (...) Não é mais o dia azul-cobalto e o céu ofuscante, não é mais o negror da noite picado de estrelas palpitantes; é a treva absoluta, é toda ausência de luz, é o mistério impenetrável e um não poderás ir além que confessam a nossa própria inteligência e o próprio pensamento.<sup>191</sup>

Na epígrafe acima, retirada do livro *Diário do Hospício* escrito por Lima Barreto durante sua segunda internação em 1919 no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, o escritor descreve suas representações acerca do espaço manicomial, chamado por ele de “cemitério dos vivos”<sup>192</sup>, título do romance inacabado de 1921, baseado em seu diário como paciente psiquiátrico. Em tom de desabafo, o escritor nos fala sobre o “espetáculo do hospício”, lugar que condena os sujeitos à morte em vida, dando-lhes apenas o essencial: comida e roupa. Nesse “espetáculo”, há a ausência de luz, os sujeitos não podem ir além do que o próprio pensamento permite. Vivenciam a morte social, são excluídos e condenados ao silêncio. Nesse lugar apenas aguardam a morte física.

O espetáculo da loucura, não só no indivíduo isolado, mas, e sobretudo, numa população de manicômio, é dos mais dolorosos e tristes espetáculos que se pode oferecer a quem ligeiramente meditar sobre ele... No pavilhão, devido ao número exíguo de doentes, não se sente bem essa dor especial, esse tomado de amargura pelo nosso destino, o nosso pensamento não se angustia tanto em querer resolver tão sombrio problema da nossa existência que a loucura provoca; mas na Seção Pinel é de abater, é de esmagar, a contemplação, o contato, o convívio com quase duas centenas de loucos.<sup>193</sup>

<sup>191</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 212.

<sup>192</sup> Utilizamos o termo *cemitério dos vivos* retirado do livro de memórias *Diário do hospício* do escritor Lima Barreto para definir aquilo que chamamos de espaço asilar, manicômio, hospício e instituição psiquiátrica. O *Diário do hospício* foi escrito em 1919 durante a segunda internação do escritor e *O cemitério dos vivos* foi publicado pela primeira vez em 1921, na *Revista Sousa Cruz*.

<sup>193</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Op. cit.*, p. 203.

O escritor, assim como muitos outros indivíduos, foi levado forçosamente a uma “instituição de sequestro”<sup>194</sup> – o hospício. Consolidado como espaço destinado à cura, à regeneração e a sanar as enfermidades que afetavam a razão e que atrapalhavam o cumprimento das disciplinas da ordem burguesa, a instituição psiquiátrica configurou-se como o espaço concreto da aplicação de teorias organicistas e racistas que, no Brasil, voltaram-se para dentro dos centros urbanos a partir de uma noção classista. Assim, o ambiente urbano que abarcava um crescente número de degenerados, segundo a psiquiatria, via-se alvo de teorias excludentes no âmbito biológico, social, moral, comportamental e econômico.

Internado por duas vezes no Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro, o mais importante no período, a primeira em 18 de agosto a 13 de outubro de 1914 e a segunda em 25 de dezembro de 1919 a 02 de fevereiro de 1920, Lima Barreto registrou sua vivência como paciente psiquiátrico, deixando um testemunho de extrema relevância para se pensar a experiência social da loucura, uma vez que a fala ouvida sobre os processos que abarcam a doença mental e as internações, na maioria das vezes, é a fala do especialista e os registros oriundos de pacientes das classes populares – o contingente pobre – quase sempre foi silenciado.

Cristiana Facchinetti,<sup>195</sup> ao desenvolver uma pesquisa acerca dos prontuários produzidos no Hospício Nacional de Alienados, constata que os pensionistas, ou seja, os pacientes de classes abastadas, tinham poucos registros em seus prontuários. Conclui-se que esta era uma forma de garantir uma internação discreta ou até mesmo sigilosa para os indivíduos ricos. Por sua vez, os que não eram pensionistas passavam por rigorosa verificação, indicando forte vigilância e controle social empreendido pelos médicos junto à população pobre.

Marco Antonio Arantes em *Hospício de doutores* ao analisar o contexto da internação do escritor Lima Barreto nos fala:

Historicamente sua internação contextualizava-se num período em que a loucura é reconhecida como “doença mental” pela medicina social, processo que consolida definitivamente a psiquiatria no Brasil como ciência soberana em loucos e loucura. Esse processo acelera-se com a proclamação da

<sup>194</sup> Michel Foucault fala em **Vigiar e Punir** sobre as de *instituições de sequestro*, locais em que os sujeitos eram submetidos à reclusão e que não tinha como intenção propriamente "excluir" o indivíduo recluso, mas, sobretudo, "incluir-lo" num sistema normalizador. Assim, pensamos o hospício como uma instituição de sequestro, uma vez que ao excluir o indivíduo do seu meio social, o hospício o expõe a um novo regime de sociabilidade, regras e trocas no cotidiano asilar.

<sup>195</sup> FACCHINETTI, Cristiana. Hospital Nacional de Alienados: discursos e práticas para a sociedade brasileira. In: XXIII Simpósio Nacional de História-ANPUH, 2005. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História-História: Guerra e Paz**, 2005.

República, em que a relação médico-paciente se radicaliza com a implantação de um poder tecnocientífico, com a finalidade de catalogar o comportamento diferencial dos chamados loucos.<sup>196</sup>

A partir de um processo discriminatório e excludente, elaborado por procedimentos científicos, o “estranho” era interditado, rejeitado, exposto à desgraça e à vergonha e, o hospício – aparato institucional gerido pelo Estado – aparecia como a alternativa política e médica de exclusão e de controle.

Lima Barreto foi um desses “estranhos” excluído e estigmatizado. Diagnosticado como alcoólatra e neurastênico, o que lhe rendeu o estigma social de louco e a perseguição da polícia, além de delírios causados por suas angústias e insatisfações, escreveu sobre o universo do hospício e de seus sujeitos demonstrando forte lucidez, algo que pode ser entendido como uma evidência da sua exceção em meio aos casos de distúrbios mentais graves. “Os leitores não de dizer que não era possível encontrar isso numa casa de loucos. É um engano; Há muitas formas de loucura e algumas permitem aos doentes momentos de verdadeira e completa lucidez.”<sup>197</sup>

Michel Foucault nos fala, tanto em *História da Loucura* quanto no *A ordem do discurso*, que essa exclusão operacionalizada através da internação não só resultava na interdição, mas também numa apartação do meio social e de tudo que o mesmo significa, além de demarcar uma rejeição advinda do estigma da loucura.

E o que é a loucura? Essa é uma questão perseguida há séculos pela medicina, que, além da busca da etiologia e da cura, tentou estabelecer os elementos causadores da doença mental através de um saber formalizado e especializado, sustentado em práticas sólidas e difundidas. No entanto, o saber médico não conseguiu fechar essa questão, talvez por não alcançar, através de leis naturais, a origem da patologia, já que a mesma possui fortes contornos sociais e históricos. A psiquiatria buscou conhecê-la em sua totalidade, vendo-a como a-histórica, perseguindo sua origem e uma explicação final.

Lima Barreto, dentro do hospício, nos fala através de seu diário sobre a complexidade da questão que tangenciava a loucura. Ele acreditava não haver uma origem universal sobre a questão; reivindicou que se olhasse cada caso como uma questão singular e pessoal; e questionou a tentativa dos médicos, que, através do seu doutorismo, se julgavam capazes de

---

<sup>196</sup> ARANTES, Marco Antonio. Hospício de doutores. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2008. v. 15, n.1, p. 51.

<sup>197</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos*. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 73.

compreender cientificamente aquilo que definiram como louco, não respeitando a heterogeneidade dos casos e dos indivíduos.

Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos; há loucos só.<sup>198</sup>

A loucura, no decorrer do tempo, ganhou conotações que iam desde os traços físicos à esfera comportamental. Maria Clementina Pereira Cunha nos fala, em *O espelho do mundo*, sobre três tendências principais que balizaram as concepções acerca da loucura entre os séculos XIX e início do século XX. A primeira foi inaugurada com Philippe Pinel, para quem a doença mental era definida pelas condições de inteligibilidade do indivíduo, remetendo à esfera da razão. A outra tendência voltava-se aos aspectos físicos, atribuía a manifestação de patologias mentais à existência de afecções, centrando atenção na fisiologia. A terceira tendência centrava-se no conceito de monomania de Jean Étienne Esquirol e a loucura foi relacionada à ideia de desvio, ou seja, direcionada à esfera do comportamento, da moral e do ajuste social. Aqui, as possibilidades de intervenção e o arsenal teórico da psiquiatria foram ampliados, necessitando dispor cada vez mais de instrumentos classificatórios capazes de abarcar o “diferente”, o “anormal” e o “estranho”.

A fala do “escritor maldito”,<sup>199</sup> como paciente do Hospício Nacional de Alienados no começo do século XX, relatada em sua escrita de memórias, evidencia as práticas de exclusão social e interroga as verdades absolutas do discurso científico, além de testemunhar tensões e complexidades da vida no espaço manicomial, uma vez que não dissociou, em sua escrita autobiográfica, as questões de seu tempo.

Através do diário, podemos perceber o esforço do escritor em passar ao leitor suas experiências de dor causada pelo isolamento no espaço asilar. O Pavilhão de Observação, para onde foi levado quando chegou ao hospício, assim como a Seção Pinel (destinada aos indigentes do sexo masculino), voltavam-se às “classes perigosas”, abarcando desde miseráveis a alcoólatras, recebendo aqueles que não tinham condições de financiar sua internação e que dependiam do Estado. Neste pavilhão, experimentações científicas de cunho teórico e prático eram desenvolvidas e os indivíduos ficavam a mercê da razão positivista da ciência, com seus dogmas que não alcançavam o real de cada um.

---

<sup>198</sup> *Id., Ibid.*, p. 67.

<sup>199</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

Cercado por grades e pelos olhos atentos da ciência, Lima Barreto nos fala da tristeza que impregnava o cotidiano asilar através de registros que evidenciam a sensibilidade e a percepção arguta do escritor, que explanou fragmentos dolorosos de sua vida, além de análises que tangenciam a história da loucura, composta por sujeitos vistos como impróprios ao sistema social vigente e que foram relegados ao silêncio.

O caráter de recusa aos mecanismos de controle, a consistência de suas denúncias contra a instituição, a dor do isolamento, o silêncio a que são condenados os loucos, a monotonia do lugar, ressoam nos escritor de Lima.

Com o ar azul da enseada de Botafogo, para quem olha, devia ser um alegre retiro, tivesse ele outro destino; mas a beleza do local pouco deve consolar, apreciada através das grades, da triste condição em que se está, torvo ambiente moral em que ali se respira. A beleza da natureza faz mais triste a quem tem consciência do lugar em que está e, olhando-a com os olhos tristes, ao amanhecer, a impressão que se tem é que não se pode mais sonhar felicidade diante das belas paisagens e das belas coisas...<sup>200</sup>

A degradação moral, a sensação de aniquilamento social, a impossibilidade de se vislumbrar o movimento inerente ao cotidiano dos indivíduos, o aprisionamento físico e a fuga dos pensamentos como forma de não sucumbir àquela morte imposta pelo hospício, acentuam-se nos desabafos presentes no *Diário do Hospício*.

Amaciado um pouco, tirando dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, as supertições de rezas, exorcismo, bruxarias etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média; o sequestro. Não há dinheiro nem poder que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate um homem da loucura. Aqui no Hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. Mas, assim e assado, a loucura zomba de todas as vaidades e mergulha todos no insondável mar de seus caprichos incompreensíveis.<sup>201</sup>

O trágico episódio da loucura se repetia na família Lima Barreto, que enfrentava há anos a doença do pai e que agora lidava com as internações de Afonso. Na primeira internação, em agosto de 1914, Lima foi levado ao Hospício Nacional de Alienados em um carro-forte pelas mãos da polícia, permanecendo lá por quase dois meses. Ao relatar o episódio, expõe a total anulação do indivíduo que enfrenta uma situação de completo alheamento em relação ao seu corpo, preso naquele carro forte, e em relação ao seu destino de *cadáver de anfiteatro de anatomia*.

É indescritível o que se sofre ali, assentado naquela espécie de solitária, pouco mais larga que a largura de um homem, cercado de ferro por todos os

<sup>200</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 215.

<sup>201</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 90.

lados, com uma vigia gradeada, por onde se enxergam as caras curiosas dos transeuntes a procurarem descobrir quem é o doido que vai ali. A carriola, pesadona, arfa que nem uma nau antiga, no calçamento; sobe, desce, tomba pra aqui, tomba para ali; o pobre-diabo lá dentro, tudo liso, não tem onde se agarrar e bate com o corpo em todos os sentidos, de encontro às paredes de ferro; e, se o jogo da carruagem dá-lhe um impulso para frente, arrisca-se a ir de fuças de encontro à porta de praça-forte do carro-forte, a cair no vão que há entre o banco e ela, arriscando partir as costelas... Um suplício destes, a que não se sujeita a polícia os mais repugnantes e desalmados criminosos, entretanto, ela aplica a um desgraçado que teve a infelicidade de ensandecer, às vezes, por minutos...<sup>202</sup>

No dia de sua ida pela segunda vez ao HNA,<sup>203</sup> em 1919, Lima Barreto passara a noite bebendo pelos subúrbios, andando pelas ruas, sem dinheiro, com a roupa suja e rasgada e, em pleno delírio, buscou uma delegacia para se queixar das coisas mais absurdas e elementares da vida. Em frases desconexas, o escritor gesticulava, gritava e sentia que não estava em sua razão. Amanheceu na porta de uma venda próxima a sua casa, onde seu irmão Carlindo tentou, em vão, levá-lo para casa. Gritando, afirmava sentir-se perseguido por todos e via-se cercado de inimigos.

A tristeza e a mágoa por ter sido levado ao hospício na Noite de Natal, a mando do irmão e pelas mãos da polícia, aparecem tanto na escrita autobiográfica quanto na ficcional. Além da violência da estrutura médico-policial, o escritor não aceita as humilhações a que foi exposto no pavilhão dos gratuitos.

Entrei no hospício no dia de Natal. Passei as famosas festas, as tradicionais festas de ano, entre quatro paredes de um manicômio. Estive no pavilhão pouco tempo, cerca de vinte e quatro horas. O pavilhão de observação é uma espécie de dependência do hospício a que vão ter todos os doentes enviados pela polícia, isto é, os tidos e havidos por miseráveis e indigentes, antes de serem definitivamente internados.<sup>204</sup>

E conclui em tom de desalento a sua subcondição dentro do manicômio:

Como é que eu, em vinte e quatro horas, deixava de ser um funcionário do Estado, com ficha na sociedade e lugar no orçamento, para ser um mendigo sem eira nem beira, atirado para ali que nem um desclassificado? Por que o Estado queria-me gratuito, comendo à sua custa, quando era mais simples tomar-me o ordenado e dar-me pelo menos um paletó?<sup>205</sup>

O seu transplante forçado pelas mãos da polícia para um meio que não era o dele, a ojeriza sentida com os delírios assistidos, a convivência forçada com desconhecidos, a superlotação de seções como a Pinel, a divisão hierarquizante entre ricos e pobres, as

<sup>202</sup> *Id.*, *Ibid.*, p.178.

<sup>203</sup> Utilizaremos esta abreviação para nos referir ao Hospício Nacional de Alienados.

<sup>204</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 177.

<sup>205</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 207.

instalações do lugar e a privação de liberdade, foram questões tocadas pelo escritor, que afirmou não ter mágoas do hospício, mas não se conformava em ter que passar meses em meio a doentes de todos os tipos sem poder decidir a hora de sair e voltar a sua vida normal, mesmo se sentindo perfeitamente são.

Não guardava nenhum ressentimento dessa dependência da assistência a alienados, mas o seu horror à responsabilidade, que o impede de dar altas por si, fazia-me ver que eu, apesar de sentir-me perfeitamente são, tendo de passar por ele, teria forçosamente de ficar segregado mais de um ou dois meses, entre doentes de todos matizes, educação, manias e quízílias. Tristes e dolorosas lembranças.<sup>206</sup>

Na internação de 1919, passou pela ala de indigentes chamada de Pavilhão de Observações e foi examinado pelo médico Aduino Botelho,<sup>207</sup> que, segundo o escritor, o tratou com indiferença e lhe passou a ideia de que, por ele, o punha na rua, mas, por se tratar de um paciente levado pela polícia, precisaria ficar uns dias no hospício da Praia da Saudade.

Amanheci, tomei café e pão e fui à presença de um médico, que me disseram chamar-se Aduino. Tratou-me ele com indiferença, fez-me perguntas e deu a entender que, por ele, me punha na rua. Voltei ao pátio. Que coisa, meu Deus! Estava ali que nem um peru, no meio de muitos outros, pastoreado por um bom português, que tinha um ar rude, mas doce e compassivo, de camponês transmontano. Ele já me conhecia da outra vez. Chamava-me você e me deu cigarros. Da outra vez, fui para a casa-forte e ele me fez baldear a varanda, lavar o banheiro, onde me deu um excelente banho de ducha de chicote. Todo nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor.<sup>208</sup>

O jovem médico, e conhecido de Lima Barreto da época da faculdade, é apresentado pelo escritor como mais um desses médicos imbuídos de uma certeza indubitável e devoto de generalizações acerca da loucura. Assim, ao analisar o médico responsável por examiná-lo, o escritor empreende uma desconstrução utilizando preceitos da própria ciência que o doutor professava, afirmando que, apesar das especificações e rótulos construídos, a psiquiatria nunca alcançou uma explicação para a loucura.

Chamou-me o bragantino e levou-me pelos corredores e pátios até o hospício propriamente. Aí é que percebi que ficava e onde, na seção, na de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável.<sup>209</sup>

<sup>206</sup> *Id., Ibid.*, p.179.

<sup>207</sup> Aduino Junqueira Botelho (1895-1963), mineiro, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, discípulo de Juliano Moreira e de Henrique Roxo. Fundou ao lado de outros médicos o Sanatório de Botafogo, dirigiu por quinze anos o Serviço Nacional de Doenças Mentais e, entre 1956 e 1958, foi diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil (IPUB), onde hoje se encontram os documentos referentes às internações do escritor Lima Barreto.

<sup>208</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 45.

<sup>209</sup> *Id., Ibid.*, p. 48.

Após os dias na ala de observação e depois da avaliação do doutor Adauto, o encaminharam para a Seção Pinel, considerado pelo escritor a pior ala.

O mobiliário, o vestuário das camas, as camas – tudo é de uma pobreza sem par. O acúmulo dos doentes, o sombrio da dependência que fica no andar térreo o pátio interno é quase ocupado pelo pavilhão das latrinas de ambos os andares – tirando-lhes a luz, tudo isso lhe dá má atmosfera de hospital, de emanações de desinfetantes, uma morrinha terrível.<sup>210</sup>

Na seção dos “desgraçados”, Lima Barreto passou pelo exame do doutor Henrique Roxo, de quem afirmou não simpatizar, chamando-o de livresco, de pouco conhecedor da arte que professava e de pouco interessado em ir além dos dogmas da psiquiatria e declarou: “Eu tinha medo do meu médico da Seção Pinel; ele tinha orgulho e a fé na sua atividade intelectual, e os pontos de dúvida que deviam tirar do seu espírito o sentimento de sua evidência, pareciam que antes reforçavam-no.”<sup>211</sup>

Ainda na espera de ser mandado de volta para casa, passou pelo exame do médico José Carneiro Ayrosa, responsável pelo registro da internação do escritor no Livro de Observações de número 64, da Seção Pinel. O médico fez perguntas e, segundo o escritor, não lhe pareceu mau. Determinou que o escritor permaneceria no hospício e que fosse encaminhado pelo enfermeiro-mor ou inspetor Sant’Ana à Seção Pinel.

Um mulato, forte, simpático, olhos firmes, um pouco desconfiados, rosto oval, que foi muito bom para mim. Ele fora empregado na Ilha, quando meu pai lá era almoxarife ou administrador, e se lembrava dele com amizade. Deu-me cama, numa seção mais razoável, arranjou o que eu comesse com os pensionistas de quarta classe e, no dia seguinte, fez-me dormir num quarto, com um estudante de medicina, Queirós, que um ataque tornara hemiplégico e meio aluado.<sup>212</sup>

Documentos sobre o hospício comprovam as descrições feitas pelo escritor, que mostrou-se um observador atento e não-passivo diante daquilo que via na “casa dos loucos”; todavia, apresenta certos preconceitos em relação aos companheiros do hospício, indicando que, em muitos aspectos, não se sentia igual àquela gente pobre que compõe os enredos de suas histórias. Distinguia-se não apenas na questão da doença, colocando-se também como diferente no âmbito da extração social, embora fosse mestiço e oriundo da classe pobre, questões que não escondeu; porém, sentia-se distante de seus pares em nível cultural e intelectual. O mal-estar da atipicidade foi sentido pelo escritor dentro e fora do hospício.

Alguns não suportam roupa no corpo, às vezes totalmente, outras vezes em parte. Na Seção Pinel, num pátio que ficavam os mais insuportáveis, dez por cento deles andava nu ou seminu. Esse pátio é a coisa mais horrível que se

<sup>210</sup> *Id., Ibid.*, p. 205.

<sup>211</sup> *Id., Ibid.*, p. 244.

<sup>212</sup> *Id., Ibid.*, p. 49.

pode imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento. É uma luz negra sobre as coisas, na suposição de que, sob essa luz, o nosso olhar pudesse ver alguma coisa. Aí é que há os berradores; mas, como em toda a parte, são só os seus gritos que enchem o ambiente. Eles são relativamente poucos.<sup>213</sup>

A Seção Pinel abrigava uma multidão de miseráveis, de desempregados e de trabalhadores braçais, sendo boa parte dessa população composta por homens negros, algo que indica a miséria em que viviam os ex-escravos no cenário do Rio de Janeiro da Primeira República. Características que predominavam na população eram utilizadas na preconização de preconceitos e na segregação social dentro e fora do hospício – lugar em que as pessoas eram classificadas, diferenciadas e tratadas não só por seus diagnósticos clínicos, mas também por suas posições sociais e cor da pele.

Os loucos são de proveniências as mais diversas; originam-se em geral, das camadas mais pobres da nossa gente pobre. São pobres imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e outros mais exóticos; são negros roceiros, que levam a sua humildade, teimando em dormir pelos desvãos das janelas sobre uma esteira ensebada e uma manta sórdida; são proletários mais finos: tipógrafos, marceneiros, etc. No meio desse baralhamento de homens de tão diferentes raças e educação, fazem-se às vezes descobertas.<sup>214</sup>

Ademais, os loucos representavam o perigo e a insubmissão, sujeitados à intensa vigilância por parte dos médicos, enfermeiros e guardas, que não tratavam os pacientes com respeito, especialmente os pobres, vendo-os como inferiores e sem direitos, segundo nos diz Lima Barreto:

Os guardas em geral, principalmente os do Pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazer o que quiserem. Já lhes contei como baldeei no pavilhão, como lavei banheiro e como um médico ou interno me tirou a vassoura da mão quando estava varrendo o jardim. Mas na Seção Pinel, aconteceu-me coisa mais manifesta da estupidez do guarda e da crença de que era meu feitor e senhor.<sup>215</sup>

Segundo Erving Goffman, em *Manicômios, Prisões e Conventos*, o hospício configura-se como uma instituição total, voltada a cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que constituem ameaça à comunidade, assim como sanatórios e leprosários. Afirma que toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus

---

<sup>213</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 211.

<sup>214</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 205.

<sup>215</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 81

participantes, inserindo-os em um mundo com dinâmica própria e fechada; em resumo, toda instituição tem tendências de “fechamento”.

Nas instituições totais, existe uma divisão básica entre um grande grupo controlado, que podemos denominar o grupo dos internados, e uma pequena equipe de supervisão. Geralmente, os internados vivem na instituição e têm contato restrito com o mundo existente fora de suas paredes; [...] Cada agrupamento tende a conceber o outro através de estereótipos limitados e hostis – a equipe dirigente muitas vezes vê os internados como amargos, reservados e não merecedores de confiança; os internados muitas vezes veem os dirigentes como condescendentes, arbitrários e mesquinhos. Os participantes da equipe dirigente tendem a sentir-se superiores e corretos; os internados tendem, pelo menos sob alguns aspectos, a sentir-se inferiores, fracos, censuráveis e culpados.<sup>216</sup>

Vivendo numa instituição total, possuidora de uma lógica própria de organização, pautada no isolamento e no controle, aspectos que compõem a internação num hospital psiquiátrico, Lima Barreto, enfrentou sofrimento físico e psicológico, causados por angústias, abstinência, medos, delírios, isolamento e sensibilidade apurada.

Expôs, em suas memórias acerca das internações, forte inclinação ao social e às trajetórias individuais, essas que muitas vezes foram escondidas sob o rosto uniforme da loucura. Em tom de desabafo, aproxima a penúria que viveu no hospício àquela experimentada em sua casa: Aborrece-me este Hospício; eu sou bem tratado; mas me falta ar, luz, liberdade. Não tenho meus livros à mão;... Sairei desta catacumba, mas irei para a sala mortuária que é minha casa.”<sup>217</sup>

Através de uma escrita confessional, reflexiva e crítica, a narrativa traz a experiência pessoal com a loucura de um interno que além de analisar os demais pacientes, o hospício, os funcionários, o corpo administrativo, os médicos e a ciência, refletiu sobre as arbitrariedades do poder psiquiátrico que tinha a sociedade como coparticipante do processo. Exercício reflexivo de notável importância no que tange a investigação acerca de experiências perpassadas pela loucura.

A distribuição espacial do Hospício Nacional de Alienados se dava a partir de contornos preconceituosos, classistas e por sexo. Os pacientes eram catalogados e divididos a partir de sua extração social e gênero, onde pobres e ricos, mulheres e homens eram separados a partir da justificativa econômica e social para o primeiro grupo, e por distinção de gênero para o segundo, a partir da alegação da promiscuidade e da imoralidade que se fazia presente a partir do contato entre mulheres e homens.

<sup>216</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 18.

<sup>217</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 94.

A administração do hospício é feita segundo seções e pavilhões, à testa das quais tem um alienista e mais médico. Segundo depreendi, as seções principais do hospício propriamente são quatro: Pinel e Calmeil, para homens; e Morel e Esquirol, para mulheres. Além destas, há outras especiais, para epiléticos, para crianças retardadas, hígdas e epiléticas, para tuberculosos, etc., cada qual com nome da sumidade nacional ou estrangeira. O pavilhão de Observação, por excelência, é o de observação, que tem uma organização *sui generis*, depende do hospício, da polícia e da Faculdade de Medicina, cujo lente de psiquiatria é o seu diretor, sem nenhuma dependência ou subordinação ao do hospício, dependendo, entretanto, o resto do pessoal subalterno e fornecendo este estabelecimento tudo mais.<sup>218</sup>

As mulheres, na maioria das vezes, traziam consigo diagnósticos que indicavam distúrbios relativos à negação da aceitação dos papéis que lhes eram impostos no âmbito sexual e social, desrespeitando a esfera que lhes cabia: a privada. A imagem feminina ideal era a da boa mãe, da boa esposa, aquela que cumpria as regras morais, que não tinha vícios, que criava bons cidadãos e indivíduos saudáveis, além de servir a seus esposos provedores e de se resguardarem ao campo do privado, aceitando que a atuação no espaço público era premissa masculina.

Além da divisão por sexo, o hospício era dividido por classe social, cor, doença e idade, havendo uma ala destinada às crianças, depois de denúncias sobre abusos.

O HNA contava com o Pavilhão de Observação, que recebia os pacientes trazidos pelas mãos da polícia, a Seção Pinel, destinada aos indigentes do sexo masculino, a Seção Calmeil, para homens pensionistas, a Morel e Esquirol, para mulheres, Pavilhão Guislain e Griesinger, para os epiléticos, Seção Nina Rodrigues, para os militares, uma seção para leprosos e outra para crianças.

O Pavilhão de Observações, onde Lima passou dolorosos dias, abrigava indigentes e evidenciava o descaso governamental em relação a uma grande parcela da população que não era abarcada socialmente e acabava sendo enviada para instituições como o hospício, que possuía uma pirâmide social bastante demarcada. Lá dentro, a hierarquização social era facilmente percebida, inclusive pela distribuição física dos pacientes, categorizados não apenas por suas avaliações clínicas, mas também por sua posição social.

Os indivíduos da ala destinada aos ricos contavam com direitos que os internos das outras alas não possuíam, os quartos eram privativos, a comida era diferente, os pensionistas não trabalhavam, indicando que, no caso deles, a laborterapia não tinha valor terapêutico

---

<sup>218</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 247.

nenhum, além de contarem com uma biblioteca. Para os pobres, restavam condições humilhantes na “bolgia<sup>219</sup> do inferno”, segundo nos fala Lima Barreto.

No âmbito da diferenciação social, outro ponto importante que demarcava substancialmente a desigualdade entre os pacientes era o trabalho. Utilizado como elemento de controle e de disciplina, o trabalho contribuía para a ordem asilar e era visto como uma importante terapia de controle. A ideia defendida era a de que a execução de tarefas por parte dos internos funcionava como um meio de cura da doença mental e que era capaz de reabilitar moralmente o louco, antes visto como inabilitado ao trabalho.

O que estava em jogo era a economia de recursos que os pacientes poderiam proporcionar à administração do Hospício, na realização dos serviços destinados aos funcionários habituais, embora o trabalho fosse visto como um bem para a alma e para o físico do doente ocioso e condição essencial para a cura.<sup>220</sup>

Os pacientes, servindo de mão-de-obra, tornavam-se um elemento lucrativo no espaço asilar e assim pagavam, com trabalho em serviços de costuras, produção de móveis, trabalhos agrícolas e limpeza, sua estadia no hospício. Conduta ambígua assumida pela psiquiatria diante do uso do trabalho dos internos, postos na lógica de uma “economia de punição,”<sup>221</sup> em que os pacientes passavam por uma divisão social de tarefas a partir de critérios de condição social, sexo, tipo de patologia e, em alguns casos, levava-se em conta a profissão. Sobre a imposição de tarefas pesadas e a não consideração das aptidões dos pacientes por parte do corpo administrativo do hospício, Lima nos diz:

No Hospício, das duas vezes em que lá estive, nunca me fizeram executar qualquer serviço, mas, se quisessem fazer, eu me prestaria desde que ele estivesse de acordo com as minhas forças e os meus hábitos anteriores. Eu me prestava mesmo a aprender um ofício que fosse leve, mas essas tarefas pesadas...<sup>222</sup>

Sobre os trabalhos manuais desempenhados à força pelos internos do Hospício Nacional de Alienados, Lima Barreto, que também se viu nessa condição, ressalta o incômodo em ter que desempenhar tais tarefas a mando dos guardas que vigiavam os pacientes para garantir que sejam realizadas.

No dia seguinte, quando o guarda que nos veio abrir a porta deu-me uma vassoura e um pano com que eu ajudasse a ele e outros a baldear o quarto-forte e a varanda, não fiz nenhum movimento de repulsa. Tomei os dois

<sup>219</sup> Aqui, Lima faz um referência direta à *Divina Comédia* de Dante. Dante ao descrever o oitavo círculo do Inferno, constituído por dez fossas (bolgia) onde vivem os danados.

<sup>220</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.59.

<sup>221</sup> ARANTES, Marco Antonio. Hospício de doutores. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2008. v. 15, n.1, p. 58.

<sup>222</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Op. cit.*, p. 82.

objetos e cumpri docilmente o mandato. O que me aborreceu, porém, foi a minha falta de forças e hábito de abaixar-me, para realizar tão útil serviço.<sup>223</sup>

O caráter punitivo do trabalho, realizado contra a vontade dos pacientes em razão do cumprimento de ordem impostas por guardas e enfermeiros do hospício, compõe as denúncias feitas por Lima, no que ressaltou a sensação de desigualdade e de humilhação experimentada pela ala pobre. Destaca ainda que aqueles funcionários nada mais faziam do que cumprir ordens vindas do corpo administrativo superior.

Desde lá , não o levei a mal, por ter-me conduzido àquelas baldeações. Estava ele no seu papel, tanto mais que eu não era melhor do que outros a que o destino me nivelara. Sofri com resignação e, como já disse, às vezes mesmo com orgulho, o que poderia parecer a outrem humilhação. Esqueci-me da minha instrução, da minha educação, para não demonstrar com uma inútil insubordinação, como que uma injúria aos meus companheiros de Desgraça. Não reclamei; não reclamo e não reclamarei; conto unicamente.<sup>224</sup>

Essa realidade não abarcava apenas o Hospício Nacional de Alienados e percebemos, a partir de trabalhos como *O espelho do mundo*, de Maria Clementina Pereira Cunha, um estudo acerca do Hospício Juquery, em São Paulo, que a busca para regenerar os degenerados através de atividades que configuravam punição, de transformar os pacientes em braços produtivos para o mercado de trabalho, além de tirar proveito econômico das atividades realizadas pelos internos sob a justificativa da cura, se configurava como prática recorrente das instituições totais do período. Ademais, a pesquisadora nos chama atenção para o fato de que as particularidades e aptidões dos internos não eram levados em conta, na maioria das vezes, e os mesmos eram obrigados a trabalhar em atividades que não condiziam com as realizadas fora do hospício.

Possivelmente, uma vez criado como um poderoso instrumento de disciplinarização da vida urbana, fruto do medo e da insegurança que o crescimento rápido, desordenado e explosivo da cidade provocava nas elites dominantes, a escolha do trabalho agrícola funcionasse também como uma espécie de exorcismo da ameaça urbana, um retorno – destinado àqueles que não suportaram as exigências da “civilização” – a um idílico e bucólico trabalho rural, que “exige menos esforço intelectual e que projeta a imagem confortadora e segura de um trabalhador dócil, disciplinado e resignado com a sua condição.”<sup>225</sup>

O controle dos corpos era indiscutível; estavam ali para serem corrigidos, controlados e moldados ao formato da disciplina burguesa. Além de dóceis, os indivíduos deveriam ser úteis, e, nesse aspecto, a medicina e a psiquiatria não deixaram a desejar e transformaram os

<sup>223</sup> *Id., Ibid.*, p. 182.

<sup>224</sup> *Id., Ibid.*, p. 184

<sup>225</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. 2.ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1986. pp. 73-74.

corpos dos pacientes em laboratório de seus experimentos. Nessa empreitada, contavam com o apoio da sociedade fora dos muros do hospício e com o contingente de funcionários dentro da instituição, que atuavam como coparticipantes, contendo, através da vigilância e da força, os nocivos à ordem social.

Lima Barreto afirma que a relação entre guardas, enfermeiros e pacientes se dava a partir da ameaça da punição, mas que os conflitos eram raros. Mostrou-se compreensivo em relação a dificuldade de convivência entre eles, uma vez que alguns doentes eram insuportáveis e alguns guardas bastantes impacientes.

Todavia, Lima denunciou a existência de favorecimento e de relações de proteção, mantidas através da troca de favores e da subserviência entre alguns funcionários e médicos.

Os enfermeiros, na seção em que estou, são em geral bons. Há, porém, uma casta deles que não presta. São os tais particulares. Estes são aqueles que os doentes abastados das primeiras classes são autorizados a trazer. Nem todos são assim, mas com dois eu implico solenemente; e me fazem lembrar a insolência do Bragança do Pavilhão, que tem as costas quentes por causa da proteção que lhe dispensa o poeta épico da psiquiatria H.R. [Henrique Roxo]<sup>226</sup>

Peças essenciais da engrenagem asilar, os enfermeiros e guardas que compunham o cotidiano dos “loucos”, eram encarregados da ordem social do cemitério dos vivos, mediando, inclusive, a relação médico-paciente.

Sobre os guardas, Lima afirma, em seu *Diário do Hospício*:

Os guardas em geral, principalmente os do Pavilhão e da seção dos pobres, têm os loucos na conta de sujeitos sem nenhum direito a um tratamento respeitoso, seres inferiores, com os quais eles podem tratar e fazer o que quiserem. Já lhes contei como baldeei no pavilhão, como lavei o banheiro e como um médico ou interno me tirou a vassoura da mão quando estava varrendo o jardim.<sup>227</sup>

A vigilância dos corpos e o controle do tempo, impostos pela reclusão, ligavam-se à prática de poder concedido aos médicos e demais funcionários, que anulava os indivíduos sujeitados à ordenação programada do tempo, através das práticas cotidianas desempenhadas no espaço asilar. Assim, havia o tempo das refeições, do dormir, do trabalhar, das terapias, do caminhar e o do permanecer. E esse tempo era demarcado e definido pela voz da ciência, sistematizando a vida dos pacientes.

Vive-se aqui pensando na hora das refeições. Acaba-se o café, logo se anseia pelo almoço; mal se vai deste, cogita-se imediatamente no café com

---

<sup>226</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 79.

<sup>227</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 81.

pão; à uma hora, volta-se e, no mesmo instante, se nos apresenta a imagem do jantar às quatro horas. Daí até dormir, são as horas piores de passar.<sup>228</sup>

O tempo do hospício nega aquilo que é característico de cada sujeito internado, que carrega sua “cultura aparente” derivada de seu mundo particular e coletivo, mas ainda assim seu mundo, formatado a partir de suas experiências. São afastados de alguns comportamentos, ambientes e relações com pessoas que compõe o seu universo. São expostos a uma síntese cultural, onde os múltiplos indivíduos travam uma intimidade forçada pela convivência. Compartilham os quartos, as refeições, o acordar, o dormir, o cigarro, a não privacidade, os delírios, a ausência de liberdade, as terapias e as vezes o diagnóstico. Perdem o direito de estarem sozinhos, ainda que lhes seja imposta uma solidão profunda. O silêncio lhes é negado, ao passo que lhes são impostos berros desconexos que expressam delírios, recusas, dores, resistências e lucidez. A presença permanente de outros pacientes, enfermeiros, guardas e médicos é impositiva. Perdem suas identidades, são sujeitados à padronização através de uniformes e discursos reguladores, tornam-se a própria doença, são reconhecidos por seus prontuários e não mais por seus nomes.

Contudo, eu sentia muito prazer quando soavam as horas das refeições. É que, nesses instantes, a vida ali dentro variava um pouco, eu me sentia mais livre, o olhar abarcava mais horizonte do que aquele que se via pelas janelas gradeadas da seção. (...) A refeição durava muito pouco, cerca de meia hora; e, após ela, vinha o tormento do pedido de cigarros. Nisso ainda, eu não era vítima dele; mas, ao depois, foi uma das minhas quizílias com o Hospício.<sup>229</sup>

O comando das necessidades humanas por parte da direção de espaços institucionais, como o hospício, executadas por um grupo de pessoas voltado à eficiência organizacional, seja por uma questão de necessidade intrínseca à composição do espaço ou por uma questão circunstancial, alicerça em instância fundamental o funcionamento das instituições totais. Acerca dessa questão, Erving Goffman nos diz:

Quando pessoas se movimentam em conjuntos, podem ser supervisionadas por um pessoal, cuja atividade principal não é orientação ou inspeção periódica (tal como ocorre em muitas relações empregador-empregado), mas vigilância – fazer com que todos façam o que foi claramente indicado como exigido, sob condições em que a infração de uma pessoa tende a salientar-se diante da obediência visível e constantemente examinada dos outros. Aqui, não importa discutir o que é que vem em primeiro lugar – se os grandes grupos de pessoas controladas ou o pequeno grupo dirigente; o fato é que um é feito para o outro.<sup>230</sup>

<sup>228</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 124.

<sup>229</sup> *Id.*, *Ibid.*, pp. 238-239.

<sup>230</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo, Perspectiva, 1974, p.18.

Dentro do controle empreendido, a configuração espacial é parte fundamental do projeto de dominação e confinamento dos internos, e o poder se inscreve na própria arquitetura e estruturação dos usos dos espaços. O Hospício Nacional não possuía a estrutura do panóptico analisando por Michel Foucault, mas a preocupação com o controle era empreendida de maneira meticulosa e se dava por meio da contenção e da observação integral das ações dos indivíduos.

Lima nos apresenta um pouco da estrutura do lugar, nos informando dados de sua construção, os investimentos públicos e os advindos da caridade das elites, além de denunciar a superlotação do lugar, que recebia um número bem maior de pessoas que poderia, demarcando a negligência por parte do Estado que transforma locais de cura como os hospícios, em depositário de gente.

O hospício é bem construído e seria adequado, se não tivesse quatro vezes o número de doentes para que foi planejado. É obra de iniciativa individual, e a sua construção, pode-se dizer, foi custeada pela caridade pública. (...) Os chãos, parece que já eram da Santa Casa, mas o edifício propriamente é resultado de dádivas e doações. (...) Acabado de construir em 1852, todo ele trai, no aspecto exterior ao gosto do pseudoclássico da Revolução e do Império Napoleônico. (...) É de aspecto frio, severo, solene, com pouco movimento nas massas arquiteturais. Custou naquela época cerca de mil e quinhentos contos.<sup>231</sup>

Além da arquitetura que propiciava o monitoramento dos usuários, investigavam-se os antecedentes genéticos para justificar as patologias na hereditariedade dos pacientes; suas trajetórias sociais e culturais eram esquadrihadas como elementos comprobatórios de inferioridade; eram desapropriados de cidadania e de privacidade, posto que seus comportamentos eram regulados e observados coercitivamente.

Um dos horrores de qualquer reclusão é nunca se poder estar só. No meio daquela multidão, há sempre um que nos vem falar isto ou aquilo. No Hospício, eu resenti esse incômodo que só pode ser compreendido por quem já viveu recolhido a qualquer prisão; lá porém, é pior do que em outra qualquer, sobretudo quando se está perfeitamente lúcido, como eu estava, e não pode, por piedade, tratar com mau humor outros companheiros, que são doentes.<sup>232</sup>

A relação delicada estabelecida com os médicos é marcada na escrita tanto no diário quanto no romance. Lima traz observações sob o domínio psiquiátrico bastante conhecido por ele, que, aos nove anos de idade, morou com a família na Colônia de Alienados da Ilha do Governador, por conta do trabalho de seu pai. Demonstrou profundo conhecimento sobre esse

<sup>231</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 214.

<sup>232</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 236.

universo ao examinar as próprias alucinações, descartando a hereditariedade da patologia e assumindo os prejuízos que o álcool ocasionou em sua vida. Aponta para o estado transitório de suas alucinações causadas pelo uso e abstinência do álcool, e a partir da análise de seus delírios, tentou traçar um pensamento acerca da loucura, diverso daquele defendido pelos médicos.

Ela [a bebida] não me matava, ela não me estragava de vez, não me arruinava. De quando em quando, provocava-me alucinações, eu incomodava os outros, metiam-me em casas de saúde ou no Hospício, eu renascia, voltava, e assim levava uma vida insegura, desgostosa, e desgostando os outros, sem poder realizar plenamente o meu destino, que as coisas obscuras queriam dizer não ser o de um simples bêbado. Era preciso reagir.<sup>233</sup>

Transferido para a Seção Calmeil, onde escreveu o diário do hospício, Lima Barreto foi à presença de Juliano Moreira, médico descrito de forma carinhosa e que o transferiu para a ala dos pensionistas, permitindo que o mesmo ficasse em melhores condições naquele perverso ambiente.

Transferido da seção, eu fui parar nas mãos de um médico de outro feitio mental, cuja inteligência, solicitada e atraída para outros campos de atividade, dava-lhe mais dúvida, mais necessidade de reexame no que propusessem os seus colegas, de modo a não se permitir liberdades com ávida dos outros. Também era muito conhecido meu, desde menino, eu tive grande surpresa em ficar encantado com ele e um imenso prazer em julgá-lo de outro modo.(...) Recebeu-me prazenteiramente, falou-me, examinou-me com cuidado, viu bem os estragos que o álcool podia ter realizado no meu organismo e ficou admirado. Eram mínimos. Foi aí que eu vi bem o mal da “bebida”.<sup>234</sup>

Importante nome da psiquiatria do período, o médico conquistou a admiração do escritor, que o conhecia desde menino por conta de seu pai, ao conceder alguns benefícios dentro do espaço asilar. Ele foi para a seção de pensionistas, onde teve acesso à biblioteca, foi poupado dos trabalhos manuais e livrou-se da situação de desamparo e de miséria da Seção Pinel.

A sua lucidez foi ressaltada também para justificar e expressar a sensação de injustiça social que carregava, uma vez que, sentindo-se são, não achava justo enfrentar todas as desgraças a que são expostos os sujeitos dentro do hospício. O seu questionamento pessoal carregava reivindicações de cunho coletivo, algo peculiar ao escritor que dedicou-se a escrever em jornais, boa parte voltados a trabalhadores, sobre aspectos que abarcavam temas de engajamento político e de responsabilidade social. O controle e os conceitos científicos

---

<sup>233</sup> *Id., Ibid.*, p. 247.

<sup>234</sup> *Id., Ibid.*, p. 246.

foram questionados, mas não refutados pelo escritor, e sua crítica dirigia-se a tentativa da ciência de definir uma explicação lógica e objetiva para a loucura, que carrega, em si, subjetividades e incongruências.

Há um grande mal em querer nossos estudiosos de hoje desprezar as observações dos leigos; muitas vezes é preciso estar livre de construções lógicas, erguidas *a priori*, para se chegar à verdade, e não há como levar em linha de conta aquelas.<sup>235</sup>

Para o escritor as explicações que cercavam a loucura eram acomodadas e não leais. Eram redutivas diminutas e sentenciavam indivíduos com experiências diversas à uma única lógica padronizadora, encaixando-os em um sistema de análises que não levava em conta “o vago e nebuloso céu da loucura.”<sup>236</sup>

Do pavilhão, como já contei, fui para a Seção Pinel; é a de indigentes, daqueles sem eira nem beira, nem ramo de figueira. Houve nisso um grande erro e muito grave para as finanças governamentais. Sujeitos assim classificados lá existem, que recebem do governo pensões sob vários títulos. Isto tudo é sabido, consta de papéis oficiais. O Estado, recebendo-os como loucos, por mais mínima que fosse, o seu primeiro cuidado devia ser apoderar-se dessa pensão para o seu tratamento. Evitava que eles fossem tratados abaixo de sua condição, aumentava a renda do estabelecimento e dava enchanças para melhorar o tratamento dos verdadeiramente pobres.<sup>237</sup>

Avaliando as formas de administração, o escritor esclarece o modo de financiamento empregado no local por parte do Estado, que não destinava o dinheiro tirado dos cofres públicos para custear a aposentadoria dos doentes em suas estadias no hospício, propiciando assim condições dignas para os mesmos. Indivíduos negligenciados, expostos a tratamentos precários, à sujeira, à má alimentação, à terapias violentas, experimentando uma situação desigual por carregarem o estigma da loucura e da pobreza.

Dentro de um estado de exceção, mantido por um sistema que o escritor considerava medieval, por se pautar no sequestro de pessoas desapropriadas de seu status de cidadão, Lima Barreto desenvolveu observações sobre os seus companheiros de hospício – ironicamente, na maioria – e os delírios, muito mais que o aspecto da razão, foram salientados nas passagens do Diário.

Há outro caso de imitação entre loucos: um doente que esteve na minha seção foi transferido para outra e lá espiava o Aristides, que vivia pelas salas e corredores a dizer coisas desconexas, palavões, e repetir, a espaços, a palavra pinacoteca, derivados e ou acompanhadas de outras, que não fazem sentido com ela. Ao imitador não vi, mas fui infirmado por pessoa segura que andava de um lado para outro a dizer: pinacoteca, Piabanha.<sup>238</sup>

<sup>235</sup> *Id., Ibid.*, p. 244.

<sup>236</sup> *Id., Ibid.*, p. 244.

<sup>237</sup> *Id., Ibid.*, p. 248.

<sup>238</sup> *Id., Ibid.*, p. 132.

Retratou manias, falas, delírios, fantasias, brigas, confusões, enfim, os diversos traços dos sujeitos que com ele ocupavam o *cemitério dos vivos*. Para o escritor, havia os loucos clássicos, cujo delírio persecutório e mania de grandeza eram exacerbados; havia os que carregavam na aparência a marca da doença, como os epiléticos e os leprosos; havia os que se manifestavam através de gritos, outros se relegavam ao silêncio sepulcral; havia os que ostentavam genialidade, falando de seus títulos e capacidades. Eram de todos os tipos, de todas as espécies. Maníacos, alcoólatras, imitadores, filões, barulhentos, silenciosos, ricos, pobres, trabalhadores e assassinos, como os muitos militares uxoricidas que ficavam em ala específica, na Seção Nina Rodrigues.

Há alguns que não são aparentemente doentes, mas que em dados momentos se denunciam em contrário. Os epiléticos, os sujeitos a certas manias que têm um delírio de tempos em tempos. Conheço o E.P. ... desde que entrei aqui, como homem polido, de certa educação, serviçal, não aparentando a menor mania, senão a de não sair daqui.<sup>239</sup>

Romanceados, os demais sujeitos diagnosticados como loucos que compartilharam as alas do HNA com Lima Barreto, nos ajudam a alcançar de forma ampla a complexidade que compunha aquele universo, com suas redes de relações próprias, negociatas, regras, recusas, anuências, resistências e submissão, nos fazendo refletir sobre a não linearidade e coerência da loucura e de seus sujeitos, reduzidos muitas vezes à escrita regular dos prontuários, silenciados, postos como o inverso da razão, tendo suas falas anuladas.

Os jornais foram proibidos, mas todos tinham jornais, entre eles o F.P. e o tal engenheiro C...P... Aquele moço bem alto, que não emprestava a ninguém, olhando para mim, ele que não cessa de pedir-me cigarros, fósforos, jornais e até dinheiro eu lhe dei para comprar revista. Contudo, o Gastão dos cigarros guarda um para mim. O maluco é em geral mau e egoísta, especialmente o Porto, cujo delírio é de grandeza. Raro é o liberal e agradecido. Só aqueles que acém em profunda loucura é que perdem o sentimento de propriedade. Descobri quem me furtou o livro. Foi o Gato a quem tratei bem e nunca lhe atirei chufas. Deu-o ao Gastão, que viu meu nome e não mo restituiu. Este G. é um rapazola de que já falei, e não tem nada de louco. Simplesmente sujeito a ataques. A esse tempo, agarrou de aborrecer-me muito, tenho feito muitos obséquios. Este pequeno tem de sair daqui, por força; é muito moço e não tem cura; mas terá um mau destino.<sup>240</sup>

Lima, através de seus escritos produzidos dentro e sobre o hospício, narra as condições de vida, denuncia a superlotação das instituições manicomiais, que mais pareciam “depósitos

---

<sup>239</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 134.

<sup>240</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 135.

de seres sem saída”<sup>241</sup>, associou a loucura à treva e ao horror, aproximou a condição de paciente psiquiátrico à morte e apontou os erros e a barbárie cometidos no espaço asilar.

Todavia, trouxe à superfície insurgências e resistências que não foram sobrepujadas à subserviência e ao medo. Em *Diário do Hospício*, o escritor narra a revolta de um interno ocorrida em 27 de janeiro de 1920, que teve grande destaque nos jornais cariocas da época e que evidencia processos de resistências às condições a quem eram expostos os pacientes no HNA.

Revolta dos presos na casa-forte, às sete horas da noite. Baderna etc. A revolta é capitaneada pelo Duque Estrada, o tal que subiu no telhado. Estão chegando bombeiros e força de polícia. Previ isto. Os revoltosos são vizinhos de quase metade da Seção Pinel. Armaram-se de trancas. Vejo-os cá de cima. O resto da Seção Pinel mantém calma. A nossa está quase sem guardas nem enfermeiros, mas a atitude de todos é de curiosidade. Um acontecimento desses quebra a monotonia e distrai. O Ferraz diz que o Sant’Ana é vítima de inimigos traiçoeiros, por ser mulato. Sant’Ana é um velho empregado das assistência e muito bom para os doentes em geral. Ferraz em seguida, acrescenta que ele é um homem velho, tem quatrocentos e vinte anos, já foi Márcio Neri e outros despautérios que eu não pude guardar; mas pode com eles todos. O que é evidente é que alguém fornece meios e modos ao D.E. para ele fazer esses escândalos todos, no intuito de desacreditar alguma pessoa influente no Hospício ou mesmo toda a diretoria. A rua encheu-se; há um movimento de carros; automóveis com personagens, e força de polícia e bombeiros; há toques de corneta – um aspecto de grosso motim. Consta que ele lançou cimentos e varões de ferro. Já tenho medo de ficar aqui.<sup>242</sup>

O episódio narrado trata da revolta ocorrida em 20 de Janeiro de 1920, organizada por internos da Seção Lombroso do HNA, liderada por Roberto Duque Estrada Godfroy, que, segundo relatos da época, teria ocorrido como forma de protesto aos abusos que os pacientes experimentavam na instituição.

Hoje, o D.E. ..., sobrinho de um funcionário daqui, embriagou-se e, no furor alcoólico, conseguiu subir até o telhado de uma dependência do Hospício e de lá, prorrompendo nos maiores impropérios, pôs-se nu em pelo, enquanto bebia aguardente. Na hora do café, lá estavam os caibras ou coisa parecida. Alguns têm um ar bom e modesto; mas outros têm a *morgue* de estudantes. Eu já tive.<sup>243</sup>

A revolta teria sido iniciada por Estrada, alcoolista crônico, que contava com 14 passagens pelo HNA e várias reclusões em outras instituições correcionais por conta de

<sup>241</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo*: Juquery, a história de um asilo. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>242</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos*. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 133.

<sup>243</sup> *Id.*, *Ibid.*, p.120.

agressões, capoeiragem e outros delitos, realizados pela influência direta do álcool.<sup>244</sup> O acontecimento se deu após o interno arrombar a casa-forte onde estava preso com o auxílio de outros dois internos, que empilharam e queimaram colchões, jogaram objetos de louças e pedaços de mesas e de cadeiras sobre guardas, enfermeiros, estudantes de medicina e médicos que tentavam impedir a ação dos mesmos. A polícia e o corpo de bombeiros foram acionados a mando de Juliano Moreira – diretor do HNA – para conter a ação dos internos tidos como revoltosos, segundo nos aponta Magali Engel.

O episódio foi noticiado pelos jornais cariocas de forma minuciosa e sensacionalista. Apesar de terem denunciado os desmandos e os problemas da instituição, como a falta de pessoal e o aumento significativo do número de doentes, os periódicos deram ênfase à ação “anárquica” e imprudente do bêbado Estrada e de seus companheiros.

O testemunho do escritor e paciente psiquiátrico Lima Barreto, assim, nos possibilita alcançar e refletir sobre a experiência da loucura sob a perspectiva daquele que a sofreu, elucidando processos particulares transformados em prontuários que se delineavam a partir de uma escrita regular e de histórias repetidas, constituídas na fala de médicos que anulavam os sujeitos, seus rostos e suas falas. Como alternativa política, moral e social, a medicina psiquiátrica, aderida substancialmente no projeto republicano no começo do século XX, dedicou-se, a partir de procedimentos excludentes e discriminatórios, a consertar os indesejáveis, transformando o “louco” em seu parceiro subordinado, uma vez que a voz do louco era suprimida pela voz do saber e da razão, numa empreitada subsidiada por toda sociedade. Realidade cotidiana experimentada e significada dentro de mecanismos de controle, mas com tons e ações de insurgências, rompendo com a perspectiva mecânica e automatizada impostas pelas relações de poder e de obediência entre médicos e pacientes, observada e contada pelo escritor que ao escrever sobre si, deixou escapar percepções urgentes sobre o universo da loucura.

---

<sup>244</sup> Cf. Processo Roberto Duque Estrada Godfroy, T8.4064, cx.2249, 1911, AN. Os depoimentos prestados pelas testemunhas na delegacia foram alterados posteriormente. José da Silva Pereira, por exemplo, afirmara na delegacia que prendera em flagrante o acusado, por ter o mesmo agredido a bofetadas o guarda civil Antônio M. da Silva Neto. Na audiência realizada em 25/05/1911 na 11ª Pretoria, a mesma testemunha afirmou “que o acusado... estava um pouco embriagado, e que conheceu o acusado há pouco tempo... mas que por várias pessoas soube que o acusado não é desordeiro e que pertence a uma família importante”. Segundo a folha de antecedentes fornecida pelo Gabinete de Identificação e de Estatística ao delegado do 17º DP em 1º de agosto de 1911, Roberto tinha tido, até então, duas entradas na Casa de Detenção: a primeira em 21/10/1908 (motivo da prisão: Art. 399; condenado) e a segunda em 19/01/1911 (motivo da prisão: ?; absolvido). Apud ENGEL, Magali Gouveia. **Os Delírios da Razão**. Médicos, loucos e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001. p. 300.

### 3-2 A escrita de si de Lima Barreto

Não admitimos que se freie o livre desenvolvimento de um delírio, tão legítimo e lógico quanto qualquer outra seqüência de idéias e atos humanos. A repressão dos atos anti-sociais é tão ilusória quanto inaceitável no seu fundamento. Todos os atos individuais são anti-sociais. Os loucos são as vítimas individuais por excelência da ditadura social; em nome dessa individualidade intrínseca ao homem, exigimos que sejam soltos esses encarcerados da sensibilidade, pois não está ao alcance das leis prender todos os homens que pensam e agem.<sup>245</sup>

A escrita de si de Lima Barreto realizada na condição de interno do Hospício Nacional de Alienados do Rio de Janeiro no início do século XX, nos expõe confissões constituídas pelo movimento de seus pensamentos e de suas memórias acerca do cotidiano imposto pela rotina manicomial. Através do relato de si, Lima elucida a legitimidade e a consistência das ideias que partem de sujeitos que tiveram sua razão expropriada, suas ações compreendidas como antissociais, postos à margem por não desempenharem com excelência as leis e os padrões sociais, relegados do mundo social e à austeridade do hospício, apartados do social por delírios e vícios projetados pela incontestável psiquiatria, condenados ao encarceramento não só de seus corpos, mas de seus pensamentos e ações, algo afirmado por Antonin Artaud – paciente psiquiátrico sob diagnóstico de esquizofrenia – em sua carta destinada aos médicos-chefes dos manicômios, escrita em 1925.

A escrita de si do *Diário do Hospício*, assinada pelo escritor carioca, destina-se, sobretudo, à crítica ao hospício e à psiquiatria da Primeira República brasileira, assinalados pela sociedade racista, excludente e determinadora do que era ou não normal. É um acerto de contas entre o intelectual transformado em louco e o social que o internou e o estigmatizou.

O diário composto de memórias por vezes dispersas, por vezes precisas, apresenta o hospício com sua hierarquia, cotidiano, médicos, pacientes e funcionários, sob a voz do escritor e paciente, que, inserido naquele contexto, desenvolve uma autoconfissão de sua experiência.

A internação à sua revelia, a crítica voraz ao social, os fracassos, as incertezas, os conflitos familiares, as crises existenciais, as análises acerca da loucura e de sua origem, a insatisfação com o sistema que o cercava, cheio de hipocrisias, desigualdades e injustiças, constituem as páginas escritas na Seção Calmeil em papéis avulsos, rasurados e

---

<sup>245</sup> ARTAUD, Antonin. Carta aos Médicos-Chefes de Manicômios. In: **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre, L & PM Editores, 1983. p. 30.

reaproveitados, em um meio em que uma simples folha de papel ganhava ares de excepcionalidade.

As primeiras anotações resvalam no trauma e na sensação de injustiça causados pela internação forçada e o choque daquela experiência vai ganhando tons de desabafos expressos na escrita de si produzida em uma situação limite, vivenciada no caos do cemitério dos vivos. Ali, o escritor buscou resistir à desconstrução de si imposta pela instituição que padronizava e não dialogava com a heterogeneidade dos sujeitos, preservando o seu eu, pronunciando algo indizível ao universo da loucura através da sua fala, a fala de um “louco”.

A escrita autobiográfica, como a desenvolvida por Lima Barreto dentro dos domínios de Juliano Moreira, relaciona-se diretamente com a memória. A lembrança é transformada em narrativa, e o escritor relata a própria experiência, selecionando memórias, utilizando a imaginação e o olhar individual acerca dos acontecimentos que perpassam sua vida dentro e fora do hospício. As lembranças transformadas em memórias são estruturadas a partir do tempo presente que é essencial para a escolha do que se vai escrever e falar sobre o que foi vivido. Assim, podemos pensar numa renegociação e reinvenção da experiência relatada através de livros, diários e cartas, segundo nos diz Angela de Casto Gomes em, *Escrita de si, escrita da história*.

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e dos diários –, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções. É o caso das fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório etc. em um “teatro da memória”. Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializem a história do indivíduo e dos grupos a que pertence. Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionando com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas.<sup>246</sup>

Ao nos debruçarmos sobre o *Diário do Hospício*, investigando o aspecto social da loucura e a experiência manicomial de Lima Barreto, nos deparamos com a relação entre o texto (documento) e o autor, e percebemos a escrita de si ordenando, rearranjando e significando o trajeto daquela experiência, transformada em um texto constituído pela voz do autor. Todavia, essa fala não é necessariamente a representação do todo daquele que escreve, numa busca em materializar uma identidade para si. Nem tão pouco essa escrita criará o

<sup>246</sup> GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2004. p.11.

sujeito que aparecerá no texto, uma vez que o sujeito é anterior à escrita, não é objeto nem resultado da mesma. Simultaneamente, autor e texto se criam.

Lima Barreto edita sua experiência manicomial sem apartá-la de sua vida fora dos muros do manicômio e das questões de cunho coletivo que o tocavam. Selecionou e construiu significados para as memórias que perpassavam a si próprio e aos demais sujeitos que ali estavam, numa tentativa de não ser sujeito passivo naquele lugar. Utilizou a escrita como forma de autoconhecimento, militância, fuga da realidade opressora, resistência, catarse e como forma de pôr para fora a sua longa relação com a loucura. Afirmou, em entrevista concedida de dentro do hospício ao Jornal *A Folha*, o seu interesse em transformar aqueles rascunhos em um livro sobre a vida no hospício, expondo queixas e denunciando a penúria das condições a que são expostos os sujeitos tidos como loucos.

*Então, Lima, que é isso?*

–É verdade. Meteram-me aqui para descansar um pouco. E eu aqui estou satisfeito, pronto a voltar ao mundo.

– *Boa, então, esta vidinha?*

– Boa, propriamente, não direi; mas, afinal, a maior, senão a única ventura, consiste na liberdade; o Hospício é uma prisão como outra qualquer, com grades e guardas severos que mal nos permitem chegar à janela. Para mim, porém, tem sido útil a estadia nos domínios do senhor Juliano Moreira. Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia *O cemitério dos vivos*. Nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis. Tenho visto coisas interessantíssimas.<sup>247</sup>

Os manuscritos de *Diário do Hospício*, pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional, demonstram a tentativa por parte do escritor em organizar ideias e sensações experimentadas, além da busca em arquivar para si próprio os dias vividos no Hospício Nacional de Alienados.

Estudar a constituição pessoal de arquivos de vida é nesse sentido exumar as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e manipuladora dos grupos ou dos indivíduos presos doravante nas malhas da vigilância. A rede de uma antidisciplina.<sup>248</sup>

<sup>247</sup> Entrevista concedida dentro do Hospício Nacional de Alienados ao Jornal *A Folha* em 31 de janeiro de 1920. BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 295.

<sup>248</sup> M.de Lescure. Les autografes et Le goût des autographes em France et à Petranjer. Portaits, caracteres, anecdotes, curiosités. Paris, J.Gay Éditeur, 1965. Apud ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Arquivos pessoais, **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 20 abr. 2011. p. 10.

Páginas enumeradas que indicam a busca pelo domínio do tempo para ordenar a própria vida e, mesmo quando o caráter descontínuo aparece na composição do diário, o escritor busca não negligenciar a ordem temporal dos acontecimentos, rasurando e enumerando as páginas numa sequência lógica. Escrito sob urgência, em condições materiais precárias, sob vigilância e angústias, rompendo com a escrita oficial da instituição que detinha a fala sobre a loucura, o diário nos faz pensar na escrita como parte fundamental do cotidiano do paciente Lima Barreto, que organizou os desabafos íntimos fora dos domínios da loucura, transformando-se em personagem do romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*.

Voltei do café entediado. Um vago desejo de morte, de aniquilamento. Via minha vida esgotar-se, sem fulgor, e toda a minha canseira feitas, às guinadas. Eu quisera a resplandecência da glória e vivia ameaçado de acabar numa turva, polar loucura. Polar porque me parecia que nenhuma afeição me aquecia, e turva, pois eu não via, não compreendia nada em torno de mim. Eu me comparava a um explorador das regiões árticas, que tivesse durante anos atravessado florestas lindas, cascatas, céus epinícios, lagos de anil, mares de esmeraldas, nessas paisagens mais belas da terra, as suas servências mais majestosas, e se houvesse de *motu proprio* atirado às *banquises* do polo e de deixasse mergulhar na sua noite imensa que, para meu caso, era infinita.<sup>249</sup>

Os acontecimentos minúsculos e cotidianos ganharam forma a partir da lógica estabelecida pela constituição pessoal do escritor que concatenou e resignificou os fatos, transformando-os em narrativa, como maneira, supomos, de dar a sua própria versão sobre a vivência em um hospício, rebatendo as injunções sociais e da sociedade que lá o confinou.

Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.<sup>250</sup>

O Jornal *A folha* do Rio de Janeiro, em 31 de janeiro de 1920, ao entrevistar o escritor dentro do hospício, fez um apanhado dos motivos que o levaram para lá, corrobora com sua lucidez e enaltece sua alta produtividade, mesmo estando adoecido e internado. Assim, ressaltamos a capacidade produtiva do escritor que, assim como outros sujeitos, foi

---

<sup>249</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 96.

<sup>250</sup> M.de Lescure. *Les autografes et Le goût des autographes* em France et à Petrananger. Portaits, caracteres, anecdotes, curiosités. Paris, J.Gay Éditeur, 1965. Apud ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Arquivos pessoais, **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 20 abr. 2011. p. 10.

transformado em incapaz e qualificado como improdutivo por beber e por ser diagnosticado dentro da lógica de doença mental.

Lima Barreto, o romancista admirável de Isaías Caminha, está no Hospício. Boêmio incorrigível, os desregramentos de vida abateram-lhe o ânimo de tal forma, que se viu obrigado a ir passar uns dias na Praia da Saudade, diante do mar, respirando o ar puro desse recanto ameno da cidade. Lá está seguramente há um mês. É verdade que não está maluco, como a princípio se poderá cuidar; apenas um pouco excitado e combalido. O seu espírito está perfeitamente lúcido, e a prova disso é que Lima Barreto, apesar do ambiente ser mui pouco propício, tem escrito muito. Ainda há dias, numa rápida visita que lhe fizemos, tivemos ocasião de verificar a sua boa disposição e de ouvi-lo sobre os planos de trabalho que está construindo mentalmente, para realizar depois de se libertar das grades do manicômio.<sup>251</sup>

Buscando preservar sua identidade e sanidade, o escritor salienta o desejo de ter as notas íntimas lidas, expõe a expectativa de ser compreendido por aqueles que o lerão. Negando a condição de resíduo social, rompe com o recôndito e contribui para se pensar acerca do universo da loucura, além de denunciar as humilhações e a indignação sentidas em consequência da internação.

Compilou e conservou o dia-a-dia do espaço asilar, que, segundo ele, estava pautado em convenções, normas e preconceitos da sociedade extra-muros. Isolado, porém, integrante da realidade em que vivia, Lima utilizou a escrita de si como um meio libertador para expor sua verdade. Estampou o seu deslocamento dentro e fora do espaço asilar e assinalou como é viver sob regime de vigilância, onde a vida é controlada por horários, a privacidade é extinta e a convivência com outros sujeitos é imposta. Declara que a escrita sobre a loucura não é unicamente de sua autoria e que os muitos sujeitos com quem conviveu e observou a integram substancialmente.

Até bem pouco, quase nada me preocupava com tais questões, tinha-as por insolúveis, e tomar tempo com o querer resolvê-las era trabalho perdido. Entretanto, os transtornos e as dores da minha vida doméstica tinham-me levado às vezes a pensar nelas. Procurei estabelecer, para meu uso particular, uma teoria que, forçosamente, me saiu por demais simplista, a fim de explicar a nossa existência e a do mundo, assim como as relações entre os dois. Não tinha chegado ao mistério, ao espesso mistério impenetrável, em nós e fora de nós. Isto que escrevo, agora, aqui não será propriamente muito meu; mas o germen que havia em mim não fez mais que se desenvolver mais tarde, com o adubo das ideias dos outros.<sup>252</sup>

<sup>251</sup> Entrevista concedida ao jornal A folha. Rio de Janeiro. 1920. Biblioteca Nacional. Ver BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 294.

<sup>252</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O cemitério dos vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 187.

A vida individual narrada é vista como significativa por acentuar a memória de si e dos outros, algo que transforma o diário em relevante documento para se investigar a história da loucura e de seus sujeitos. Além da instabilidade da realidade experimentada por cada sujeito, a subjetividade que compõe integralmente as memórias dos mesmos é vista como de grande valia, compreendida como documento histórico que decorre de uma nova concepção de verdade, onde a sinceridade do autor não é uma premissa, e o que verdadeiramente aconteceu não é o que deve ser buscado nas escritas autobiográficas e biográficas.

Ao pensar na formulação da escrita de si, o tempo é aspecto central. Tempo esse, fragmentado, que possui amplas possibilidades, que propicia escolhas e que é vivenciado de maneira singular por cada sujeito. Assim como a memória e os indivíduos em uma sociedade moderna, o tempo torna-se múltiplo, fragmentado, diferenciado, e não deve ser visto sob uma ótica evolucionista, linear e progressista.

Ao investigarmos a escrita de si de Lima Barreto, consideramos a produção textual como parte da produção cultural e material de sua época. Além da questão da materialidade do objeto, é necessário olharmos para a tentativa de domínio do tempo através desse tipo de escrita, tendo em vista que algumas situações estimulam tal prática, seja através de diários, cartas ou memórias. Escolhemos momentos específicos de nossas vidas para relatar: viagens, experiências amorosas, militância, dedicação ao trabalho, reclusões em hospícios e prisões. Momentos que compreendemos como excepcionais e que merecem ser registrados. A escrita de si pode ser pensada como uma ato terapêutico e/ou catártico para quem escreve e para quem lê, segundo nos aponta Angela de Castro Gomes, em *Escrita de si, escrita da história*. Esses registros podem nos fazer compreender experiências de vida de um determinado tempo, lugar, culturas de uma época e relações sociais.

O mal estar sentido é descrito, a inadaptação é confessada e o sofrimento causado pela incompreensão o acompanha cotidianamente. Reclama a falta de reconhecimento, relata a ausência inócua e delirante de seus companheiros de infortúnio, observados e esboçados em seus escritos manicomiais, dando rosto, singularidade e voz a esses sujeitos negligenciados e não ouvidos, condenados ao mutismo pela psiquiatria que transformou suas falas em sintomas.

Cá estou na seção Calmeil há oito dias. Raro é o seu hóspede com quem se pode travar uma palestra sem jogar o disparate. Ressinto-me muito disto, pois gosto de conversar e pilheriar; e sei conversar com toda a gente, mas, com esses que deliram, outros a quem a moléstia faz tatibitate, outros que se fizeram mudos e não há nada que os faça fala, outros que interpretam as nossas palavras de um modo inesperado e hostil, o melhor é calar-se, pouco dizer, mergulhar na leitura, no cigarro que é a paixão, a mania de todo nós,

internados, e o possuí-los em abundância é um perigo que se corre e só pode ser evitado pela astúcia ou pela energia.<sup>253</sup>

Os detalhes da instituição vem à tona, perpassando desde a arquitetura aos livros que compunham as prateleiras da biblioteca da Seção Calmeil. A mudez dos internos, o ruído dos delírios, o olhar de cima para baixo dos médicos, a prisão, os sonhos, o tempo demarcado por atividades elementares, as manias de grandeza e persecutórias, o desatino, a vergonha causada pelo estigma da loucura, ressoam nas páginas do diário.

Em tal estado de espírito, penetrado de um profundo niilismo intelectual, foi que penetrei no Hospício, pela primeira vez; e o grosso espetáculo doloroso da loucura mais arraigou no espírito essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espantar ou reduzir. Entretanto, pareceu-me que ver a vida assim era vê-la bela, pois acreditei que só a tristeza, só o sofrimento, só a dor faziam com que nós nos comunicássemos com o Logos, com a Origem das Coisas e de lá trouxéssemos alguma coisa transcendente e divina. Shelley, se bem me recordo já dizia: “os nossos mais belos cantos são aqueles que falam em pensamentos tristes”.<sup>254</sup>

Guardar memórias de si revela um intenção autobiográfica. Dentro de um processo objetivo, Lima Barreto, sujeito à condição de paciente psiquiátrico, deu vazão às suas memórias traumáticas e às críticas ao sistema psiquiátrico, através de um processo de subjetivação e de confissão. Arquivou sua vida manicomial, ordenando-a posteriormente em forma de narrativa, contrapondo a imagem que o hospício, o alcoolismo e a loucura tentaram lhe impor: louco. Percebemos, com isso, a escrita de si como uma construção que resvala em resistência, como tentativa de se auto preservar, de proteger o escritor que não queria ter sua voz confundida com a linguagem delirante do hospício e como meio de denúncia do grande crítico social que era.

Chamaram-me à noite e, de pé, no corredor para onde se abria a porta da seção, falei com meu sobrinho. Não tive aborrecimento algum, eu tinha convicção da minha manifestação de loucura. “O” que me amedrontava era a seção. Não os loucos propriamente, mas do que o seu aspecto geral me trazia ao pensamento. Trouxe-me cigarros e eu só lhe reclamei a saída da seção, fosse como fosse. De tanto pensar meu destino, entrelaçado com o daqueles que me eram companheiros, eu me apavorava mais do que se tivesse no Inferno, perseguindo por mil diabos.<sup>255</sup>

Destinos entrelaçados, vidas partilhadas e a experiência da exclusão transcritas a partir da constituição íntima do escritor, que, ao escrever sobre si, trouxe à superfície o universo do

---

<sup>253</sup> *Id., Ibid.*, p. 58.

<sup>254</sup> *Id., Ibid.*, p. 189.

<sup>255</sup> *Id., Ibid.*, p. 216.

hospício, sublinhando o valor social desse tipo de arquivo, uma vez que arquivar a própria vida faz emergir memórias com indivíduos, tempos e conteúdos múltiplos e diferenciados.

Diário do Hospício escrito em 1920 durante a segunda internação do escritor, é composto por dez capítulos organizados cronologicamente e sequenciados de tal forma: *O pavilhão e a pinel, Na Calmeil, A minha bebedeira e a minha loucura, Alguns doentes, Guardas e Enfermeiros*. Os capítulos VII, VIII, IX não foram intitulados e o capítulo X não foi numerado e conta com fragmentos e anotações dispersas. A escrita data de 04 de janeiro de 1920 a 28 de janeiro de 1920, e abarca não só questões inerentes ao espaço asilar, trazendo questões que dão conta da existência de Lima até aquele momento. Sua alta foi concedida uma semana depois em 04 de fevereiro de 1920.

Suas memórias vão desde a entrada forçada até aspectos íntimos de outros pacientes observados por ele. Justifica objetivamente o motivo de ter sido levado novamente ao hospício, mas não aceita a forma como o processo se deu: à sua revelia. Rejeita a Ala de Observação que o abrigou nos primeiros dias, trancafiado num quarto-forte que não comportava o número de indivíduos que lá estavam. As negociatas estabelecidas para manter coisas mínimas, mas que lá dentro ganhavam tons de regalias, como o acesso à biblioteca, são desvendadas, além das queixas acerca da dificuldade de ficar sozinho, de preservar objetos pessoais, como livros e cigarros, e de realizar atividades aprazíveis que ajudassem o tempo a passar.

Ao explicar ao jornal *A Folha* a sua ida ao hospício, o escritor afirma:

*Mas, afinal, como vieste para aqui?*

–Muito simplesmente. Estando um pouco excitado, é natural, por certos abusos, resolveu meu irmão que eu necessitava descanso. E, um belo dia, meteu-me num carro e abalou comigo para cá. Quando verifiquei onde estava, fiquei indignado. Essa indignação, pareceu, então aos homens daqui acesso furioso de loucura e seu amigo foi, sem mais formalidades, trancafiado num quarto-forte. Aí é que presenciei as cenas mais engraçadas entre todas as que já me têm sido dado ver. Éramos quatro dentro de um espaço que mal chegava para um homem se mover com certa liberdade. Um preto epilético, que tinha mania de ser mudo, um português, coitado, que resolveu ser cavalo de tálburi e eu. Logo que entrei, compreendi o perigo da minha situação e procurei me colocar num canto, bem cosido à parede, para evitar pontapés, que, à guisa de coices, dava o suposto cavalo de tálburi. O preto epilético, porém, veio em meu auxílio...<sup>256</sup>

---

<sup>256</sup> Entrevista concedida ao jornal *A folha*. Rio de Janeiro. 1920. Biblioteca Nacional. Ver BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 295.

Manifestou o desejo de não ser reconhecido ali dentro para que assim pudesse observar e denunciar sem contratempos, e a partir do seu olhar, como se dava o tratamento aos loucos pobres e sem apadrinhamento nas instituições manicomiais do país. Chegou a confessar que foi beneficiado, ao ser transferido da seção de indigentes para a seção dos pensionistas, por conta de seu pai, que trabalhou por anos na Colônia de Alienados da Ilha do Governador, sendo figura conhecida no meio manicomial.

*–Mas não te reconheceu ninguém?*

–Até então, não. Nem eu fiz por isso. Queria, ao contrário, passar despercebido, para observar melhor e mesmo para verificar, por experiência própria, a maneira como eram tratados os loucos desprotegidos e sem dinheiro – que no Hospício também predomina o “pistolão”, é preciso que se note. Logo que me soltaram, entretanto, deram-me uma vassoura e mandaram-me varrer o Pavilhão de Observação e, depois, o parque. E, passivamente me submeti e dei conta do serviço. Foi quando terminava de varrer o parque, que um pensionista me reconheceu e denunciou. No dia seguinte me visitava o meu amigo Humberto Gotuzzo e me fazia transferir para a seção em que eu até agora estou.<sup>257</sup>

E ao ser interpelado sobre seus companheiros de hospício, desconstrói a imagem da violência impregnada nos sujeitos que recebem o estigma de louco, dando nota sobre os vários aspectos que os compunham:

*–É a companhia, que tal?*

–Boa. Onde estou só há inofensivos, malucos mansos ou menos suspeitos, como eu. Não fazem mal a ninguém, nem se preocupam uns com a vida dos outros. Há uns “cacetes” conservadores ou pedinchões. Querem penas, papel, cigarros– enfim, os “filantes” que existem lá fora, existem também aqui dentro. Mas são mansos e não fazem mal a ninguém. Pode-se viver perfeitamente no meio deles.

*–Cita aí alguns tipos interessantes dos que observaste. A título de curiosidade...*

–Isso não. Se eu os citar, o livro perderá todo o interesse. Essas coisas valem, sobretudo, pela novidade. O que posso assegurar, no entanto, é que há uns esplêndidos, melhores ainda do que o tal “cavalo de tálburi”.<sup>258</sup>

Lima informou ao jornal que o diário seria transformado em livro, trazendo os sujeitos observados por ele para compor sua obra autobiográfica. Por meio da observância da loucura a partir dos sujeitos que a vivenciaram, entendemos como salutar a compreensão de seus dilemas, da inserção no espaço manicomial, dos usos feitos dos mecanismos sociais

---

<sup>257</sup> *Id., Ibid.*, p. 296

<sup>258</sup> *Id., Ibid.*, p.258.

estabelecidos na instituição total, alcançando os significados dados por ele àquele meio e as relações que se construíram.

Assim, ao estudarmos esses processos, não pretendemos dissecar a vida dos sujeitos narrados por Lima, nem tão pouco acreditar que sua análise dará conta de todos os aspectos que perpassam o hospício. No entanto, compreendemos que, ao relacionar sua própria vida com as experiências alheias, cruzando-as com o seu mal estar pessoal, o escritor nos permite alcançar tempos compostos, debates e reflexões acerca de processos, e não o sentido real/verdadeiro do vivido no cemitério dos vivos.

Trata-se, pois, de uma priorização da ótica do escritor acerca da experiência social da loucura, assumida pelo registro produzido dentro do manicômio, em que o diário não trata de dizer o que houve e nem apresenta a ampla apreensão do todo social asilar, revelando apenas o que Lima afirmou que viu, sentiu e experimentou.

Poderia alongar-me mais na descrição dos doentes que me cercam. Mas a loucura tem tantos pontos de contato de um indivíduo para outro, que seria arriscar tornar-me fastidioso se quisesse descrever muitos doentes. Há uma grande parte que se condenam a um mutismo eterno. Como descrever estes? Estes silenciosos são bizarros.<sup>259</sup>

Ao escrever sobre si, Lima Barreto arquivou o seu eu, organizou seu próprio processo e reuniu versões da vida de outros indivíduos que também experimentaram a loucura e o hospício, mostrando que tal prática é plural, infundável e coletiva.

O diário fazia parte do projeto *O cemitério dos vivos*, romance inacabado de 1921, pensado pelo escritor durante sua internação no Hospício de Alienados do Rio de Janeiro, algo revelado ao jornal *A folha* de 31 de janeiro de 1920.

*E quando pensas lançar O cemitério dos vivos?*

– Não sei. Agora só falta escrever, meter em forma as observações reunidas. Esse trabalho pretende encetar logo que saia daqui, porque aqui não tenho as comodidades que são de desejar para a feitura de uma obra dessa natureza.

*E Lima Barreto, sorrindo, arrancou do bolso um pedaço de papel:*

–Estás vendo? São uns tipos que acabo de jogar.<sup>260</sup>

<sup>259</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 78.

<sup>260</sup> Entrevista concedida ao jornal *A folha*. Rio de Janeiro. 1920. Biblioteca Nacional. Ver BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O cemitério dos vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 295.

O manuscrito de *O cemitério dos vivos*<sup>261</sup>, produzido em melhores condições que o diário, escrito em papel pautado e à tinta preta, encontra-se na Seção de manuscritos da Biblioteca Nacional no acervo chamado Coleção Lima Barreto. O documento apresenta caligrafia ruim, que dificulta a interpretação, além de uma estranha numeração estabelecida pelo escritor na tentativa de não perder as sequências dos fatos reavivados a partir de suas memórias.

A primeira publicação do diário em formato de romance foi na Revista Souza Cruz de número 49, em Janeiro de 1921, com o primeiro capítulo do livro, intitulado “As origens”. O manuscrito referente à publicação na Revista Souza Cruz foi perdido<sup>262</sup>

A obra narra em chave ficcional a experiência da loucura presente no diário e delinea a vida de Vicente Mascarenhas<sup>263</sup>, personagem fictício que confunde-se com o próprio escritor e, assim, torna-se o seu próprio biógrafo ao relatar sua trajetória como paciente psiquiátrico.

O livro esboça a tragédia pessoal e familiar do personagem, alternadas por suas memórias do hospício, apontando as lembranças de dentro e de fora, revelando insatisfações em relação a seu meio social e a exclusão vivenciadas por Mascarenhas, que é narrador e personagem principal da obra. A rebeldia intelectual somada aos dissabores causados pelo confinamento no manicômio e pelo controle exercido pela psiquiatria, revela-se como ponto alto da narrativa, que abre espaço para que seja conhecido o mundo dos loucos com suas injustiças, opressões e resistências, pela voz de um “louco”.

Lima Barreto, que se autobiografou num ambiente traumático, nos apresenta uma escrita não linear e heterogênea, no sentido das intenções e ações dos sujeitos narrados, incluindo ele próprio. A escrita de si, constituída por silêncios, meditações, memorizações, julgamentos, resistências e autocríticas, nos revela as tensões existentes entre os indivíduos e a estrutura social do hospício, nos levando a pensar o processo e o sujeito, uma vez que se estabelece uma relação dialética entre o sujeito e o seu meio.

Segundo Levi, a biografia constitui, na verdade, o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia. Essa influência suscitou problemas, sobretudo em relação aos documentos, uma vez que perceber

---

<sup>261</sup> Até o momento da publicação do primeiro capítulo na revista Souza Cruz, havia uma imprecisão acerca do nome que levaria o romance, algo suscitado na carta do editor e amigo Francisco Schettino: *Que mais tens a dizer-me meu caro Lima, além das tropéias do teu Sepulcro dos vivos, se é assim que vai denominar teu novo livro.*

<sup>262</sup> Informação obtida na Biblioteca Nacional, instituição responsável pelo resguardo do acervo do escritor.

<sup>263</sup> Vale ressaltar que o nome do protagonista do romance Vicente Mascarenhas, corresponde ao nome da rua em que Lima Barreto morava na época. Rua Major Mascarenhas.

através dos documentos os pensamentos acerca do cotidiano, as incertezas, os medos, as angústias, as resistências e a própria identidade dos sujeitos, que é fragmentada e dinâmica, se apresenta como um grande desafio, em que não devemos nos prender a esquemas comportamentais e psicológicos.

Ao analisarmos a escrita de si, temos em mente o caráter fragmentário da identidade de Lima Barreto, a impossibilidade de apreender o seu todo essencial, a percepção de que as normas do meio social a qual estava inserido são incoerentes. Através dos atos narrados pelo escritor, alcançamos a maneira como ele dotava de significados o mundo que o rodeava e como relacionava sua vida ao mundo que experimentava.

Com isso, podemos pensar na forte relação entre biografia e contexto, levantada por Levi, que afirma que a biografia é uma importante ferramenta para se mostrar as incoerências dos sistemas de normas e sua efetiva funcionalidade, uma vez que os usos feitos pelos sujeitos são diversos.<sup>264</sup>

Angela de Casto Gomes nos diz, em *Escrita de si, escrita da história*, que, ao desenvolver práticas culturais como as práticas de produção de si, o indivíduo moderno constrói uma identidade para si através desses documentos. E, mesmo que a prática de escrever sobre a vida de alguém ou sobre a própria vida, seja algo muito antigo, hoje seus significados ganharam novos contornos devido à constituição do individualismo moderno. Ao postular uma identidade para si no interior do todo social, o sujeito afirma-se como parte dos valores desse meio, mas também rejeita parte das normas empreendidas.

A biografia, estrutura oriunda da tradição literária, ao ser incorporada ao campo da historiografia, aderiu alguns pressupostos que a diferencia da maneira utilizada pela literatura, tendo em vista que a ficção apresenta-se de maneira problemática à história por questões metodológicas. A história, por sua vez, pretende alcançar tanto a complexidade do sujeito quanto a de seu contexto. Esses aspectos são compreendidos como cruciais para se relatar de maneira coerente uma vida, elucidando as experiências e os conflitos que compõem a trajetória investigada.

Além disso, devemos ter como premissa que o indivíduo é singular em relação aos outros e múltiplo em relação aos seus papéis sociais e desejos.

Assim, os tempos modernos são de consagração do lugar do indivíduo na sociedade, quer como uma unidade coerente que postula identidade para si,

---

<sup>264</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

quer como uma multiplicidade que se fragmenta socialmente, exprimindo identidades parciais e nem sempre harmônicas.<sup>265</sup>

As questões que envolvem o individualismo moderno, que Angela de Castro Gomes analisa, são fundamentais para o entendimento das produções de si, pois, alterada a ideia de indivíduo, outros aspectos se transformaram, tais como: a noção de memória, de documento, de verdade, tempo e história.

Pierre Bourdieu fala em “ilusão biográfica” para elucidar o engano de se buscar linearidade e coerência nos indivíduos e ressalta a fragmentação e a incompletude das experiências humanas. Ou seja, ao tentar “fabricar” uma vida, nos vemos diante de sujeitos unos e múltiplos ao mesmo tempo, com temporalidades diversas.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.<sup>266</sup>

Em suma, ao pesarmos a escrita autobiográfica de Lima Barreto, não afirmamos estar diante do que realmente aconteceu, mas a entendemos como o registro de uma época e como uma voz que irrompe no silêncio imposto aos pacientes psiquiátricos. A incompletude e fragmentação do *Diário do Hospício* são aqui consideradas e estruturam nossa análise, uma vez que não buscamos coerência em seu relato sobre a experiência manicomial.

A apreensão do contexto vivenciado pelo escritor é essencial para a nossa compreensão acerca do seu deslocamento nos diversos campos sociais que ocupava, além de suas redes de relações e de significados. Todavia, temos em vista que os sujeitos não cumprem destinos. Eles alteram seus contextos e são alterados pelos mesmos.

Lima Barreto fez da escrita do diário um exercício de reação a sua internação forçada, essa que reúne fragmentos de um sujeito desapropriado de cidadania e de liberdade, exposto à convivência de outros indivíduos que também lidavam com o peso da loucura, cada qual a seu modo. Percebemos a escrita produzida dentro do cárcere como uma saída ao hospício, como forma de alcançar certa particularidade em um lugar que impõe o coletivo e como tentativa de se livrar da não lucidez.

O mundo do hospício é retalhado, o poder da psiquiatria questionado e a sociedade com suas leis, proibições e punições é denunciada a partir das memórias copiladas no diário,

<sup>265</sup> GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2004. p.12.

<sup>266</sup> BOURDIER. Pierre. A ilusão biográfica. Paris: 1986. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1986. p. 185.

posteriormente transformado em romance, destinado ao leitor que passaria a ser testemunha da experiência do escritor no cemitério dos vivos. Seus pensamentos íntimos estimulados pelo isolamento social imposto pela reclusão do manicômio, que resultam no diário, formam uma espécie de liberdade não deliberada pela psiquiatria que concentrava toda autoridade naquele universo.

No epicentro da escrita de si está a descrição do espaço asilar, a análise e questionamento das teorias psiquiátricas, a rejeição à instituição, a imobilidade social, os privilégios garantidos dentro de hierarquia social executada no hospício e a sensação de rebaixamento moral e de desgraça impostas aos tidos como loucos.

A escrita de si é atravessada pelo complexo social e racial enfrentados durante toda vida, pela sensação de atipicidade de um lúcido em meio a delirantes, pela luta para provar que sua mente e razão permaneciam incólume e pela busca em não ser sobrepujado pela loucura e hospício.

Dificuldades são sentidas ao investigarmos as práticas de arquivamento de uma vida, uma vez que tal prática não é neutra e nela camufla-se intenções e desejos muitas vezes inalcançáveis do indivíduo estudado. Lima Barreto narrou-se na busca de se fazer ver como ele se via, expressando como desejava ser visto, na tentativa de refutar a imagem forjada do louco e do refugio social que carregava.

A escrita de si de Lima Barreto sobre sua experiência manicomial traz nela uma função pública, apesar de ser uma prática íntima, ao testemunhar o mundo intramuros da maior instituição psiquiátrica do país no começo do século XX. Composta por fatores pessoais, mas atravessada por toda ambiência social que compunha a Primeira República, a escrita autobiográfica do escritor abrigou e compôs um trajeto de sua vida no suporte textual, fazendo surgir entre anedotas, ironias, reivindicações, dores e revoltas, processos caros e urgentes à compreensão da experiência social da loucura e de seus heterogêneos sujeitos.

Os loucos ou semiloucos que lá vi pareceram-me pertencer à última classe dos malucos. Tenho, desde os nove anos, vivido no meio dos loucos. Já mesmo passei três meses mergulhado no meio deles; mas nunca vi tão vulgares como aqueles. Eram completamente destituídos de interesse, átonos, e bem podiam, pela sua falta de relevo próprio, voltar à sociedade, ir formar ministérios, câmaras, senados e mesmo um deles ocupar a suprema magistratura.<sup>267</sup>

---

<sup>267</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Da minha cela. In: **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.286.

Em meio à dominação, pensamos as resistências articulada por esses sujeitos excluídos e interditados de seus direitos como elemento capaz de nos fornecer um olhar sensível a experiência do louco no hospício. Resistências que não devem ser percebidas somente pelo viés da luta, mas em ações cotidianas presentes em escritos autobiográficos, em reclamações e angústias expressas em cartas destinadas às famílias, cartas essas que na maioria das vezes não eram entregues, mas arquivadas nos prontuários dos loucos e analisadas como comprovação de sua anormalidade. Nos silêncios destinados às perguntas dos médicos, nos adereços produzidos improvisadamente pelos internos em busca de romper com a padronização do uniforme. Nas aproximações empreendidas por parte dos loucos em relação aos funcionários e médicos do hospício para obter cigarro, jornais, lápis e papel, além do acesso às alas mais confortáveis do manicômio e à biblioteca.

James Scott, em “A dominação e a arte da resistência”, trabalha o conceito de resistência não apenas como ações políticas públicas, mas como uma dimensão discreta da luta política. Ele utiliza o termo “infrapolítica”<sup>268</sup> para definir as estratégias que a resistência dos subordinados deve assumir em condições de grande perigo. Para ele, essa luta discreta é exercida todos os dias pelos grupos subordinados, e a sua invisibilidade apresenta-se como uma opção tática resultante de uma consciência prudente do equilíbrio do poder. Sujeitos que executam suas lutas culturais e que se expressam politicamente de maneira velada por não poder expressar suas opiniões e ações. Grupos subordinados que empreendem suas resistências tendo em vista a ausência de proteção e comunicam-se de uma maneira entre si e de outra diante das autoridades.

A história, ao pensar a loucura através do próprio louco, deve perceber o enfrentamento de discursos, no qual o louco desafia o discurso normal e sua voz apresenta-se como um testemunho do seu tempo. Porém, esse enfrentamento se dá muitas vezes por meio de “discursos ocultos”,<sup>269</sup> que substituem a agressão direta por parte dos subordinados aos dominantes. Scott nos fala acerca do discurso oculto enquanto prática:

A resistência, tal como a dominação, conduz uma guerra em duas frentes. O discurso oculto não é um mero rol de queixumes e imprecações sussurrados fora de cena; é também a concretização de um sem-número de estratégias pragmáticas e discretos destinados a minimizar a apropriação material.<sup>270</sup>

---

<sup>268</sup> SCOTT, James C. **A dominação e a arte da resistência**. Discursos ocultos. Ed. Letra livre, 2014.

<sup>269</sup> *Id.*, *Ibid.*

<sup>270</sup> *Id.* *Ibid.*, p. 259.

Mas não só os silêncios dos loucos nos revelam resistência, e os discursos empreendidos pelos mesmos nos sinalizam que padrões antes vistos como definitivos em determinadas sociedades podem ser problematizados, e que as questões que perpassam verdade e falsidade, realidade e ilusão também podem ser colocadas à prova.

Com isso, ao investigar a “escrita de si” sobre a experiência com a loucura dentro do hospício, não devemos pensá-la apenas como caso extraordinário, que faz daquele que a escreveu um “grande louco”. Devemos vê-la como documento capaz de nos fazer pensar acerca da apropriação e da degradação social experimentadas por essas pessoas que enfrentaram vigilância, disciplina, punições e controle dentro da instituição, além de apreender o antagonismo fundamental entre os objetivos dos médicos e dos loucos.

Ao traçar uma história social da loucura a partir de Lima Barreto, buscamos investigar e problematizar os processos que contribuíram, ao longo da história, para a construção do sujeito doente (louco), do próprio tratamento e do confinamento apoiado pela sociedade. Pensamos as ações dos sujeitos repreendidos publicamente e destinados ao mundo do hospício como forma de disciplinarização, submetidos a uma relação de poder em relação aos médicos, mantida pela instituição, que tem como função central a apropriação e a subordinação dos mesmos. Porém, buscamos não perder de vista o alerta, feito por James Scott, de não incorremos no erro de naturalizar os processos de dominação; afinal, os grupos subordinados desenvolvem estratégias para se oporem e inverterem a lógica de controle em busca de suas liberdades.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cheio de mistério e cercado de mistério, talvez as alucinações que tive as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuir à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe...<sup>271</sup>

Sujeitos expostos à jurisdição do social e à supremacia do Estado – entregues à luz da razão de doutrinas irrefutáveis adornadas de certezas capazes de medir o espírito e de catalogar pensamentos –, suprimidos por leis e costumes condenatórios e eficazes em segregação, vistos *a priori* como de primeira grandeza por salvaguardar o “bem comum”. A obsessão dos ditos civilizados, possuidores da sabedoria e do poder condenando mulheres e homens a encarceramentos severos e perpétuos, extirpando direitos essenciais, negando-os a prerrogativa da liberdade. De um lado, homens de ações idôneas predestinados a curar, acobertados pelo aval do Estado e pela credulidade social, decretam-se porta-vozes do veredito da loucura e decifradores de sua origem e mistérios. Do outro, doentes sujeitados às suas anomalias e ao desajuste de suas mentes, violadores de boas condutas e infratores de normas, reduzidos à patologia que senhoreiam, catalogados a partir de teorias abstratas, despojados de cidadania e de humanidade, condenados ao lugar da salvação. O hospício, depositário de gente, reservado aos indigentes e aos antissociais. Aparato estatal medicalizado, guardião do conteúdo excludente e discriminatório da ciência, cemitério dos vivos, supressor da lucidez e palco do espetáculo da loucura. Mecanismos sociais e históricos desarmônicos, conjecturados por seres e temporalidades díspares, urgentes à pesquisa, advento de perguntas e limiar de respostas, umas e outras infundas.

Os capítulos que se propuseram à investigação da experiência manicomial de Lima Barreto buscaram elucidar as dimensões que atravessam a loucura, como a dor, a estigmatização e a pluralidade, a partir de um dissidente que desafiou a exclusividade do saber psiquiátrico, que dissecou o hospício e que trouxe consigo a marca torturante da loucura.

Vislumbrando romper com o silêncio imposto aos sujeitos sentenciados como loucos, trazendo seus olhares à história social enquanto campo de estudo, tentamos seguir de perto os processos históricos de sujeitos desapropriados de lucidez e do controle de suas vidas, experimentando suas resistências e anuências ao ambiente de opressão, a partir de negociações, obediências e negações às condições de vida impostas pelo aparato do hospício,

---

<sup>271</sup> BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O Cemitério dos Vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p.64.

compreendendo a profundidade de suas falas, ditas muitas vezes à revelia, urgentes à análise histórica e social.

No entanto, muitas questões que tangenciam o universo da loucura e de seus sujeitos se mostraram inalcançáveis por questões de cunho metodológico, uma vez que documentos que trazem a fala dos sujeitos internados são raros. Ressaltamos que nunca foi de nosso interesse o fechamento de uma questão tão dilatada quanto à experiência da loucura e que, durante o processo de análise, a pesquisa nos foi apontando outros elementos importantes à compreensão da loucura, mas que, por conta de nossos recortes temporal e espacial, da ausência de documentação necessária e da escolha e fundamentação teórica, não puderam ser investigados a fundo.

Elementos essenciais para uma análise profícua que não centralizaram nossa análise, porém, apresentaram uma infinidade de pistas para passos futuros, como: a problemática em torno da abrangência de trabalhadores negros, braçais e pobres no contingente do hospício, a relação entre loucura e trabalho, a condição das mulheres, a questão racial, a relação entre crime e loucura, a moralidade definidora de sintomas da loucura, a trajetória dos médicos dedicados à questão da doença mental no Brasil da Primeira República, como Juliano Moreira, outros intelectuais e artistas internados em hospícios, além da experiência de outros sujeitos que aparecem nos livros de registros onde se encontram os prontuários de Lima Barreto.

Entre os limites de nosso trabalho apontados e de tantos outros não percebidos, as diversas formas de instituições totais também nos apontaram possibilidades de estudos acerca da exclusão, perpassada por teorias e práticas diversas, contando com defensores e críticos, mostrando-se por vezes eficazes e em outras opressoras.

A partir da observância da escrita de si de Lima Barreto, que traz a sua experiência como paciente psiquiátrico, conseguimos alcançar aspectos que compuseram suas experiências cotidianas no cemitério dos vivos, constatando o ecletismo dos sujeitos, dos discursos e das terapias intrínsecas ao angustioso e misterioso universo da loucura.

A ausência de luz predominante na situação limite imposta pelos processos de reclusões forçadas, engendrou os desabafos do escritor que por nós foram analisados. Em tom amargo e irônico, sinalizou denúncias da vida dentro de um hospital psiquiátrico, trazendo questões do mundo da doença mental que perpassaram o seu tempo e que são ainda presentes nos dias de hoje, configurando-se como pautas de reivindicações da luta antimanicomial. Tratamentos abusivos, sequestros, violência, terapias químicas e físicas condenadas pelos

Direitos Humanos, opressão, superlotação, péssimas condições sanitárias, alimentação precária e negligência por parte do poder público.

O hospício, a psiquiatria e a sociedade constituem a escrita desenvolvida no *Diário do Hospício*, que expõe o mundo sigiloso e rompe com a mudez do espaço asilar através de um escritor voltado às questões sociais de seu tempo, que tirou do dia a dia o significado de suas obras e personagens.

Lucidez e denúncia marcam a fala de Lima Barreto, que aponta para questões íntimas e coletivas diante da relação com a loucura transformada – depois de um longo processo de conflitos sociais e científicos – em campo de saber exclusivo da psiquiatria, que instaura o hospício como lugar da salvação, mas que, longe de dar asilo aos necessitados, configurou-se como lugar do cárcere, onde seus prisioneiros foram transformados em objeto de comprovação e de experimento em estudos arbitrários que comumente generalizam diagnósticos e transformam indivíduos “improdutivos” em mão de obra fácil e gratuita, com a justificativa da ordem e do progresso.

Os significados alcançados na investigação foram muitos, entre eles as ambiguidades e contradições de um observador/observado que a partir da concretude de suas ações, demonstra uma experiência não linear e luta para não sucumbir à situação de rebaixamento moral que enfrentou. Entendemos que a condição assumida por Lima, que observou, registrou e significou as vivências do hospício, não é apenas delineada por embates e inconcordâncias, mas tecida também por cumplicidades. Aspectos que em nada anulam sua capacidade crítica e contribuição social que resvalam na publicação das arbitrariedades e injustiças cometidas entre os quatro muros do hospício, muitas vezes guardadas a sete chaves.

As tensões e cumplicidades de Lima Barreto com o aparato que envolve a loucura aparecem em seus textos, desvendando silêncios e incoerências. No decorrer da pesquisa, buscamos respeitar a lógica própria de sua escrita, observando-a como produto de sua situação e de seu tempo, lendo-a como um testemunho suscetível à problematizações.

Lima enfatizou a visão que se tinha da loucura como a manifestação de comportamentos socialmente não aceitos e insistiu no seu caráter misterioso e interpenetrável. Condenou a associação entre loucura e incapacidade intelectual, afirmando que, como qualquer outro aspecto que perpassa a vida humana, há indivíduos diversificados. Criticou a percepção de leigos e de especialistas que acreditavam que o uso indevido da intelectualidade, como o excesso de estudo, poderia provocar a loucura, especialmente nos indivíduos despreparados para o esforço intelectual por não ter uma formação acadêmica.

Negou as explicações abrangentes e homogeneizadoras empreendidas pela psiquiatria, colocou em questão o diagnóstico médico que o teria conduzido ao hospício, pautado em justificativas raciais e em causas hereditárias. Condenou o autoritarismo do saber psiquiátrico ao estabelecer uma relação de cima para baixo com os ditos pacientes, obrigados a ceder à sua autoridade. Afirmou não aceitar todos os argumentos da ciência como verdadeiros e atribuiu o seu vício com o álcool às angústias pessoais que carregava, rebatendo os argumentos que o enfatizavam o aspecto hereditário. Denunciou a intromissão da polícia, que, a partir de uma lógica discriminatória e violenta, auxiliou a psiquiatria no sequestro dos indivíduos compreendidos como loucos e vistos como socialmente inúteis.

O hospício, longe de ser um meio terapêutico justo e eficaz, foi descrito pelo escritor como um lugar de injustiça, exclusão e miséria. Lugar da morte social, onde se aguarda a morte física – o cemitério dos vivos – , o manicômio foi apontado por Lima a partir de suas dimensões cotidianas, cômicas e trágicas, e afirmou sobre o diário que, “nessas páginas contarei, com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis”, e ainda destaca: “Tenho visto coisas interessantíssimas!”<sup>272</sup>

Essas “coisas interessantíssimas” não foram pensadas apenas como um caso extraordinário de uma escrita produzida dentro do hospício e por uma espécie de “grande louco”. Buscamos vê-las como um documento capaz de nos fazer pensar acerca da degradação social experimentada por essas pessoas que enfrentaram vigilância, disciplina, punições e controle dentro da instituição. Seria possível, assim, apreender o antagonismo fundamental entre os objetivos dos médicos e dos loucos.

Não reivindicamos a condescendência da posterioridade com relação aos textos escritos pelos “loucos”, mas não aceitamos que sejam ignorados ou tratados apenas como casos ou sintomas. Demarcá-los como heróis e radicais concluindo que suas vozes emitem protestos e entoam o grito dos oprimidos, é relegá-los a generalizações. No entanto, há vozes que advém daqueles que viam o mundo a partir de baixo, outras emitidas por indivíduos que enxergavam a loucura como insurreição, mas que, embora muitas vezes emitam insatisfações e protestos, não significam que seus emissores não aceitem a sociedade que os relegou à doença e ao hospício.

---

<sup>272</sup> Entrevista concedida dentro do Hospício Nacional de Alienados ao Jornal *A Folha* em 31 de janeiro de 1920. BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Diário do Hospício; O cemitério dos vivos**. Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010. p. 295.

O escritor Lima Barreto, buscou explicar para si mesmo e para os outros, numa linguagem que estava ao seu alcance, a sua experiência, que não representa a totalidade da vida em consonância com a loucura, no entanto, elucida possibilidades de compreensão. A razão e a loucura colocadas em lados opostos, representando, todavia, duas facetas da mesma sociedade, uma questionando a outra. A normalidade, posta em superioridade, condena a loucura à irracionalidade, à imoralidade e à perversão; e a loucura, com seus sujeitos vistos de baixo, aponta hipocrisias, arbitrariedades, negligências, incoerências e insensibilidades da sociedade dita “sã”. O louco, por mais excluído e marginalizado que seja, não existe isoladamente dos outros indivíduos. Eles refletem e influenciam, negam e incorporam valores do seu tempo e do seu lugar, ainda que numa linguagem incompreendida e distorcida, denominada de delírio.

## 5 – REFERÊNCIAS

### INSTITUIÇÕES E LOCAIS DE PESQUISA

Biblioteca Nacional do Brasil. – Rio de Janeiro.

Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho. Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB). – Rio de Janeiro.

Plebeu Gabinete de Leitura. Fortaleza-CE

### FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **O alienista ; casa velha**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2008.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. 7. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. **Os Bruzundangas**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Brasiliense, 1956

\_\_\_\_\_. **Coisas do Reino de Jambon**. São Paulo, Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. **Diário do Hospício; O Cemitério dos vivos**.

Prefácio: Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

\_\_\_\_\_. **Diário do Hospício; o cemitério dos vivos**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, divisão de editoração. 1993.

\_\_\_\_\_. **Diário íntimo**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 5. ed. São Paulo: FTD, 1998.

\_\_\_\_\_. **Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas**. 2º ed. – Rio de Janeiro: Graphia, 1998.

\_\_\_\_\_. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1949.

\_\_\_\_\_. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. 2º Ed. São Paulo: Editora Escala, 1998.

---

\_\_\_\_\_. GRIECO, Agrippino. **Marginália:** artigos e crônicas. São Paulo, SP: Brasiliense, 1956.

### **FONTES MÉDICAS**<sup>273</sup>

Cópia da observação de paciente constante no livro de observações clínicas do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil. Confere com o original. I. Os da U.B. em 14 de maio de 1948. Cecília de Oliveira Rocha/ auxiliar de escritório. [Referente ao paciente Afonso Henriques de Lima Barreto].

Prontuário referente à primeira internação de 27/08/1914 a 13/10/1914 [do paciente Afonso Henriques de Lima Barreto]: Seção Calmeil do Hospital Gustavo Riedel. Livro de observações n° 9, pp. 76 e segs.

Prontuário referente à segunda internação de 25/12/1919 à 02/02/1920 [do paciente Afonso Henriques de Lima Barreto]: Seção Pinel do Hospício Pedro II. Livro de observações n°64 (04/10/1919)-(21/01/1920), pp. 144 e segs.

### **TESES DE MEDICINA**<sup>274</sup>

COSTA, Jonas Corrêa da. **Desinfecção pública.** These de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1896.

FERNANDES, Álvaro Octacílio Nogueira. **A questão da loucura moral, tratada sob o tríplice critério da psychologia positiva, do diagnóstico clínico e da terapia jurídica.** These de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1898.

JUNIOR, Claudio Justiniano de Sousa. **Dos nevropathas e degenerados.** These de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1897.

LEMOS, Jefferson Sensburg de. **Da influência dos fatores sociaes sobre a degeneração da espécie humana.** These de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1902.

---

<sup>273</sup> Documentação arquivada na Biblioteca Professor João Ferreira da Silva Filho. Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB).

<sup>274</sup> *Idem.*

OLIVEIRA, Pedro Baptista. **O flagelo alcoólico e a sociedade**. These de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina e de Pharmacia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1902.

## 6 – BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Marco Antonio. Hospício de doutores. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2008. v. 15, n.1.

\_\_\_\_\_. Para mim, Paraty. Alcoolismo e Loucura em Lima Barreto. **Rev. Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Drogas**. (Ed. port.) v.4 n.1 Ribeirão Preto, fev. 2008.

ARTAUD, Antonin. Carta aos Médicos-Chefes de Manicômios. In: WILLER, Claudio (tradução, notas e prefácio). **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre, L & PM Editores, 1983.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Arquivos pessoais, **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), v. 11, n. 21, p. 9-34.1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 20 abr. 2011.

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. **Cidade, saúde e doença: epidemias, endemias e serviços de saúde em Fortaleza (1838- 1851)**. ANPUH– XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza- 2009.

\_\_\_\_\_. Estabelecimento de saúde na Fortaleza provincial: uma implantação lenta e descontínua (1840-1860). **História e Perspectiva**, Uberlândia (47):35-54, jul/dez. 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Tradução: André BOURDIER. Pierre. A ilusão biográfica. Paris: 1986. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1986.

BRESCIANI, Maria Stella M. **Cultura e História: uma aproximação possível**. In: PAIVA, Márcia de. e MOREIRA, Maria Ester. (coord. Cultura. Substantivo Plural.). São Paulo, Editora, 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Londres e Paris no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CÂNDIDO, Antonio. “Os olhos, a barca e o espelho”. In: \_\_\_\_\_. **A Educação Pela Noite e Outros Ensaios**. 2º ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

- \_\_\_\_\_. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos**. N° 30 – Julho. 1991.
- \_\_\_\_\_. **Lima Barreto**/ seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (literatura comentada).
- CANGUILHEN, Georges. **O normal e o patológico**. 5° ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**; Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- \_\_\_\_\_. **História e Psicanálise**. Entre ciência e ficção. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. – 2 ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Lar, trabalho e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2. Ed. São Paulo: UNICAMP, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Machado de Assis, Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. **Sujeitos Sociais e Aporias do Tempo**. In: Maria Célia Paoli (org.).
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. 4.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Cidadelas da ordem**. A doença mental na República. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DE DECCA, Edgar Salvadori; LEMAIRE, Ria. **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP. 2000.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: **Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol.1. Editora 34, 1°Ed. 1995.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Cotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão**. Médicos, loucos e hospícios. (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

\_\_\_\_\_. A loucura, o hospício e psiquiatria em Lima Barreto. Críticas e cumplicidades. In: **Artes e ofícios de curar no Brasil**: capítulos de história social/ Sidney Chalhoub et al. (org) – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

FACCHINETTI, Cristiana. Hospital Nacional de Alienados: discursos e práticas para a sociedade brasileira. IN: XXIII Simpósio Nacional de História-ANPUH, 2005. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História-História**: Guerra e Paz, 2005.

FARIA, Antonio Augusto Moreira de e PINTO, Rosalvo Gonçalves, organizadores. **Lima Barreto Antologia de artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2012.

FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida**. A utopia médica do biodeterminismo. São Paulo: Alameda, 2009.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Lima Barreto e o fim do sonho republicano**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

\_\_\_\_\_. Lima Barreto e o romance: crítica e crise. **Teresa Revista de literatura brasileira**[14]; São Paulo, p. 141-166, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Historia da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

GARNEL, Maria Rita Lino. **Vítimas e Violências na Lisboa da I República**. Coimbra: G.C. Gráfica de Coimbra. 2007.

GEREMEK, Bronislaw. A literatura da Miséria. Literatura e Sociedade. O contexto social. A literatura do malandro. (pp. 13-40) In: **Os Filhos de Caim. Vagabundos e Miseráveis Na literatura européia**. 1400-1700. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

GOFF, Jacques Le. (apresentação). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. (org). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro. Ed. FGV, 2004.

\_\_\_\_\_ e SCHIMIDT, Benedito Bisso (organizadores). Memórias e narrativas (auto)biográficas – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GOMES, Roberto. O alienista: loucura, poder e ciência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5(1-2): 145-160, 1993.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HARDMAN, Francisco Foot. Palavra de ouro, cidade de palha. Literatura anarquista. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Trem fantasma**: a modernidade na selva. São Paulo: Cia das letras, 1988.

HIDALGO, Luciana. **Literatura da Urgência**: Lima Barreto no domínio da loucura. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis, Lima Barreto e a “verdade” da loucura. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 23, jul/dez. 2008.

HIGA, Mário. Lima Barreto. **Lima Barreto. Antologia de Crônicas**. São Paulo, Lazuli Editora, 2010.

HOBSBAWN, Eric J. **Da revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. Os trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOCHMAN, Gilberto. (org). **Cuidar, controlar, curar**: ensaios sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEVI, Giovani. Usos da biografia. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

LINEBAUGH, Peter e REDIKER, Marcus. A Hidra de Muitas Cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MACHADO, Roberto; Loureiro, Angela; Luz, Rogerio; Muricy, Katia. **Danação da norma – Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

\_\_\_\_\_. **Foucault, a ciência e o saber**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editorial Nacional. 2000.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

MELO, Ana Amélia M.C. e OLIVEIRA, Irenísia Torres (organizadoras). **Aproximações Cultura e Política. Fortaleza**: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

MOTA, André. A fonte da juventude brasileira: eugenia e saúde nos primórdios do século XX. **Revista Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 2, p. 175-189. 2005.

NEVES, Frederico de Castro. **A Multidão e a História**: saques e outras ações de massa no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. Caridade e controle social na Primeira República (Fortaleza, 1915). **Revista Estudos históricos**. Rio de Janeiro. vol.27 no.53 Rio de Janeiro Jan./Jun 2014.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Lima Barreto e Oswald de Andrade: trajetórias no processo de atualização artística brasileira (1900- 1930). In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos e FILHO, Antonio Luiz Macêdo. Organizadores. **História e historiografia**: perspectivas e abordagens Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014.

\_\_\_\_\_. e SIMON, Iumna Maria. (organizadoras). **Modernidade e Tradição na Literatura Brasileira**. São Paulo: Nankin, 2010.

\_\_\_\_\_. Sátira e crítica social num conto de Lima Barreto. **Revista Cerrado**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Departamento de Teoria Literária e Literatura. v. 18, n. 28. 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, n.6, 2006.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Literatura e História Social: A “geração boêmia” no Rio de Janeiro do Fim do Império. **História Social**. Revista da Pós- Graduação em História IFCH- UNICAMP. 1994.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros; tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PORTER, Roy. **Uma história social da loucura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora LTDA, 1990.

PRADO, Antonio Arnoni. **Cenário com retratos**: esboços e perfis. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_; HARDMAN, Francisco Foot. (org.). **Contos Anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRIORE. Mary Del e AMANTINO, Marcia. (orgs.). **História do corpo no Brasil**. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar**: a utopia da cidade disciplinar. Brasil –1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. 1ed. Rio de Janeiro: Autêntica, 2016.

\_\_\_\_\_. e Raquel Valença. **Lima Barreto**. Toda crônica: vol. I (1890-1919). Rio de Janeiro: Agir. 2004.

\_\_\_\_\_. **O Lima Barreto que nos olha**. Disponível em :

<http://www.revistaserrote.com.br/2016/01/o-lima-barreto-que-nos-olha-beatriz-resende/>.

REIS, Zenir Campos. O mundo do trabalho e seus avessos: a questão literária. In: BOSI, Alfredo (Org.) **Cultura Brasileira**. Temas e Situações. SP, Ática, 1992.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Fátima. **Cemitério dos vivos de Lima Barreto**: entre o documento biográfico e a elaboração ficcional. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

SALES, Eliana. **O alcoolismo nos boletins de higiene mental na década de 1930**. III

Colóquio de História-Brasil.: 120 anos de República. UNICAP-Recife-PE-19 a 22 de outubro de 2009.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. **Alcoolismo: a invenção de uma doença**. São Paulo: Campinas; 1995.

\_\_\_\_\_. Bêbados e alcoólatras, medicina e cotidiano. In: **Uma história brasileira das doenças**, v.2. Nascimento, Dilene Raimundo do. Carvalho, Diana Maul de. Marques, Rita (orgs.); Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

\_\_\_\_\_. e VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. **História. Ciência. Saúde – Manguinhos**. vol.17 supl. 2, Rio de Janeiro, Dec. 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

\_\_\_\_\_. O homem da ficha antropométrica e do uniforme pandemônio: Lima Barreto e a internação de 1914. **Revista Sociologia e Antropologia**. V.1: pp. 119-150, 2011.

SCHWARZ, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCOTT, James C. **A dominação e a arte da resistência**. Discursos ocultos. 1.ed. Livraria Letra Livre, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. Nicolau Svecenko.- São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe. A experiência literária da loucura em Lima Barreto. **Interdisciplinar**. Ano 3, v. 5, n° 5- Jan- jun de 2008.

SOUZA, Ricardo Luiz. Olavo Bilac e Lima Barreto, jornalistas. **Revista Projeto História**, São Paulo, n 35, dez. 2007.

STAROBINSKI, Jean. A literatura. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

Telles, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

THOMPSON, Edward P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos**. Campinas:Ed. Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TRAVANCAS, Isabel. (organização, apresentação). **Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

TRINDADE, Isabela da Hora. **Páginas íntimas – o Diário Extravagante de Lima Barreto**. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos comparados de Literatura de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2012.

VERANI, Ana Carolina. **O triste fim de Lima Barreto – Loucura e sociedade no Brasil da Belle Époque**. Rio de Janeiro: PUC, 2003. (Dissertação de Mestrado em História).

WADI, Yonissa Marmitt. A escrita epistolar no hospício: documento médico, documento histórico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol.VIII, n. 1, março, 2005.

\_\_\_\_\_. e SANTOS, Nádia Maria Weber, organizadoras. **História e loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: de Coleridge a Orweel**. Tradução de Vera Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar. 1979.